

REVISTA DA SEMANA

N.º 30

NA CAPITAL CR\$ 1,50 — NOS ESTADOS CR\$ 2,00

27-7-46



7
1/2



O mundo é seu...
pelo CLIPPER

Amanhã... você poderia estar fazendo compras na Quinta Avenida, assistindo a uma peça num teatro da Broadway, jantando num restaurante famoso de Manhattan. Porque *hoje*, Nova York está a pouco mais de um dia de vôo do Rio, — graças aos Clippers da Pan American World Airways e às suas escalas que economizam tempo! Deixe agora, a cargo do seu agente de viagens ou da Secção de Passagens da P.A.A., o trabalho de organizar a sua viagem *direta* por avião, para desfrutar deliciosas férias na "cidade dos arranha-céus".

NOVA YORK
Metrópole do Mundo

PAN AMERICAN
 **WORLD AIRWAYS**
A Rede dos Clippers

A' esquerda
dentora apo

O

O cente
lho ultim
mais sign
da históri

Festejo
páticas re
de o dia e
bel Crist
faela Go
por trás
conhecid
sar e con
sado cuje

Filha
admirado
que a h
dedica a
com isso
das as b
Isabel co
te na his
penhar c
cisivas c
que foi

Apeza
história
implicar
formula
veis, a
saliando
perder
aurea.

Com
rável se
os mais
mo com
ras e o
trono c
uma po
sobrep
ra com
ção do

A jo
Améric
da Eur
ao ind
das gra
voluçã
que re
res da
Equad
a que
sileiros

Toda
zemos
como
póster
históri
Prince



A' esquerda, a Princesa Isabel, ainda menina, em companhia de seus pais, Don Pedro II e a Imperatriz dona Tereza Cristina, e de sua irmã Leopoldina. — A' direita: A Redentora apoiando-se ao braço do Imperador. Sentada, a Imperatriz. Na gravura, também o Príncipe Don Pedro e o Conde d'Eu. Os três meninos, são os filhos da Princesa Isabel.

O CENTENARIO DA PRINCESA

O centenário que se comemorou a 29 de julho ultimo é dos mais gratos ao coração e dos mais significativos do ponto de vista político, da história brasileira.

Festejou-se por entre reverenciosas e simpáticas recordações um século que passou desde o dia em que veio ao mundo a princesa Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Rafaela Gonzaga, tão desfigurada a sua figura por trás desse nome comprometedor mas não conhecida e amada dos brasileiros ao conversar e conviver com os grandes vultos do passado cujos atos repercutem na posteridade.

Filha de reis, desfrutando as honrarias dos admiradores sinceros, suportando o beija-mão que a hipocrisia das "entourages" imperiais dedica a todo herdeiro de trono, mas gosando, com isso, da amizade incondicional a que todas as boas criaturas têm direito, à Princesa Isabel como a conhecemos mais familiarmente na história, coube a oportunidade de desempenhar o principal papel numa das etapas decisivas da vida do país, assinando a Lei Aurea que foi o prelúdio da República.

Apezar de novas interpretações dos fatos da história aceitas e professadas posteriormente, implicarem na revisão de muitos conceitos formulados e tidos como verdades irremovíveis, a abolição da escravatura continua desafiando o desgaste de novas análises, sem perder o brilho que lhe valeu o cognome de aurea.

Com a lei de 13 de maio de 1888, em memorável sessão a que estiveram presentes não só os mais fervorosos partidários do abolicionismo como representantes de nações estrangeiras e os membros do governo, a herdeira do trono de Pedro II conquistou para o Brasil uma posição de grande revelo que vinha se sobrepor de muito à conquistada após a guerra com o Paraguay e as lutas pela consolidação do Império.

A jovem nação aparecia assim aos olhos da América que se enriquecia com o petróleo e da Europa que se entregava de corpo e alma ao industrialismo nascente, como depositária das grandes idéias liberais semeadas pela revolução de 1789 e cultivadas na terra cabocla que recebeu como seiva o sangue dos mártires da Inconfidência, da Confederação do Equador e de outros movimentos libertários a que se entregavam com patriotismo os brasileiros.

Todavia e a propósito da restrição que fizemos acima quanto à qualidade da Abolição como fato incólume perante o julgamento dos pósteros, cabe fazer, em benefício da verdade histórica e mesmo em honra à memória da Princesa Isabel, um reparo que ultiores

apreciações daquele movimento aconselham e exigem que se faça.

Trata-se de substituir o conceito de generosidade, de benevolência, de magnanimidade que costumamos adotar quando nos referimos à sucessora de D. Pedro II (e isto porque todos os livros didáticos infelizmente ainda o fazem), pelo de compreensão das necessidades sociais, de visão política esclarecida, de inteligência, enfim.

Assumindo esta atitude, o observador longe de desmerecer o gesto da Princesa, como pode parecer às interpretações puramente afetivos e consequentemente falsas, dos movimentos sociais, ao contrário, empresta-lhe uma nova aura de prestígio sempre renascente que é o prestígio dos atos inspirados nos ideais democráticos.

Além disso, estaremos atribuindo àquela que é conhecida como a Redentora não o procedimento de uma sinhá moça de bom coração que tem pena dos seus escravos, de um estadista que governa um país segundo os impulsos do coração (que o coração às vezes tem espinhos em vez de rosas), pois tais sentimentos têm mais significação doméstica do que política, mas, a atitude de uma governante identificada com as aspirações do seu povo, sentindo as suas necessidades coletivas

Um retrato historico de Isabel, a Princesa Redentora, em plena mocidade.



e satisfazendo-as através de realizações objetivas.

Além do mais, cabe referir aqui outro aspecto não menos digno de consideração: o senso da oportunidade. O movimento abolicionista de há muito havia passado a sua primeira fase de opiniões sustentadas ligeiramente em conversas de esquina e esquecidas logo a seguir, depois do primeiro cigarro, já conquistara os fóros de uma revolução que sacudia de entusiasmo todas as consciências embebidas nas lições da revolução francesa e estimuladas pela tradição de lutas pela liberdade, aqui mesmo dentro do Brasil.

Por conseguinte, a questão não se resumia mais em atender ou deixar de atender ao clamor da imprensa em que flamejava a pena candente de Patrocínio e de Aristides Lobo, e da cátedra irreverente de Benjamin Constant ou da tribuna vibrante de Lopes Trovão. Tombém não era mais tempo de ouvir, ou deixar ao saber dos acontecimentos, os interesses dos fazendeiros e senhores de engenho cuja economia assentava miseravelmente na base dolorosa do trabalho humano forçado, da escravidão abjeta. O que urgia fazer — e isso a Princesa Isabel viu com os olhos de um verdadeiro estadista — era salvar a sorte do Império, assegurando a sua continuidade com um ato que reconquistasse as simpatias aos poucos perdida, o apoio popular desperdiçado na posição odiosa a que o trono chegara, de responsável pela permanência do trabalho escravo no Brasil.

E foi o que ela fez, atendendo a que os reclamos do povo eram mais ponderáveis do que a obstinação dos escravistas alimentada pelo interesse material da exploração do homem pelo homem na sua mais negra manifestação.

Se não viesse a Lei Aurea a República seria um filho precoce mas teria nascido alguns anos antes de 89. E Sua Alteza, a augusta filha do Imperador, que já assinara a Lei do Ventre Livre em 1871, não tergiversou: deu liberdade aos escravos do Brasil, extinguiu a mancha negra da nossa realidade política de então.

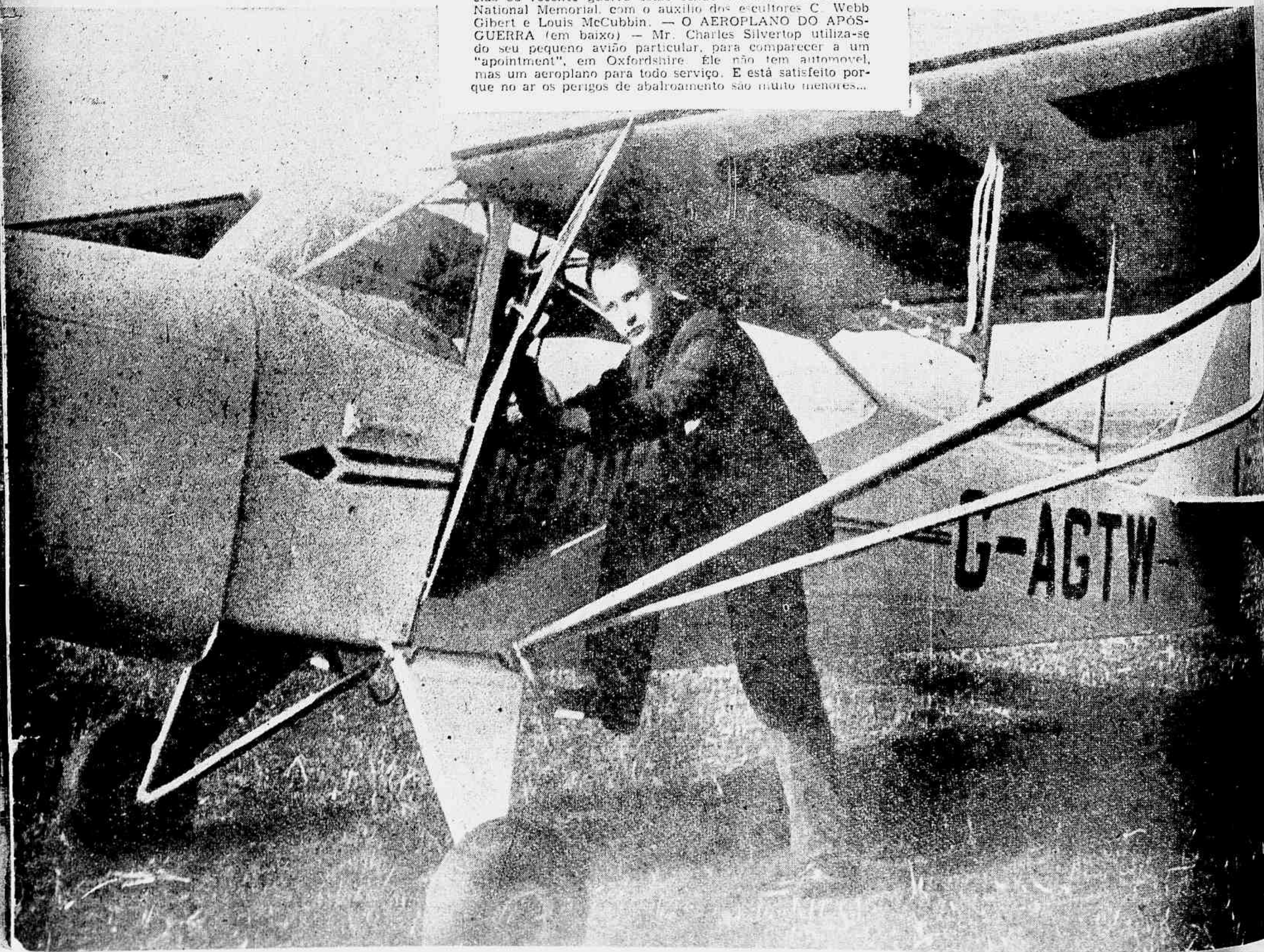
Chamêmo-la por isso, não a Redentora, que o nome traz a lembrança de atributos de magnanimidade, de excesso de personalismo tão inatual numa época em mais uma vez os povos conquistam, eles mesmos, os seus direitos, mas de Isabel a estadista que soube agir com inteligência e elevação de espírito numa crise aguda do Império que estava em suas mãos.

Com isto cremos render-lhe a mais sincera homenagem que todos os brasileiros lhe devemos.

ÍNDIO TABAJARA



O EXEMPLO DA GUERRA — (ao alto) — O National Memorial, de Sidney, possui uma interessante série de quadros feitos com o recurso do gesso e de outras materias primas, reproduzindo episodios historicos das duas Grandes Guerras. A gravura mostra um ataque no Mont St. Quentin, em 1918, enquanto as mais importantes ocorrencias da recente guerra estão sendo também evocadas no National Memorial, com o auxilio dos escultores C Webb Gibert e Louis McCubbin. — O AEROPLANO DO APÓS-GUERRA (em baixo) — Mr. Charles Silvertop utiliza-se do seu pequeno avião particular, para comparecer a um "apointment", em Oxfordshire. Ele não tem automovel, mas um aeroplano para todo serviço. E está satisfeito porque no ar os perigos de abaloamento são muito menores...



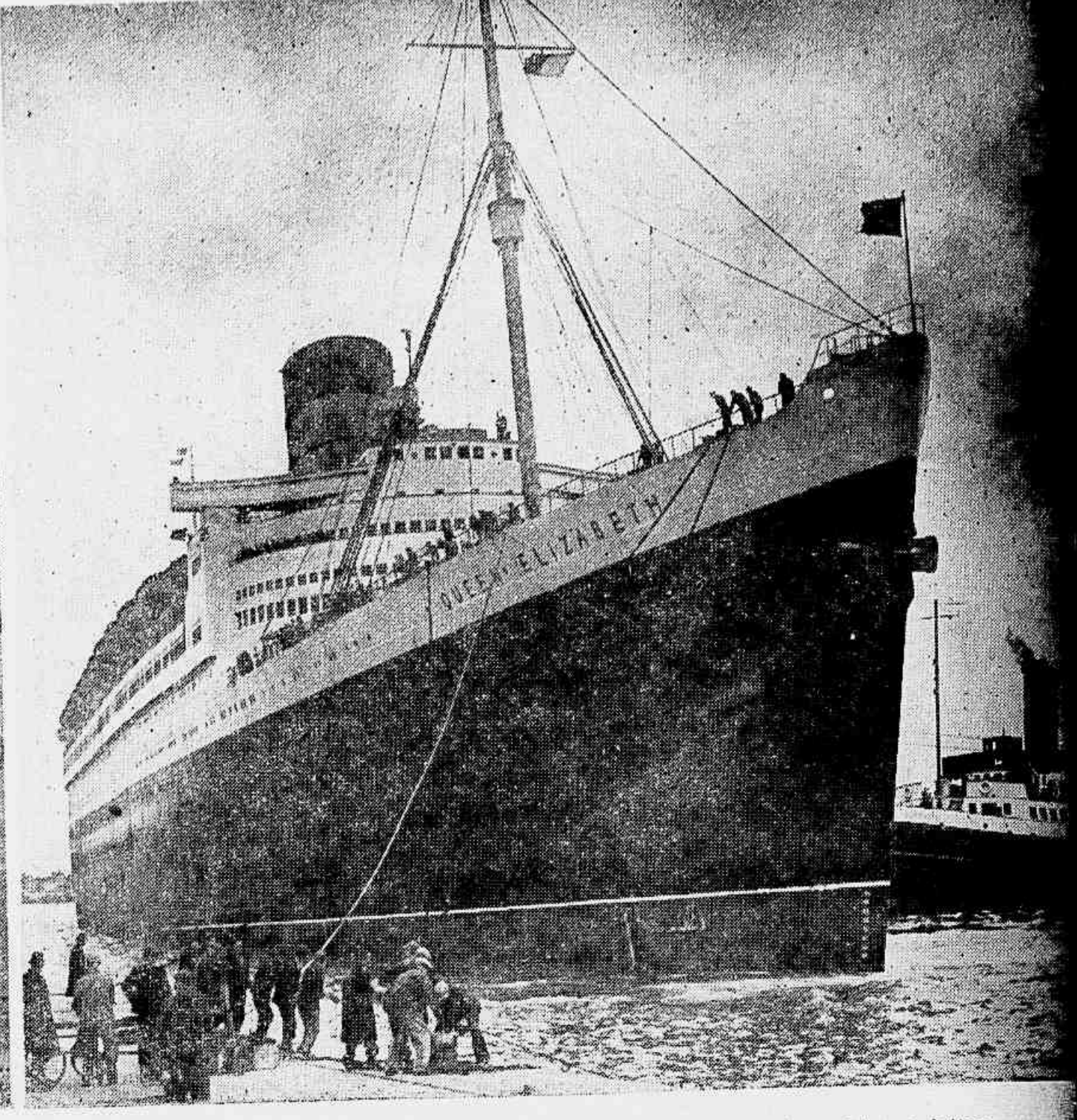
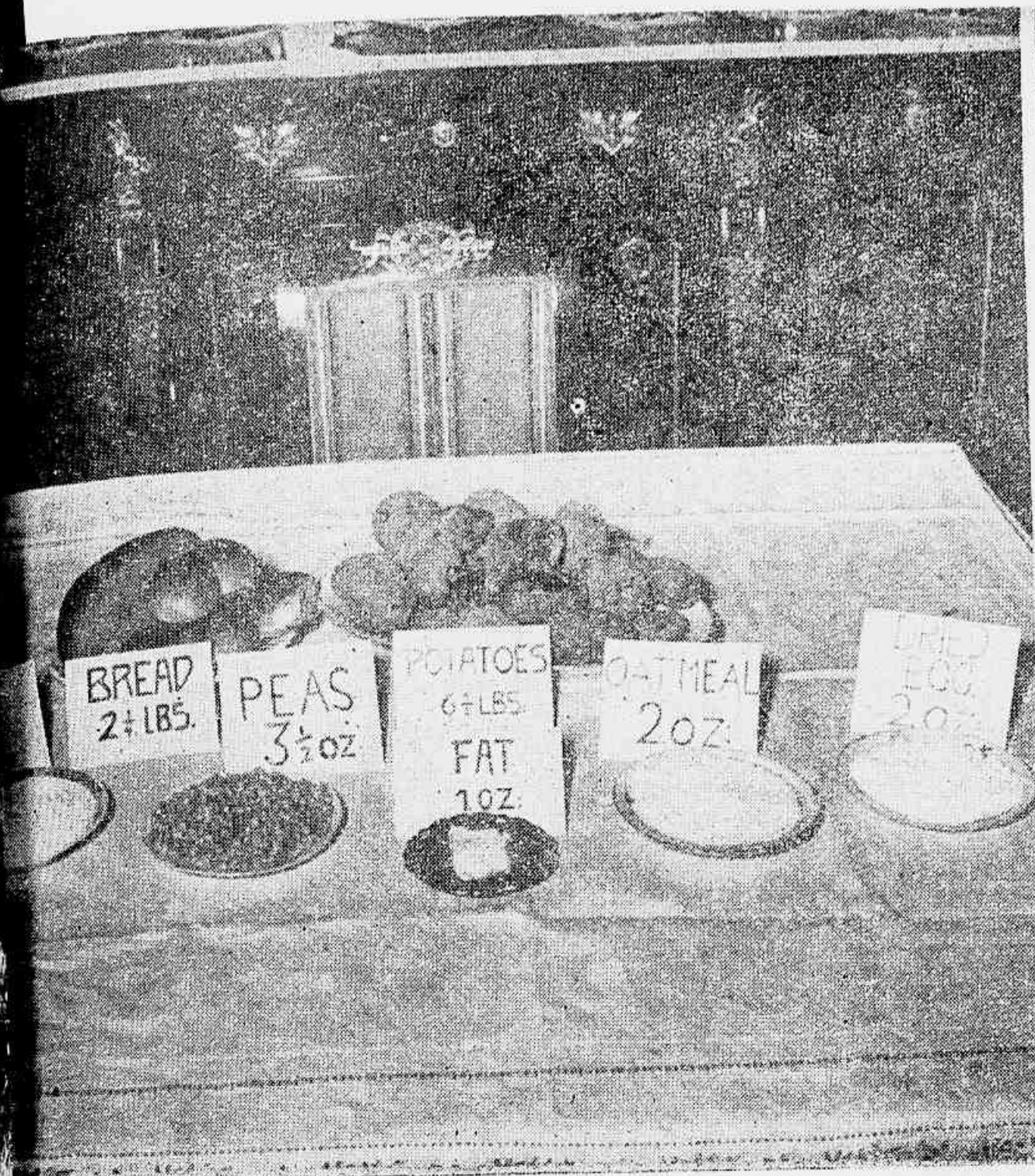
BRE
24

RACION
si ha mo
leite em
transatl

O
P

Aqu
gráfico
vaga,
Enqua
habita
femin
maior
Silver
para
ro" a
de un
mo tr
escri
relho
diabo
cod
"barl
ansio
Po
rotin
"Que
ciada
não
— q
terro
se d
anta
M
no r
se, f
acha
nha
dev
don
las,
de p
mer

MIS
Aide
Que
do
uma
a Si
des



RACIONAMENTO NA AUSTRIA — (à esquerda) — Muitas discussões tem surgido á mar fém da redução dos alimentos feita pelas autoridades britânicas em Viena. Diga o leitor si ha motivo para protesto, vendo no "clichê", a ração para uma semana da a uma dona de casa: 2 onças de ovo em pó, uma de banha, 3 1/2 de ervilhas, 9 de aveia e 13/4 de leite em pó, 6 1/2 libras de batatas e 2 1/4 libras do pão. Será pouco? — O **"QUEEN ELIZABETH" EM AÇÃO** — (à direita) — Refeito das tormentas de guerra, o gigantesco transatlântico "Queen Elizabeth" sãe do porto de Southampton, zarpando com destino outras terras e reencetando suas viagens de paz, com o transporte regular de passageiros para os EE. UU.

O QUE VAI PELO MUNDO

Aqui estão alguns curiosos flagrantes fotográficos para dar ao leitor uma idéia, embora vaga, do panorama europeu de após-guerra. Enquanto na Australia já se preocupam seus habitantes em promover concursos de beleza feminina, prova evidente de não existirem maiores tormentas, o norte-americano Charles Silvertop resolve acabar com os automoveis para seu serviço pessoal, comprando um "carro" aéreo. Quando precisa almoçar em casa de um amigo, numa cidade vizinha, ou mesmo transportar-se do seu apartamento para o escritório, vai pelos ares, no seu pequeno aparelho. E, superior, lá do alto sorri dos pobre-diabos que aqui em baixo, vão correndo o risco de um abalroamento com os motoristas "barbeiros" e com os inspetores de veículos, ansiosos de multar os incautos...

Por sua vèz a Inglaterra devolve ao serviço rotineiro de paz, o monumental transatlântico "Queen Elizabeth". Novas travessias são iniciadas entre o Velho e o Novo Mundo. Quem não encontrar passagem nos "Constellation" — que por sinal tiveram suas atividades interrompidas bruscamente — poderá utilizar-se da via-marítima, como nos bons tempos de antanho...

Mas a atração maior desta página, consiste no racionamento de uma dona de casa vienense, feito pelas autoridades britânicas. Si elas acham pouco receber batatas, pão, leite, banha, ovo em pó, ervilhas e aveia, qual não deve ser o protesto das nossas patricias, as donas de casa brasileiras, às voltas com as filhas, e a ausencia completa de tantos gêneros de primeiríssima necessidade para dar de comer aos filhos e ao marido!

MISS AUSTRALIA 1946 — (à direita) — A joven Rhonda Alder Kelly, de 19 anos de idade, uma bonita loura de Queensland, na Australia, foi eleita a mulher mais bela do país, em renhida competição. Como prêmio, ganhou uma viagem á Inglaterra e aos EE. UU., devendo voltar a Sidney em dezembro, onde servirá de modelo nas grandes casas de modas. Era uma humilde funcionaria de escritório. Hoje tem o futuro garantido.



A SEMANA EM REVISTA

ESTRANHA DECISÃO



Em 1939 o nazismo desencadeou uma guerra contra a Polónia, depois contra a França e a Inglaterra, os Estados Unidos, a Rússia o mundo inteiro. Ninguém escapou ao flagelo. Todos, mouros e cristãos, tiveram de pagar o tributo de sangue, suor e lágrimas, por terem fechado os olhos enquanto o assassino alia suas armas. O furacão espalhou pelos quatro cantos do mundo e um triste dia se abateu sobre nós, brasileiros pacíficos e trabalhadores, (malgrado as letras comprometedoras de certos sambas...) Nesse dia os nazistas torpedearam traiçoeiramente cinco navios nossos que trafegavam tranquilamente pelos nossos decantados "verdes mares".

Todos sabem o que aconteceu depois: houve algumas explosões, gritos, ais, prantos e lamentos. E depois, centenas de famílias enlutadas e cadáveres boiando nas

praias.

Toda a nação se levantou num protesto uníssono contra a agressão covarde. Houve passeatas, comícios e outras manifestações, em que os soluços das famílias atingidas pela desgraça se misturavam com os protestos inflamados da dignidade de um povo ferido na sua honra.

E o resultado é que seguiu, tempos depois, para a Itália, uma Força Expedicionária que lia responder, frente a frente, a agressão traçoira.

Lá os nossos pracinhas se portaram como os mais legítimos herdeiros da bravura do Osório, do coronel Camisão, do marinheiro Greenhalgh, de frei Caneca e tantos outros. Que importava que o caminho dos Apeninos fosse marcado de cruces? Que importavam as canseiras, as noites de vigília, a sede, o frio cortante e a canção sinistra das metralhadoras inimigas? Era o Brasil que eles estavam defendendo: a mulher, os filhos, o rio Amazonas, Copacabana e os cafezais de São Paulo.

Mas havia dois brasileiros que não pensavam assim. Serviam ao inimigo, inclinando os "pracinhas" à rebelião, à deserção, a tudo o mais que cheirasse a traição. E diziam que os alemães eram uns anjinhos, uns incompreendidos, uma legião de apóstolos do bem. O microfone era a sua arma e o estúdio do inimigo o seu abrigo. Vergonha!

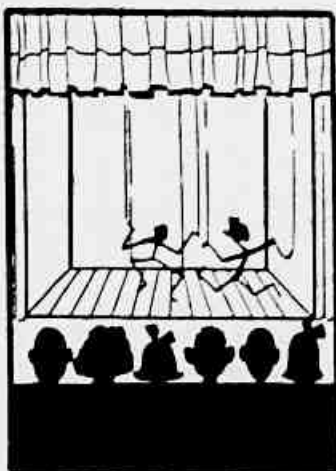
Mas um dia, chegou a vez dos homens de bem, os alemães foram vencidos e com eles os seus lacaios, inclusive Balbino e Margarida Hirschmann, os locutores brasileiro.

Tribunal com eles. Todo mundo pensou que era o fim daquelas vidas inúteis. Mas, ó surpresa! Os dois traidores foram absolvidos e estão passeando pelas ruas como qualquer "pracinha" desempregado...

E ao vê-los, o ex-herói da FEB bem pode conjecturar:

— Foi para "isso" que os meus amigos ficaram no cemitério de Pistoia?

PARA AS CRIANÇAS TRISTES DA FRANÇA



Publicamos neste número uma reportagem sobre o trabalho de menores, esses heróis anônimos que encontramos a cada passo, empregando em labor construtivo o tempo e o esforço que outras crianças passam com os brinquedos e com a aprendizagem fácil do vício e do crime, como é o caso das crianças abandonadas.

Vem a propósito lembrar uma campanha meritória que o vespertino "O Globo" vem sustentando há algum tempo, agitando o problema do menor abandonado ao mesmo passo que promove espetáculos gratuitos para a população infantil do Rio de Janeiro.

Não conhecemos essas representações, não sabemos do seu conteúdo psicológico e moral, nada podemos dizer quanto ao alcance educativo da iniciativa. Mas nem por isso deixamos de enaltecer em preliminar uma reali-

zação que tem por fim levar às crianças dos nossos bairros, notadamente dos bairros proletários, alguns momentos de distração da sua miséria quotidiana, compensando embora reduzidamente, dentro das possibilidades de uma iniciativa par-

ticular, as falhas das nossas administrações que no setor de assistência à criança têm sido enorme e de terríveis consequências.

Mas há um aspecto dessas realizações que desejamos particularmente ressaltar. Trata-se das representações levadas a efeito visando resultados econômicos, com ingressos pagos, e destinando-se a renda a minorar os sofrimentos das crianças de países irmãos afetados duramente pela guerra.

Dentro desse critério é digno de louvor o espetáculo de domingo último no auditório da A.B.I., promovido por um grupo de senhoras da nossa sociedade, a cuja iniciativa se associou o Teatro Gigi. Foi levada à cena a peça "A conquista de um trono" na qual figuram personagens representando a luta do bem contra o mal, esse velhíssimo conflito que não é mais do que a luta do homem contra si mesmo.

As crianças de Lirieux e Caen para as quais se destinou o sucesso econômico do empreendimento terão, assim, mais alguns minutos de conforto e de alegria, quando se objetivar a finalidade em mais um pouco de pão e em alguns brinquedos que lhes façam voltar às faces amedrontadas o sorriso dos anjos.

Porém, mais significativo ainda, as francesinhas de Lirieux e Caen receberam a mensagem de solidariedade dos brasileiros, a certeza de que nós estamos cada vez mais perto da nossa generosa mão espiritual: a França, a imortal França.

MAIS UMA FILA



A crise vem de longe.

Não, leitor. Não falamos da crise de transportes, nem da falta de trigo e muito menos do desaparecimento do leite. Isso já se tornou terrivelmente monótono. O problema dos gêneros, se o general Scarcel'a não o solucionar as medidas energéticas que vem tomando, nós o resolveremos tomando umas aulas com um avestruz como já fez aquele herói que anda pelas ruas comendo cacos de vidro e lâminas de Gillette...

Falamos da crise de teatros. Sem entrar na discussão do mérito, temos inúmeras companhias com centenas de atores e demais figurantes preocupados com a escassez de casas de representação. O resultado é que uma arte que devia ser encorajada, estimulada com facilidades para o seu florescimento, só encontra pela frente

impedimentos de toda sorte, como se isto fizesse parte de um treinamento especial dos artistas para a mais fiel interpretação dos grandes dramas da vida.

Mas não é isso. Não há nenhuma intenção por trás da evidência gritante da falta de salas de representação. O que ressalta da mais ligeira observação é

a insuflência do número de teatros frente ao de companhias existentes. Situação idêntica, aliás, já passaram os virtuosos antes da construção dos edifícios da A.B.I. e do Ministério da Educação. Não havia salas para concertos, com exceção do Municipal e do antigo auditório do Jornal do Comércio, há muitos anos aposentado.

Os músicos tiveram dois bons auditórios. Por que negar aos profissionais do teatro maiores oportunidades? Há companhias que esperam a chance de uma sala desocupada durante meses a fio, com peças ensaiadas, pagando aos atores e acumulando "deixitas" como dividendos... E há outras que nem sequer conseguem um local para ensaio. Nesses casos o teatro não passa de mera intenção e muito boa vontade.

Os homens e mulheres que passam o dia mudando de fila para fila, colhendo decepções e renovando esperanças que redundam em outros tantos insucessos, precisam de uma terapêutica para não arrebanhar os nervos gastos ao sabor das mil e uma negativas do padeiro, do açougueiro, do leiteiro do patrão e da namorada...

Mas infelizmente, o teatro sofre das mesmas restrições. Tem que esperar salas desocupadas enquanto lê as promessas de construção de novas casas de espetáculos.

É mais uma fila para enfileirar a cidade... Ou enfileirar como queira o leitor.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N° 30 - 27-7-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turin de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior, atrasado Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tele. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2630; Redação: 22-4447;

Publicidade: 22-9670; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5902.

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9100 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de

originais, mesmo quando não publicados

REPORTA

O que va
Ganharás

SECCOES

A Seman
A REVIS
Nos Bast
Livros N
Figuras
Artes Pl
Música

LITERA

O Cente
Vinte e
Confissõ
Gente c
História
As fêria

FEMIN

Sugestõ
Yvone
Esporte
A popu
Para o
Modelo
Trabalh

CURIO

Vacina
Como

TEAT

Os An

HUM

De bo

SUMARIO

REPORTAGENS

O que vai pelo mundo	4/5
Ganharás o pão com o suor de teu rosto	8/15

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
A REVISTA em Hollywood (Louis Serrano)	24/25
Nos Bastidores Femininos (Kitty)	27
Livros Novos (João Luso)	35
Figuras e Fatos	36/37
Artes Plasticas	39
Música (Roberto Lyra Filho)	56

LITERATURA

O Centenario da Princesa	3
Vinte e nove de julho de 1946 (Escragnolle Doria) ..	18
Confissões (Margery Sharp)	19
Gente conhecida em Agua Funda (Lucia Benedetti) ..	22
História de uma lagarta (Nelson Pinto)	30/31
As férias de Hiram (Paul Gallico)	38

FEMININAS

Sugestões de Deanna Durbin	28/29
Yvone de Carlo na intimidade	32/33
Esportes	34
A popularidade do "tailleur"	41
Para o frio — e Três Quartos	42/43
Modelos Juvenis	48
Trabalhos Manuais	50

CURIOSIDADES

Vacinas de ovo no combate á gripe	16/17
Como se lê na França	20/21

TEATRO

Os Amôres de Sinházinha	44/46
-------------------------------	-------

HUMORISMO

De bom humor	26
--------------------	----

NOSSA CAPA



Novo e elegante modelo de chapéu, lançado por Angela Greene, da RKO, éis o que oferecemos ás leitoras, na sobrecapa deste número. No texto, outros variados figurinos para todos os gostos.



Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma noticia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem

que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Cesteira** sem demora.

Regulador Cesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Cesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Cesteira**

Os grandes Concursos Literários da "REVISTA DA SEMANA"

5.ª SÉRIE DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

Está aberto, até 30 de setembro, o prazo para recebimentos dos contos destinados á 5.ª série deste nosso "certame" permanente. Como de costume, êsses originais não devem ir alem de 5 laudas datilografadas em espaço dois, e precisam mencionar nome e endereço dos autores. Dentre os originais recebidos, serão escolhidos os 12 (doze) melhores para publicação posterior, cabendo aos respectivos autores, o prêmio de CR\$ 100,00 (cem cruzeiros), oferecido por esta revista. Não serão devolvidos originais mesmo não publicados.



De acordo com as informações publicadas em edições anteriores, e para orientação dos interessados, bem como das pessoas que têm procurado saber desta redação detalhes a respeito, cabe-nos informar que o julgamento do Concurso de Peças Teatrais (Prêmio Apolonia Pinto), está sendo realizado pelos membros da comissão julgadora. Neste momento as peças se encontram distribuídas entre êsses srs.: Daniel Rocha (Club Ginastico Português), Joraci Camargo (S.B.A.T.) Floriano Faissal (Casa dos Artistas) e Bandeira Duarte (Associação de Criticos Teatrais). Tão depressa a comissão nos dê ciência da conclusão dos trabalhos, divulgaremos o nome, do autor da peça premiada que receberá a quantia de CR\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), oferecida pela Club Ginastico Portugues.

Na mesma ocasião será divulgado o resultado do Concurso de Romances, cujos originais igualmente se encontram em julgamento.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIANSE RECEITAS MEDICAS
COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BAILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

A SEMANA EM REVISTA

ESTRANHA DECISÃO



Em 1939 o nazismo desencadeou uma guerra contra a Polônia, depois contra a França e a Inglaterra, os Estados Unidos, a Rússia o mundo inteiro. Ninguém escapou ao flagelo. Todos, mouros e cristãos, tiveram de pagar o tributo de sangue, suor e lágrimas, por terem fechado os olhos enquanto o assassino afiava suas armas. A fúria espalhou pelos quatro cantos do mundo e um triste dia se abateu sobre nós, brasileiros pacíficos e trabalhadores, (malgrado as letras comprometedoras de certos sambas...) Nesse dia os nazistas torpedearam traiçoeiramente cinco navios nossos que trafegavam tranquilamente pelos nossos decantados "verdes mares".

Todos sabem o que aconteceu depois: houve algumas explosões, gritos, ais, prantos e lamentos. E depois, centenas de famílias enlutadas e cadáveres boiando nas

praias.

Toda a nação se levantou num protesto uníssono contra a agressão covarde. Houve passeatas, comícios e outras manifestações, em que os soluços das famílias atingidas pela desgraça se misturavam com os protestos inflamados da dignidade de um povo ferido na sua honra.

E o resultado é que seguiu, tempos depois, para a Itália, uma Força Expedicionária que iria responder, frente a frente, a agressão traçoira

Lá os nossos pracinhas se portaram como os mais legítimos herdeiros da bravura do Osório, do coronel Camisão, do marinheiro Greenhalgh, de frei Caneca e tantos outros. Que importava que o caminho dos Apeninos fosse marcado de cruces? Que importavam as canseiras, as noites de vigília, a sede, o fio cortante e a canção sinistra das metralhadoras inimigas? Era o Brasil que eles estavam defendendo: a mulher, os filhos, o rio Amazonas, Copacabana e os cafeais de São Paulo.

Mas havia dois brasileiros que não pensavam assim. Serviam ao inimigo, incitando os "pracinhas" à rebelião, à deserção, a tudo o mais que cheirasse a traição. E diziam que os alemães eram uns anjinhos, uns incompreendidos, uma legião de apóstolos do bem. O microfone era a sua arma e o estúdio do inimigo o seu abrigo. Vergonha!

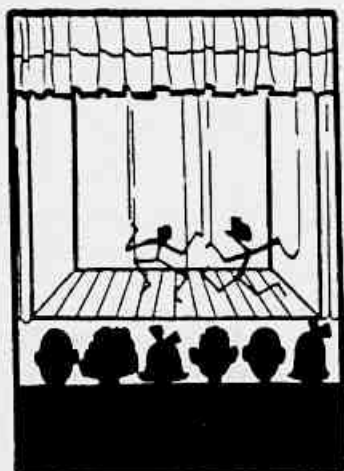
Mas um dia, chegou a vez dos homens de bem, os alemães foram vencidos e com eles os seus lacaios, inclusive Balkino e Margarida Hirschmann, os locutores brasileiro.

Tribunal com eles. Todo mundo pensou que era o fim daquelas vidas inúteis. Mas, ô surpresa! Os dois traidores foram absolvidos e estão passeando pelas ruas como qualquer "pracinha" desempregado...

E ao vê-los, o ex-herói da FEB bem pode conjecturar:

— Foi para "isso" que os meus amigos ficaram no cemitério de Pistoia?

PARA AS CRIANÇAS TRISTES DA FRANÇA



Publicamos neste número uma reportagem sobre o trabalho de menores, esses heróis anônimos que encontramos a cada passo, empregando em labor construtivo o tempo e o esforço que outras crianças passam com os brinquedos e com a aprendizagem fácil do vício e do crime, como é o caso das crianças abandonadas.

Vem a propósito lembrar uma campanha meritória que o vespertino "O Globo" vem sustentando há algum tempo, agitando o problema do menor abandonado ao mesmo passo que promove espetáculos gratuitos para a população infantil do Rio de Janeiro.

Não conhecemos essas representações, não sabemos do seu conteúdo psicológico e moral, nada podemos dizer quanto ao alcance educativo da iniciativa. Mas nem por isso deixamos de enaltecer em preliminar uma realização que tem por fim levar às crianças dos nossos bairros, notadamente dos bairros proletários, alguns momentos de distração da sua miséria quotidiana, compensando embora reduzidamente, dentro das possibilidades de uma iniciativa par-

titular, as falhas das nossas administrações que no setor de assistência à criança têm sido enorme e de terríveis consequências.

Mas há um aspecto dessas realizações que desejamos particularmente ressaltar. Trata-se das representações levadas a efeito visando resultados econômicos, com ingressos pagos, e destinando-se a renda a minorar os sofrimentos das crianças de países irmãos afetados duramente pela guerra.

Dentro desse critério é digno de louvor o espetáculo de domingo último no auditório da A.B.I., promovido por um grupo de senhoras da nossa sociedade, a cuja iniciativa se associou o Teatro Gigi. Foi levada à cena a peça "A conquista de um trono" na qual figuram personagens representando a luta do bem contra o mal. Esse velhíssimo conflito que não é mais do que a luta do homem contra si mesmo.

As crianças de Lirieux e Caen para as quais se destinou o sucesso econômico do empreendimento terão, assim, mais alguns minutos de conforto e de alegria, quando se objetivar a finalidade em mais um pouco de pão e em alguns brinquedos que lhes façam voltar às faces amedrontadas o sorriso dos anjos.

Porém, mais significativo ainda, as francesinhas de Lirieux e Caen receberam a mensagem de solidariedade dos brasileiros, a certeza de que nós estamos cada vez mais perto da nossa generosa mão espiritual: a França, a imortal França.

MAIS UMA FILA



A crise vem de longe.

Não, leitor. Não falamos da crise de transportes, nem da falta de trigo e muito menos do desaparecimento do leite. Isso já se tornou terrivelmente monótono. O problema dos gêneros, se o general Scarceia não o solucionar as medidas enérgicas que vem tomando, nós o resolveremos tomando umas aulas com um avestruz como já fez aquele herói que anda pelas ruas comendo cacos de vidro e lâminas de Gillette...

Falamos da crise de teatros. Sem entrar na discussão do mérito, temos inúmeras companhias com centenas de atores e demais figurantes preocupados com a escassez de casas de representação. O resultado é que uma arte que devia ser encorajada, estimulada com facilidades para o seu florescimento, só encontra pela frente

impedimentos de toda sorte, como se isto fizesse parte de um treinamento especial dos artistas para a mais fiel interpretação dos grandes dramas da vida.

Mas não é isso. Não há nenhuma intenção por trás da evidência gritante da falta de salas de representação. O que ressalta da mais ligeira observação é

a insuficiência do número de teatros frente ao de companhias existentes. Situação idêntica, aliás, já passaram os virtuosos antes da construção dos edifícios da A.B.I. e do Ministério da Educação. Não havia salas para concertos, com exceção do Municipal e do antigo auditório do Jornal do Comércio, há muitos anos aposentado.

Os músicos tiveram dois bons auditórios. Por que negar aos profissionais do teatro maiores oportunidades? Há companhias que esperam a chance de uma sala desocupada durante meses a fio, com peças ensaiadas, pagando aos atores e acumulando "deleitos" como dividendos... E há outras que nem sequer conseguem um local para ensaio. Nesses casos o teatro não passa de mera intenção e muito boa vontade.

Os homens e mulheres que passam o dia mudando de fila para fila, colhendo decepções e renovando esperanças que redundam em outros tantos insucessos, precisam de uma terapêutica para não anechar os nervos gastos ao sabor das mil e uma negativas do padeiro, do açougueiro, do leiteiro do patrão e da namorada...

Mas infelizmente, o teatro sofre das mesmas restrições. Tem que esperar salas desocupadas enquanto lê as promessas de construção de novas casas de espetáculos.

É mais uma fila para enfrentar a cidade... Ou enfiar como queira o leitor.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII Nº 30 : 27-7-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,30
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tele. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2530; Redação: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5622.

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 109

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Louraço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 269 — Tel. 33 — Avenida 9108 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

REPORTA

O que vai
Ganharás

SECCÕES

A Seman
A REVIST
Nos Basti
Livros No
Figuras e
Artes Pla
Música (

LITERA

O Cente
Vinte e
Confissõ
Gente co
História
As férie

FEMINI

Sugestõ
Yvone
Esporte
A popu
Para o
Modelo
Trabalh

CURIO

Vacina
Como

TEAT

Os Ar

HUM

De bo

SUMARIO

REPORTAGENS

O que vai pelo mundo	4/5
Ganharás o pão com o suor de teu rosto	8/15

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
A REVISTA em Hollywood (Louis Serrano)	24/25
Nos Bastidores Femininos (Kitty)	27
Livros Novos (João Luso)	35
Figuras e Fatos	36/37
Artes Plasticas	39
Música (Roberto Lyra Filho)	56

LITERATURA

O Centenario da Princesa	3
Vinte e nove de julho de 1946 (Escragnolle Doria) ..	18
Confissões (Margery Sharp)	19
Gente conhecida em Agua Funda (Lucia Benedetti) ..	22
História de uma lagarta (Nelson Pinto)	30/31
As férias de Hiram (Paul Gallico)	38

FEMININAS

Sugestões de Deanna Durbin	28/29
Yvone de Carlo na intimidade	32/33
Esportes	34
A popularidade do "tailleur"	41
Para o frio — e Três Quartos	42/43
Modelos Juvenis	48
Trabalhos Manuais	50

CURIOSIDADES

Vacinas de ovo no combate á gripe	16/17
Como se lê na França	20/21

TEATRO

Os Amôres de Sinházinha	44/46
-------------------------------	-------

HUMORISMO

De bom humor	26
--------------------	----

NOSSA CAPA



Novo e elegante modelo de chapéu, lançado por Angela Greene, da RKO, éis o que oferecemos ás leitoras, na sobrecapa deste número. No texto, outros variados figurinos para todos os gostos.



Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma noticia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem

que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Cesteira** sem demora.

Regulador Cesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Cesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Cesteira**

Os grandes Concursos Literários da "REVISTA DA SEMANA"

5.ª SÉRIE DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

Está aberto, até 30 de setembro, o prazo para recebimentos dos contos destinados á 5.ª série deste nosso "certame" permanente. Como de costume, êsses originais não devem ir além de 5 laudas datilografadas em espaço dois, e precisam mencionar nome e endereço dos autores. Dentre os originais recebidos, serão escolhidos os 12 (doze) melhores para publicação posterior, cabendo aos respectivos autores, o prêmio de CR\$ 100,00 (cem cruzeiros), oferecido por esta revista. Não serão devolvidos originais mesmo não publicados.



De acordo com as informações publicadas em edições anteriores, e para orientação dos interessados, bem como das pessoas que têm procurado saber desta redação detalhes a respeito, cabe-nos informar que o julgamento do Concurso de Peças Teatrais (Prêmio Apolonia Pinto), está sendo realizado pelos membros da comissão julgadora. Neste momento as peças se encontram distribuídas entre êsses srs.: Daniel Rocha (Club Ginastico Português), Joraci Camargo (S.B.A.T.) Floriano Faissal (Casa dos Artistas) e Bandeira Duarte (Associação de Criticos Teatrais). Tão depressa a comissão nos dê ciência da conclusão dos trabalhos, divulgaremos o nome, do autor da peça premiada que receberá a quantia de CR\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), oferecida pela Club Ginastico Portugues.

Na mesma ocasião será divulgado o resultado do Concurso de Romances, cujos originais igualmente se encontram em julgamento.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAMESE RECEPTAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓCIOS, BAILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



O ÚLTIMO TELEGRAMA — Quando encontrámos Gonçalves da Silva, mensageiro da Radiobrás, faltava-lhe entregar apenas um telegrama. Bem disposto, satisfeito com os 300 cruzeiros mensais de ordenado, ôle espera ser radiotelegrafista e mais alguma coisa se a sorte o ajudar.

GA
CO

Louvad
gas cur
será ra
garoto

Repo
Adhem

O tr
econon
do nu
tuaçã
a noç
depen
observ

Par
vença
já se
fatidi

Out
tença
teu r
dizen
de qu
às se
To

UM R
que
Gome

GANHARÁS O TEU PÃO...

COM O SUOR DO TEU ROSTO

Louvados sejam os menores que trabalham — Os “filhinhos de papai” e os operários de calças curtas — O pequeno engraxate da Lapa não dá “facadas” no pai — O mensageiro de hoje será radio-telegrafista amanhã — Jornaleiro, músico ou mecânico, — um problema para um garoto de 14 anos — Um viveiro de operários em formação — O conforto do trabalhador, um ótimo emprego de capital

Reportagem de
Adhemar Nóbrega

Fotos de
Arnaldo Vieira

O trabalho tem muitas definições. Para a economia, por exemplo, é o esforço empregado numa atividade considerada útil, conceituação precária, logo se vê, porque envolve a noção de utilidade que não é tão precisa, dependendo da atitude filosófica adotada pelo observador.

Para o vagabundo inveterado, é a pior invenção do homem, a causa mais incômoda que já se poz em prática, desde que Eva comeu a fatídica maçã...

Outros, entretanto, conformados com a sentença de Deus, “comerás o pão com o suor do teu rosto”, amam o trabalho (pelo menos o dizem) e a eles se lançam com a voracidade de quem procura tomar um trem de subúrbio às seis horas da manhã e da tarde.

Todavia, tanto o vagabundo como o viciado

no trabalho têm os seus pontos de vista comprometidos: aquele bem pode ser vítima dessa velha instituição que é o não reconhecimento do esforço alheio, e este, porque às vezes a sua veneração pelo “batente” nada mais é do que um instrumento da ambição de ter mais do que precisa, ou uma fuga a outras ocorrências da sua vida, ainda mais penosas do que o trabalho.

Mas, pairando acima de todos esses pontos de vista e atitudes, resta ainda como sentença eloquente desse juiz universal que é o bom-senso da maioria, a afirmação de que o trabalho é uma necessidade, que trabalhar é um dever e um direito. E foi dentro desse conceito, burguês e proletário ao mesmo tempo, que nós saímos à rua para entrevistar os menores que trabalham.

UM BOM NOME PARA A PROFISSÃO — O garoto que se vê acima nós o encontramos ajudando a consertar um amortecedor, numa garage da rua Senador Dantas. Ele diz que está como quer, trabalhando como ajudante de mecânico de automóvel. “Sou mecânico de nascença”, conclui Irineu Correia. Também como um nome desse... Em baixo, Gomes da Fonseca, de 14 anos de idade, aluno do Curso de Mecânica de Máquinas da Escola Técnica Nacional. A complexidade da máquina não o intimida. Ele a conhece tão bem como um brinquedo.





O GAROTO QUE TRABALHA NA REDAÇÃO — João da Cunha Leite exerce uma profissão modesta de ajudante de escritório, ganhando pelo seu trabalho 400 cruzeiros mensais. Mas ele se compensa das canseiras do "batente" quando se lembra (e nunca se esquece disso) que trabalha na redação. Alimenta o desejo de ir para os Estados Unidos. Por enquanto é um moreno "poseur", como se vê na foto. Quando o leitor amigo o vir pelas ruas, sobraçando um volume de correspondência, se quiser ser amável, pergunte-lhe: "Como vai o pessoal da redação?"

Aliás, os menores estão na ordem do dia. Um vespertino empreendeu há alguns dias uma campanha no sentido de mostrar aos poderes públicos a miséria e o caminho da miséria em que se acham muitos milhares de crianças abandonadas na estrada do vício e do crime, ameaçando perder-se, com isso, um

O ESTAFETA — dos Correios e Telégrafos ganha 500 cruzeiros mensais por seis horas de trabalho... Dá para prover a subsistência própria e ajudar a família que é pobre. Tem confiança no futuro e espera fazer carreira.



extraordinário potencial humano, ao mesmo tempo que se criam novos problemas para a polícia, para os juizes de menores e para os alojamentos das penitenciárias ou dos reformatórios... se houver verba e leitos disponíveis.

LOUVADOS SEJAM OS QUE TRABALHAM

Mas, ao lado dos que vagabundeiam da manhã à noite (se é que os abandonados têm manhãs...) dos que cobiçam os restos dos restaurantes, dos que morcegam automóveis, ônibus, dos que estão aprendendo a surripiar uma cédula mal colocada no bolso, dos sem teto; sem lar, sem pão, sem repouso, sem escola, para o futuro, sem vergonha, há, também os que trabalham, os que mourejam de seis a oito horas diárias, vivendo na infância como um adulto responsável, como um pai de família exemplar, cumprindo desde cedo o castigo que o Criador impôs a Adão no tribunal do Eden.

Esses trocaram, muito cedo, os brinquedos pelas ferramentas. Isto com relação aos que tiveram brinquedos e que são muito poucos. No Brasil, a vocação para o trabalho ainda é uma imposição das necessidades. Não há ainda, entre nós, aquela maneira norte-americana de encarar a vida e da qual Erico Verissimo recolheu um flagrante bem expressivo quando surpreendeu vendendo jornais o filho de um professor de universidade.

Aqui seria considerado como uma vergonha se o filho de um milionário, sem capacidade para uma profissão menos modesta, aparecesse na avenida Rio Branco vendendo refresco. Pois o filho daquele mestre da universidade de Washington vendia jornais e mostrava-se orgulhoso de ganhar ele próprio o necessário à sua subsistência. E sem querer lembrar aquelas tiradas monótonas do moralismo de

Samuel Smiles, saibam todos quantos ainda ignorarem que Henry Ford foi operário de adolescência, que Walt Disney vendeu jornais para não passar fome e que um e outro se orgulham desse passado.

Todavia, com raras exceções, as crianças do Brasil são ainda, até depois da adolescência, "filhinhos de papai", com a carteira recheada e as 24 horas do dia comprometidas pela praia, futebol, cinema, "dancing", teatro de revistas. Não. Há alguns que frequentam a escola em que estão matriculados. As exceções se referem aos que, desprezando as facilidades proporcionadas pela fortuna dos pais, preferem encarar a vida, jogando apenas com as suas possibilidades pessoais. Louvados sejam.

O EXÉRCITO DOS OPERÁRIOS PRECOCES

Da classe média, da pequena burguesia sobretudo da classe operária é que sai o grande contingente dos trabalhadores precoces: os jornaleiros, "boys" de repartições públicas e autarquias, mensageiros e estafetas, empregados de escritório, entregadores de mercadorias, aprendizes de mecânico, ajudantes de oficinas de várias profissões, praticantes de ilustradores, encadernadores e tantos outros que o leitor encontra diariamente, com quem a gente tropeça a cada esquina.

Esses merecem a nossa admiração. Muitos deles, a quasi tonalidade, trabalham e estudam ao mesmo tempo. E em grande parte já adquiriram a consciência profissional que é uma das maiores virtudes do trabalhador. Quando encontrar, querido leitor, um desses modestos lutadores, olhe-o com respeito, tire-lhes o chapéu. Eles são o reverso da moeda da vagabundagem, representam, sobretudo, um esforço tremendo de compensação diante

da deficiência
criança p

O PEQU

Logo c
dêsses h
cisco Sp
coal qu
do lustr
tipos hu
nesto a

O gar
325 cru
lhar há
de prof

— Es
a gente
Trabalh
"facada
cousa?

O I

O g
telegra
termin

Está
sageir
Todos
de 14

— I
— I
por m
vo qu
entre

mei.

cama

sagei

radio

estor

tele

o fu

E

bilic

te.

por

Até

E

liçã

do

sas

ma

a c

ca

pa

m

cr

"i

to

m

si

p

e

t

c

f

t

k

da deficiência de condições para orientar a criança para o trabalho.

O PEQUENO ENGRAXATE DA LAPA NÃO DA 'FACADAS' NO PAI

Logo em frente à **Revista**, encontramos um desses heróis anônimos. É Guilherme Francisco Spinelli, filho do velho e conhecido Pascoal que há 20 anos engraxa sapatos, já tendo lustrado os borzequins dos mais variados tipos humanos, desde o cidadão digno e honesto ao mais refinado patife.

O garoto tem 16 anos e ganha do "velho" 325 cruzeiros de ordenado. Começou a trabalhar há um ano e pouco e não espera mudar de profissão.

— Estou satisfeito, diz Spinelli. Nada como a gente ganhar o dinheiro de que precisa. Trabalhando eu não tenho necessidade de dar "facadas" em papai. E isso não é uma grande coisa?

O FUTURO RADIO-TELEGRAFISTA

O garoto vinha lendo um papel. Era um telegrama, o último que faltava entregar para terminar o expediente, explicou-nos depois.

Estávamos agora conversando com o mensageiro Gonçalves da Silva, da Radiobrás. Todos os seus colegas de trabalho são garotos de 14 a 16 anos, como ele.

— E você ganha o bastante para viver?

— Não é muito mas dá. São 300 cruzeiros por mês e eu só trabalho aqui no centro, salvo quando faltam os mensageiros que fazem entrega noutras ruas.

— E' pesado o serviço?

— Não sei dizer. Só sei que já me acostumei. Trabalho seis horas por dia e o chefe é camarada, não "carrega" em cima da gente.

— Mas você vai continuar como mensageiro?

— Ah! Isso não. Lá nós temos um curso de radiotelegrafia gratuito. Quando terminar, estou pronto para ocupar um cargo de radiotelegrafista. E é o que eu mais desejo para o futuro.

E o garoto, todo cômico das suas responsabilidades, pediu licença ao reporter dizendo:

— O sr. compreende. Este serviço é urgente. Nós não podemos fazer ninguém esperar por um telegrama que custou muito dinheiro. Até logo.

E lá se foi, rápido, dando uma edificante lição a quanto marmanjo existe por aí, fazendo "cera" nas repartições públicas e empresas particulares.

"PROIBIDA A ENTRADA A JORNALISTAS"

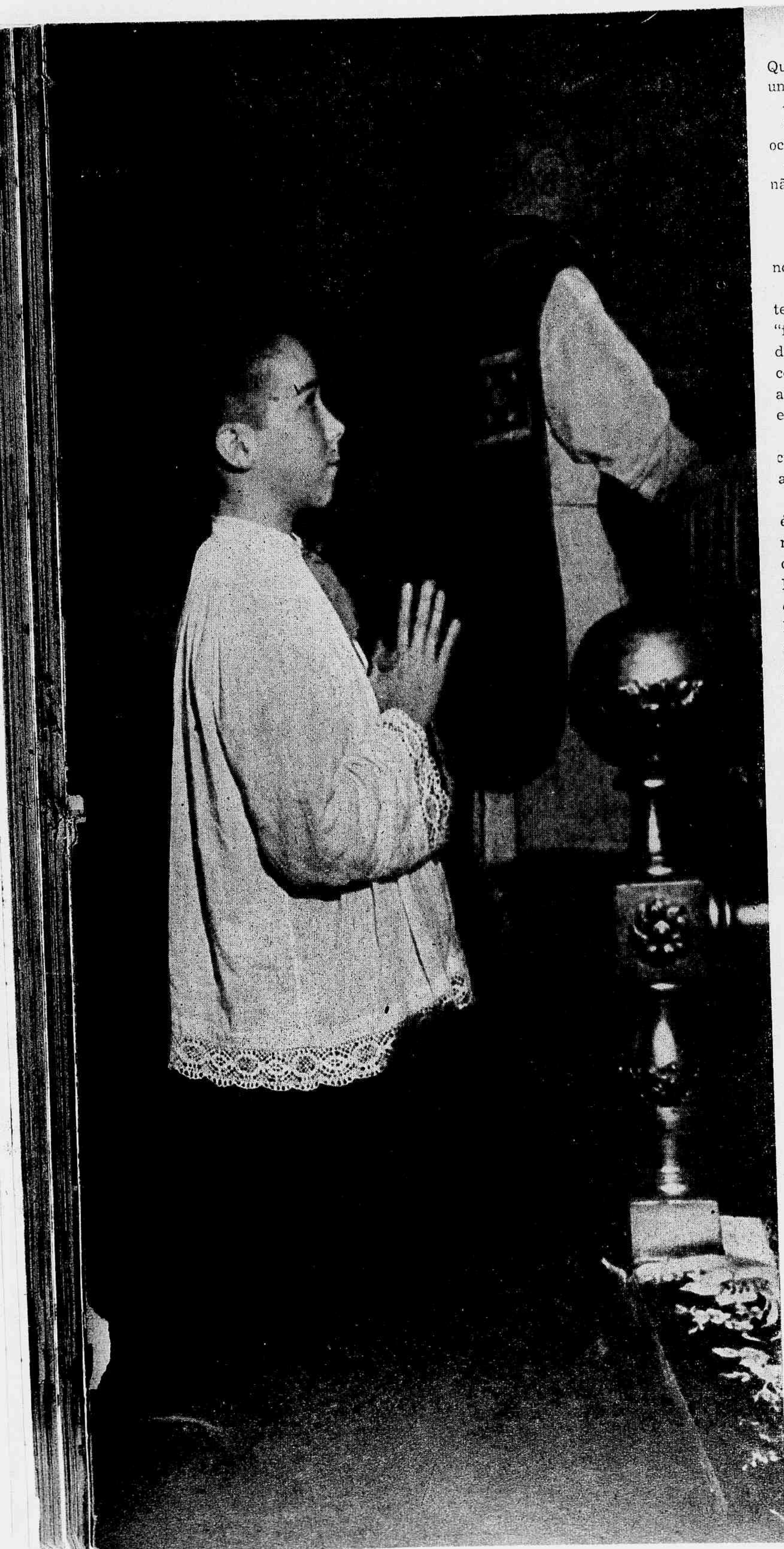
A experiência tem nos aconselhado que a maior tolice de um reporter é pedir licença a quem quer que seja, numa repartição pública, para colher informações ou bater uma chapa. Surge um milhão de dificuldades, de um minuto para outro: "o chefe não está", "o secretário está ocupado", "agora não pode ser", "isso não é das minhas atribuições", "é assunto de responsabilidade", etc., etc., enfim, um mundo de restrições se antepõe entre a curiosidade do jornalista e o serviço público.

As vezes, a gente chega a pensar que as repartições têm irregularidades que devem ser escondidas, que há uma vagabundagem protegida pelas paredes, afinal, desculpem, que o serviço público não é uma maravilha de perfeição, tal como seria de esperar da jurisdição técnica do DASP. Mas isto é apenas uma simples e ousada conjectura...

Mesmo com o conhecimento dessas restrições, abordamos um funcionário do telégrafo.

JORNALEIRO, MECÂNICO OU MÚSICO DE BANDA - Esta trilogia encerra o futuro de José Vieira dos Santos, o 106 da Fundação "Darcy Vargas". Atualmente ele faz uma "férias" de 16 até 30 cruzeiros por dia mas as ferramentas industriais e um bom saxofone tenor o tentam muito. O futuro dirá...





Queríamos fotografar um estafeta e fazer umas perguntas.

— Ah! Só com o chefe. Ele está ali.

Olhámos pela janelinha. O chefe está ocupado. Esperámos.

— Quem pode resolver é o diretor, mas não está no momento.

— E acima dêle?

— O diretor geral.

Tinha graça. Nêsse andar, iamós termino no Presidente da República.

La saindo um estafeta e Vieira não per tempo. Correu atrás dêle e... lá se foi o "flash". O garoto que ainda não adquiriu dos o's complexos dos que envelheceram corpo e a bôa vontade no serviço público atendeu-nos com uma certa timidez mas empurrou o caso para ninguém.

— Trabalho 6 horas por dia e ganho 500 cruzeiros. Não é mau. Dá para eu estudar e ajudar em casa.

Todavia, a expressão do rosto do garoto é de alegria. Ele não desfruta, como os demais funcionários dos Correios e Telégrafos com exceção de alguns, de qualquer conforto. Porque D.C.T. — diga-se de passagem a verdade, é uma espécie de "test" para homens que têm vocação para trabalhar muito em condições inadequadas. Tão diferentes dos seus colegas da Educação, da Fazenda, da DASP...

UM "BOY" SAUDAVEL E LOQUAZ

O Instituto de Resseguros, ao contrário, procura demonstrar, por todos os meios, que bem estar do conforto dos seus funcionários têm grande importância na produção de trabalho. E' o que se deduz de uma visita às suas instalações, ao refeitório amplo e bem iluminado, ao local destinado aos jogos e demais dependências destinadas aos servidores que lá são considerados como seres humanos.

E o "boy" Antonio de Barros Pinto, de 17 anos de idade, com o seu bom humor, o seu aspecto saudável, a sua loquacidade e a sua eficiência, é bem um reflexo dessa mentalidade de nova.

— E' o meu primeiro emprego, — fala Antonio. Estou trabalhando há 4 meses apenas. Mas espero continuar trabalhando no Instituto. Aqui a gente gosa de muito conforto, temos refeições gratuitas, ginástica pela manhã e ainda se estuda gratuitamente para fazer concursos. Não quero outra vida.

— E qual é o seu ordenado?

— Ganho 500 cruzeiros atualmente. Mas quando eu fizer um concurso para outra função, terei um ordenado muito maior.

Iamos nos despedir, mas o garoto insistiu. — O sr. ainda não viu a nossa colônia de repouso? Fica lá no Alto da Boa vista. Vá ver que maravilha... E é gratuita.

Decididamente, aquilo é um exemplo para as administrações das nossas empresas e serviços públicos. Mas não adianta: há tantas coisas que ficam por aprender...

O SACRISTÃO — E' uma profissão, sim e por que não? Apenas não sabemos se controlada pelo Ministério do Trabalho. A foto foi batida na igreja da Candelária e não sabemos se foi a proximidade do vigário ou a seriedade do menino Albino Loureiro que o levou a não tomar conhecimento da presença do fotógrafo.

SERA O
um herói
e a cabeça

JORN.

— Eu
o pequ
certam
da na
Vargas

— P
ralmen
vai às
500 fol

— E
quer e
menin

— E
o sr.
Estou
trabal

— I
— J

xofon

contin

fissac

Aí

adult

da nã

José

já te

profi

No

Sabi

um

zeir

mai



SERA O "MONSTRO" OU O "HOMEM DE AÇO"? — Não. Não se trata de nenhum herói das historietas em quadrinhos que se publicam nos vespertinos. É um herói, sim, um herói em carne e osso. Seu nome é Flávio Fernandes, aluno do Curso de Serralheria da Escola Técnica. Debaixo daquela avental, com as mãos enfiadas em grossas luvas e a cabeça dentro da máscara, é um autêntico e laborioso operário. Isto até quatro horas da tarde. Daí por diante é uma criança de 13 anos como outro qualquer. Lino espera ser um operário competente. É de gente assim que o Brasil precisa.

JORNALEIRO, MUSICO OU MECÂNICO

— Eu sou o 106 da Fundação, — respondeu o pequeno jornalista José Vieira dos Santos, certamente habituado a responder a chamada na casa que os abriga, a Fundação Darcy Vargas.

— Por enquanto estou satisfeito. Ganho geralmente 16 cruzeiro por dia mas a "féria" vai às vezes até 30, quando eu vendo umas 500 folhas.

— E por que você diz "por enquanto"? Você quer emprego melhor do que este para um menino da sua idade?

— Bem, agora eu estou como quero. Mas o sr. compreende: eu estudo lá na Fundação. Estou no curso de mecânico e gosto muito do trabalho.

— Então...

— Mas acontece que eu também estudo saxofone. Depois, não sei como vai ser. Posso continuar como jornalista ou mudar de profissão: mecânico ou músico de banda.

Aí está um exemplo edificante para muitos adultos que já se dizem homens... e que ainda não sabem fazer nada de útil. O jornalista José Vieira dos Santos, com 14 anos de idade, já tem um problema: escolher uma entre três profissões.

"TRABALHO NA REDAÇÃO"

Nós já conhecíamos João da Cunha Leite. Sabíamos que ele trabalhava no escritório de um órgão da imprensa, onde ganhava 400 cruzeiros. Mas queríamos saber alguma coisa mais para a reportagem.

— Trabalho na redação.
— Não é na gerência, João?
— Que gerência! Eu trabalho é na redação.
O sr. não me tem visto tantas vezes lá?
— Mas você está satisfeito com a vida que vai levando?

— A! Isso não. Vou fazer todo o possível para melhorar de situação. Aliás, eu penso até mesmo em viajar para os Estados Unidos. Aquilo é que é terra. "Seu" Celestino esteve lá e voltou entusiasmado.

— Que Celestino?

— O Celestino lá da redação.

E João se despediu para trabalhar. Botou o maço de correspondência de lado e sentou-se na máquina, para ser fotografado "em grande estilo".

Um garoto de 16 anos amarrado a um trabalho modesto e alimentando aspirações e aventuras: a redação e os Estados Unidos.

MECÂNICO DE NASCENÇA

Numa garage da rua Senador Dantas, encontramos dois garotos ajudando a consertar um amortecedor. Um deles, ao ver o fotógrafo, disparou sem dar explicações.

O outro, entretanto, mais calmo e menos tímido, declarou-nos que trabalha no ofício porque gosta. Por enquanto é aprendiz de mecânico mas no futuro espera ser um profissional competente.

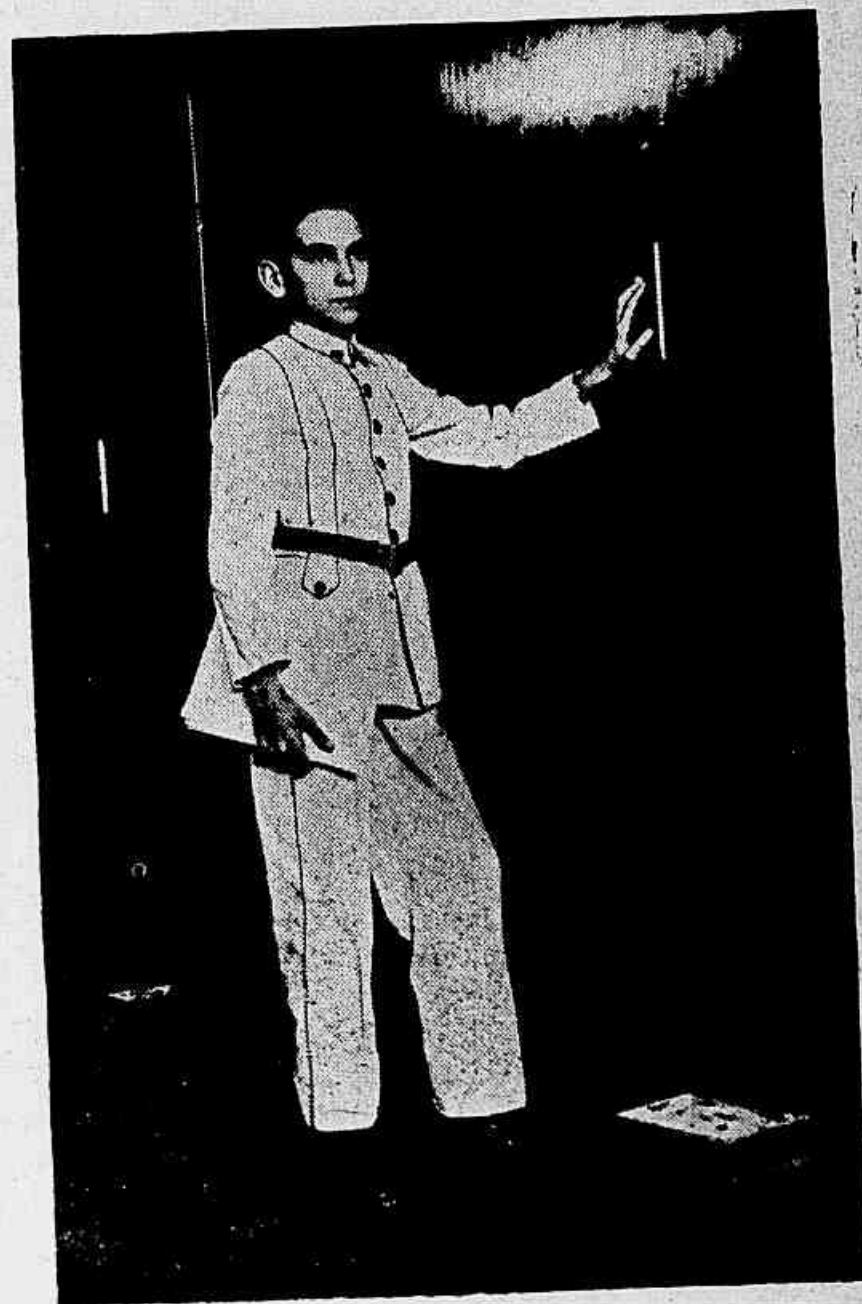
— Eu sou mecânico de nascença, — diz Irineu Correia.

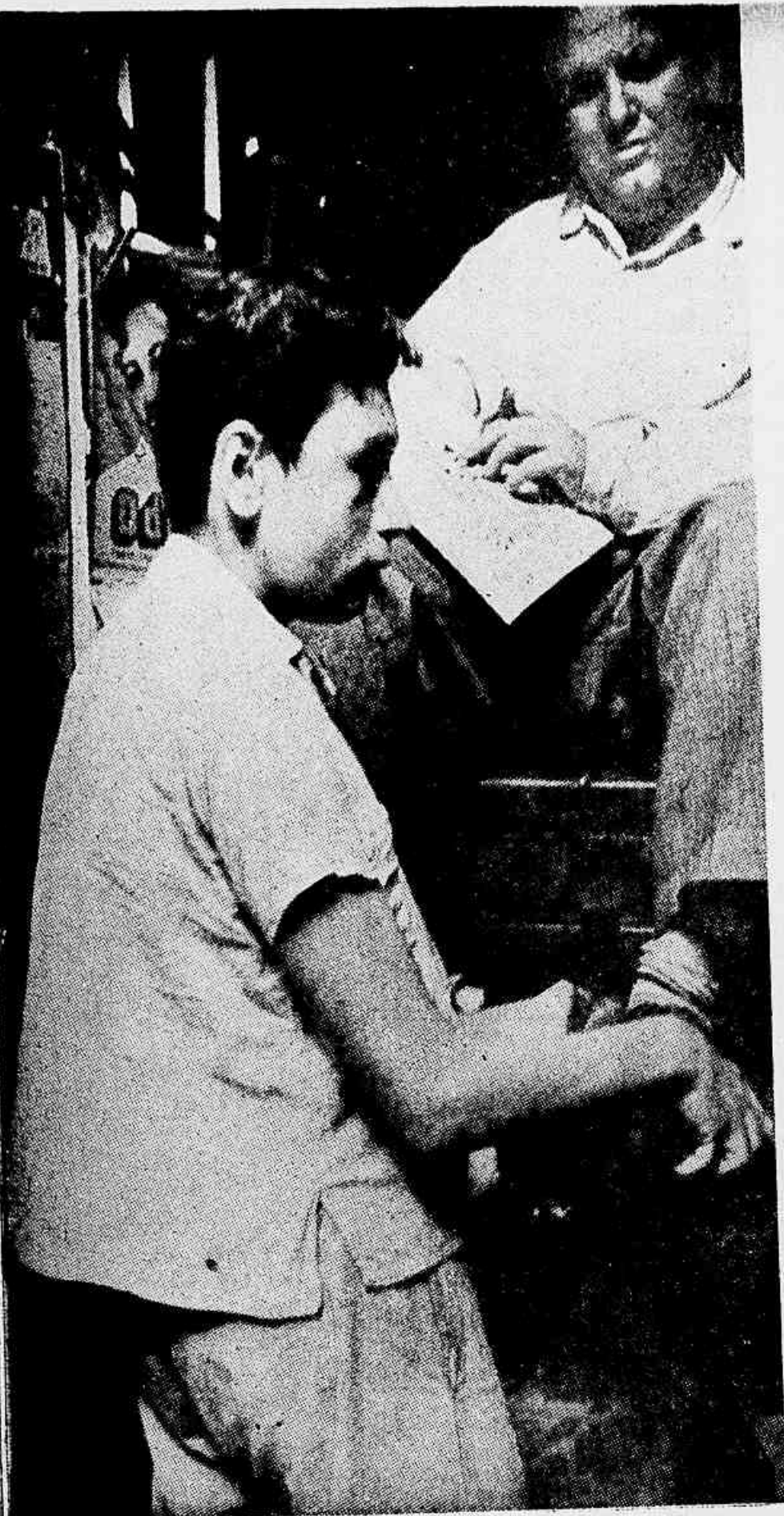
Pudera! Com um nome desse...

UM VIVEIRO DE OPERARIOS EM FORMAÇÃO

Estamos na Escola Técnica Nacional, onde centenas de crianças de 12 a 16 anos, estudam e praticam nas oficinas para aprender uma profissão.

O "BOY" DO RESSEGUROS — Desembaraçado, de bom humor, loquaz e eficiente, Antonio de Barros Pinto é um reflexo da nova mentalidade de dirigir empresas. O conforto do Instituto de Resseguros onde ele trabalha como "boy" vale como um estímulo sempre renovado para trabalhar mais e produzir melhor.





O ENGRAXATE DA LAPA — Na Lapa há um engraxate que há vinte anos exerce a profissão. Está velho e tem algumas economias guardadas. Quando ele se aposentar será substituído pelo filho, Guilherme Spinelli, que tem um noviciado de 4 meses na profissão. Spinelli ganha do pai 325 cruzeiros por mês. "Não quero a vida," — diz ao reporter. Assim, não preciso dar "facadas" no velho.

É um viveiro de operários em formação. Por toda parte, os ruídos característicos dos ambientes de trabalho industrial. Motores, dinamos, polias, tornos mecânicos, serras, brocas, tudo gira em velocidade, com a loucura do século XX. É a roda do progresso. Quem a pode deter?

O professor Teodorino Rodrigues Pereira, professor de Tecnologia, nos leva à oficina de marcenaria.

Em volta de uma enorme serra de fita, agrupam-se várias crianças, da mesma idade dessas que a gente vê pelas ruas, furtando maçãs para não morrer de fome, aprendendo a fumar e a beber, viciando-se no jogo e preparando-se para as penitenciárias.

Mas aqueles que ali estão dedicam-se a uma atividade útil e produtiva. Aprendem uma profissão. E quem sabe, leitor? se Valter Bittencourt que está serrando um barrote não fará, amanhã, a sua mobília de jacarandá?

Noutra sala, a oficina de tornearia, também do curso de marcenaria, está em plena atividade. Debruçado sobre um torno, Osmar Fernandes com as suas 14 primaveras, trabalha com a mesma consciência profissional de um adulto. Mesmo porque está sob as vistas do professor. Se por qualquer distração ou brincadeira, ele ceder aos impulsos próprios da idade, no mínimo será advertido de que ainda não chegou a hora do recreio.

Na oficina de Tornearia Mecânica vamos encontrar o mesmo ambiente, a mesma devoção ao aprendizado, as fisionomias infantis concentradas em problemas técnicos, como se fora um teatro infantil representando uma peça sobre o trabalho dos adultos. O teatro

mais realista do mundo, porque eles representam o drama de sua própria vida.

E assim acontece, de sala em sala. De repente, o relógio bate 4 horas e as grandes máquinas como que vão morrendo aos poucos. O ruído das máquinas vai diminuindo, diminuindo, até um ligeiro cicio do atrito de uma polia em movimento. Agora já se pode ouvir a conversa dos meninos. Sim, agora eles voltaram à infância. Passaram da seriedade dos operários trabalhando para a mais animada e inconsequente conversa de crianças brincando.

Deixamos as crianças da Escola Técnica pensando que não haja estabelecimentos de sua natureza em número suficiente para atender às necessidades da nossa população infantil.

Isto não seria um assunto muito mais sério do que a chamada coalisão?

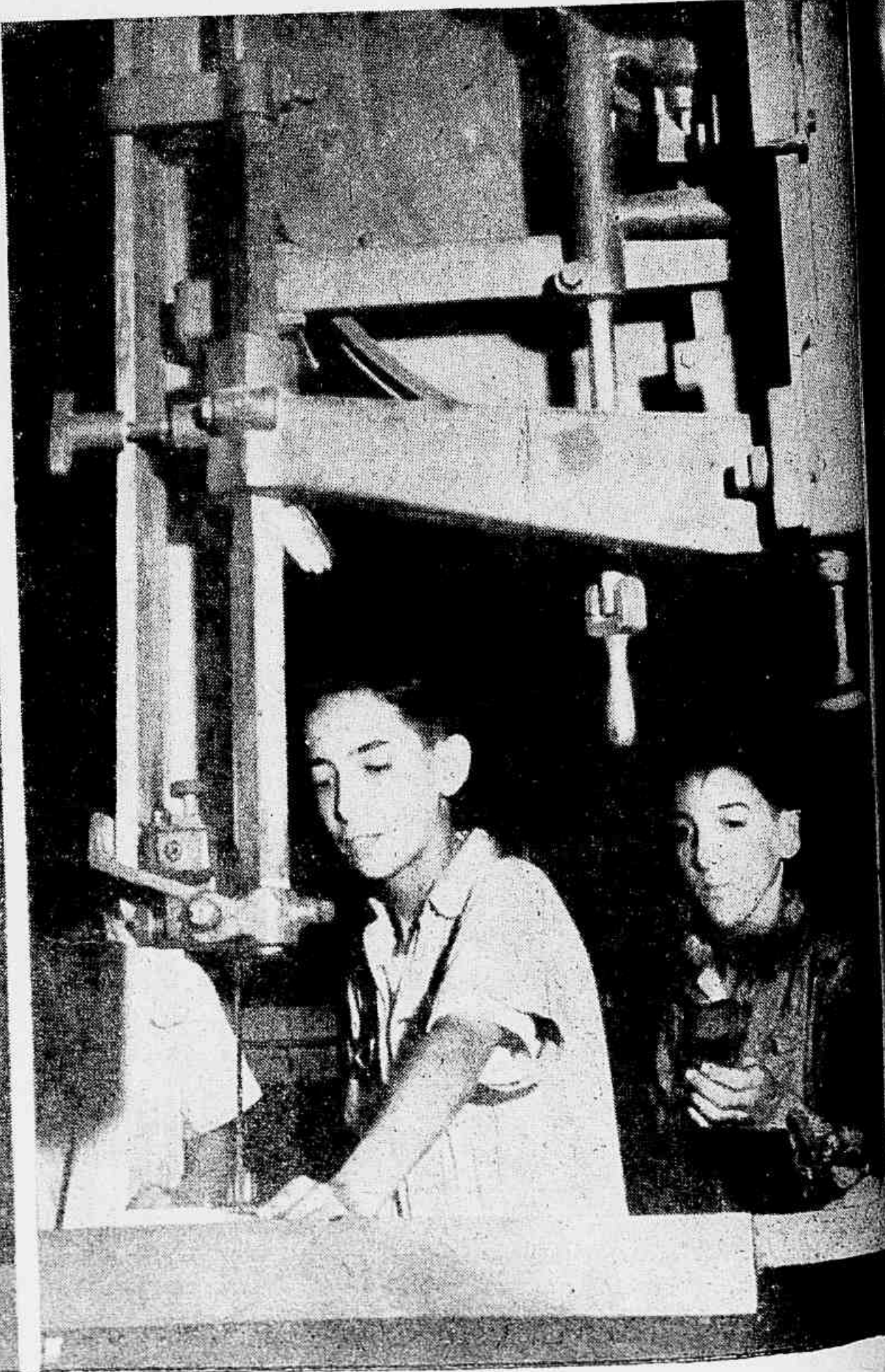
Qual é a opinião do leitor?

Temos que o problema do encaminhamento dos menores para a escola e para o trabalho é de suma importância. (E esta "profunda" revelação está nos parecendo uma enorme acadianada).

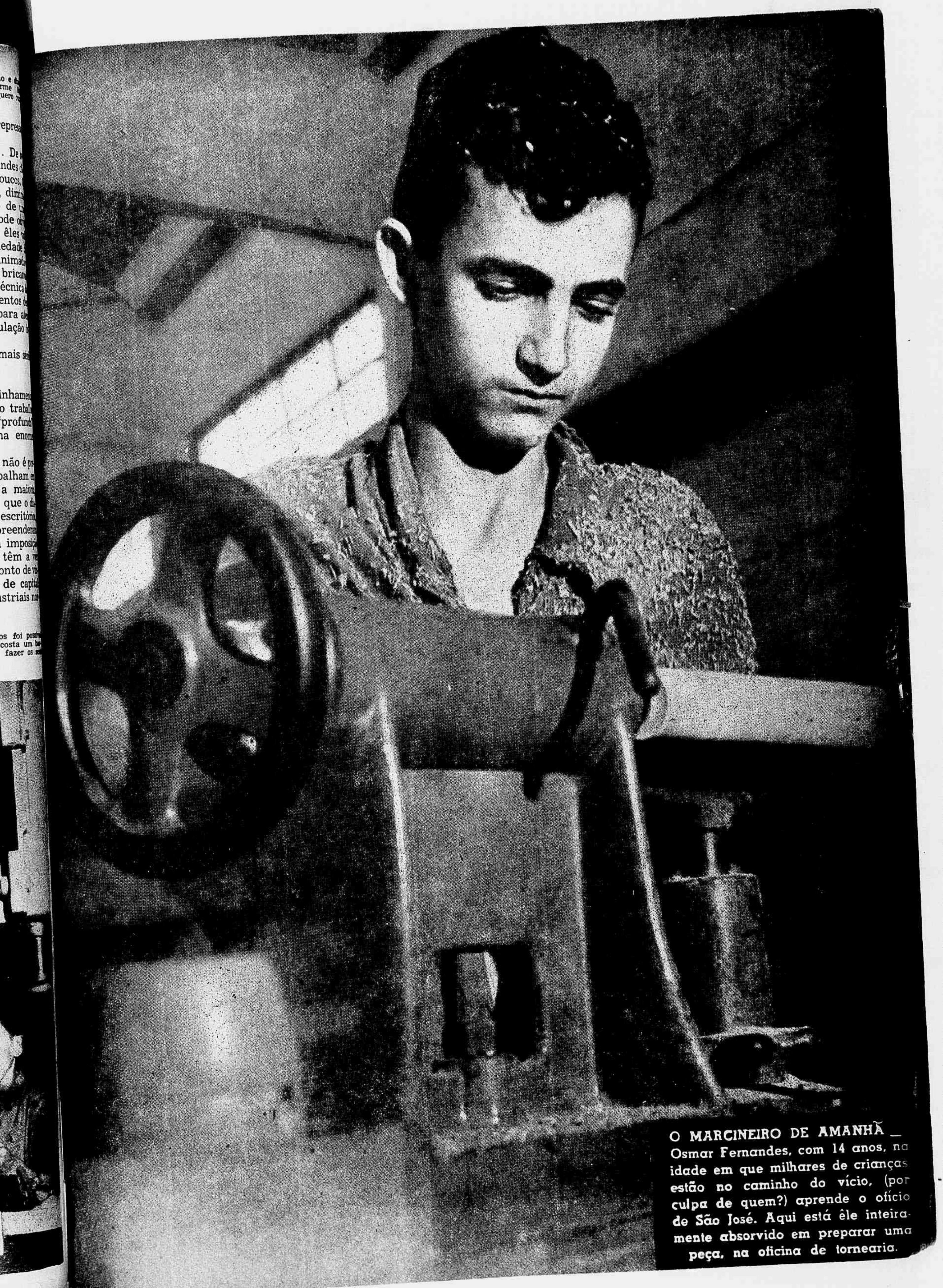
Mas a verdade é que o brasileiro não é preguiçoso. Se aqui e ali, alguns trabalham em condições higiênicas e saudáveis, a maioria, inclusive os menores, comem o pão que o diabo amassou, em certas oficinas e escritórios onde os patrões ainda não compreendem que o conforto do operário é uma imposição de solidariedade humana. (Nada têm a ver com isso?) Pois é, igualmente, do ponto de vista econômico, um ótimo emprego de capital.

Que o digam os inteligentes industriais norte-americanos.

O ENTREGADOR E O MARCINEIRO — Encontramos na Esplanada este garoto (à esquerda). Apenas o podemos fotografar, porque o tricicle saiu depressa. Só nos foi possível registrar que vestia um blusão caro. À direita, um expressivo flagrante no interior do viveiro de operários de calças curtas que é a E.T.N. Valter Bittencourt encosta um barrote na serra de fita e o aço vai cortando a madeira como se fosse queijo de Minas. Guarde de memória a sua fisionomia. Talvez amanhã o leitor o encarregue de fazer os móveis de jacarandá.



o e di
rme
uero
repre
De
ndes
oucos
dimin
de
ode
êles
idade
animad
bricat
écnica
entos
para
ulação
mais
inhame
o trab
profund
na enom
não é pr
balham
a maior
que o di
escritóri
reender
imposiç
têm a ve
onto de
de capit
striaais m
os foi pos
costa um
fazer os



O MARCINEIRO DE AMANHÃ —
Osmar Fernandes, com 14 anos, na
idade em que milhares de crianças
estão no caminho do vício, (por
culpa de quem?) aprende o ofício
de São José. Aqui está ele inteira-
mente absorvido em preparar uma
peça, na oficina de tornearia.

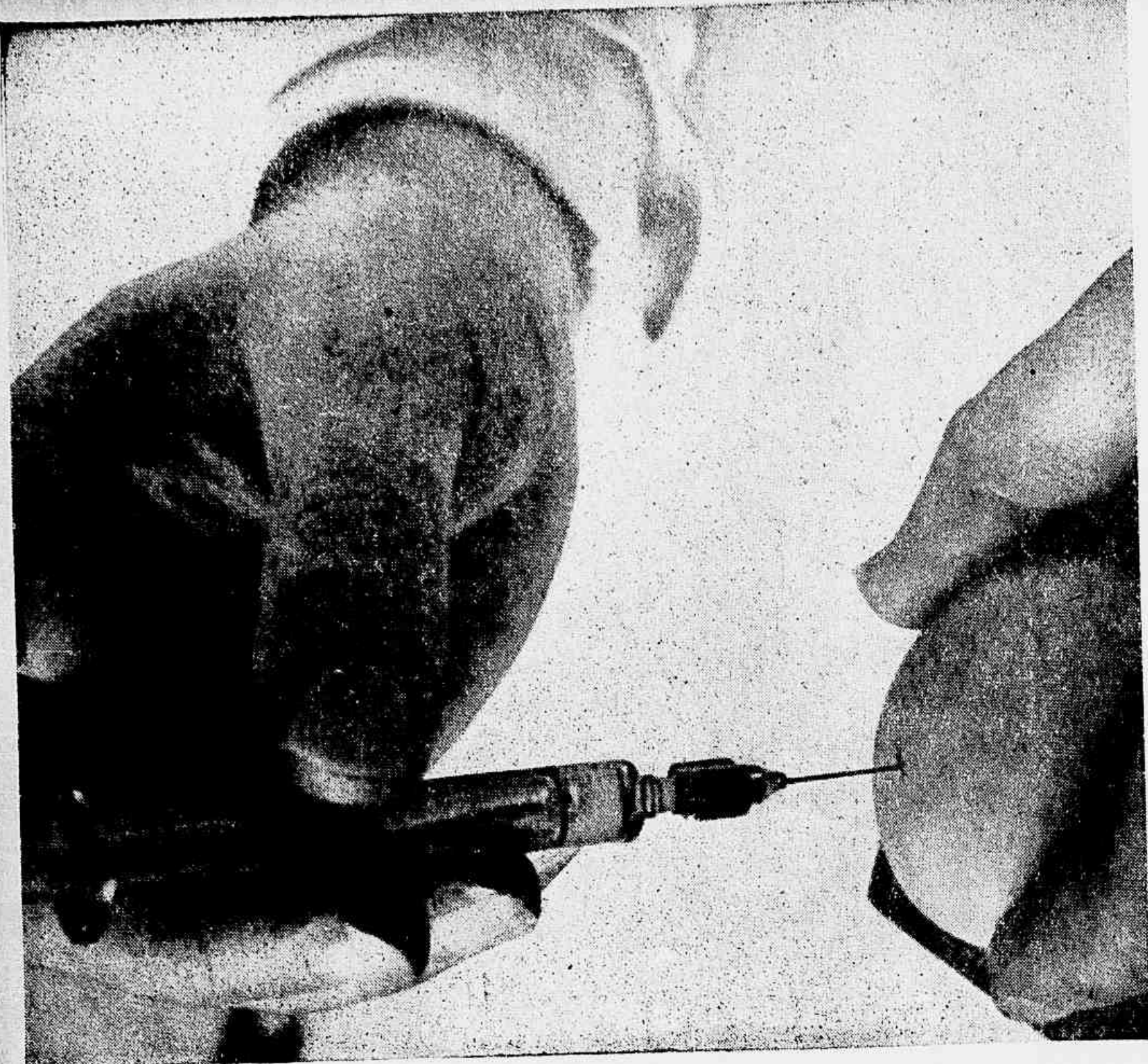
VACINAS DE OVO NO COMBATE A GRIPE

LONDRES, Junho — Pintos ainda em embrião estarão em breve salvando a vida de milhares de pessoas. A importância de sua cooperação acaba de ser descoberta pelo famoso Departamento de Pesquisas do Hospital St. Mary de Londres, no combate às epidemias de gripe.

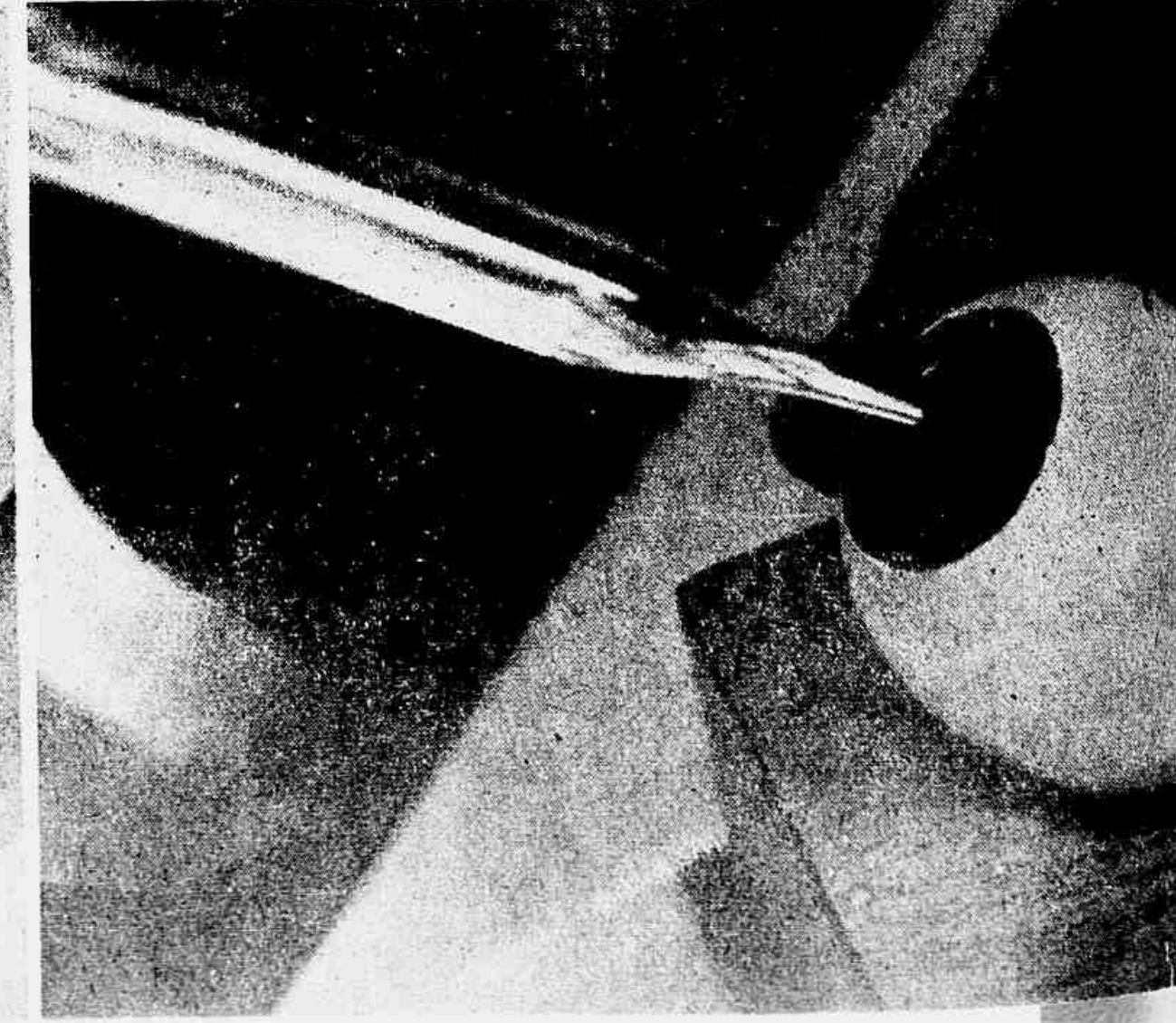
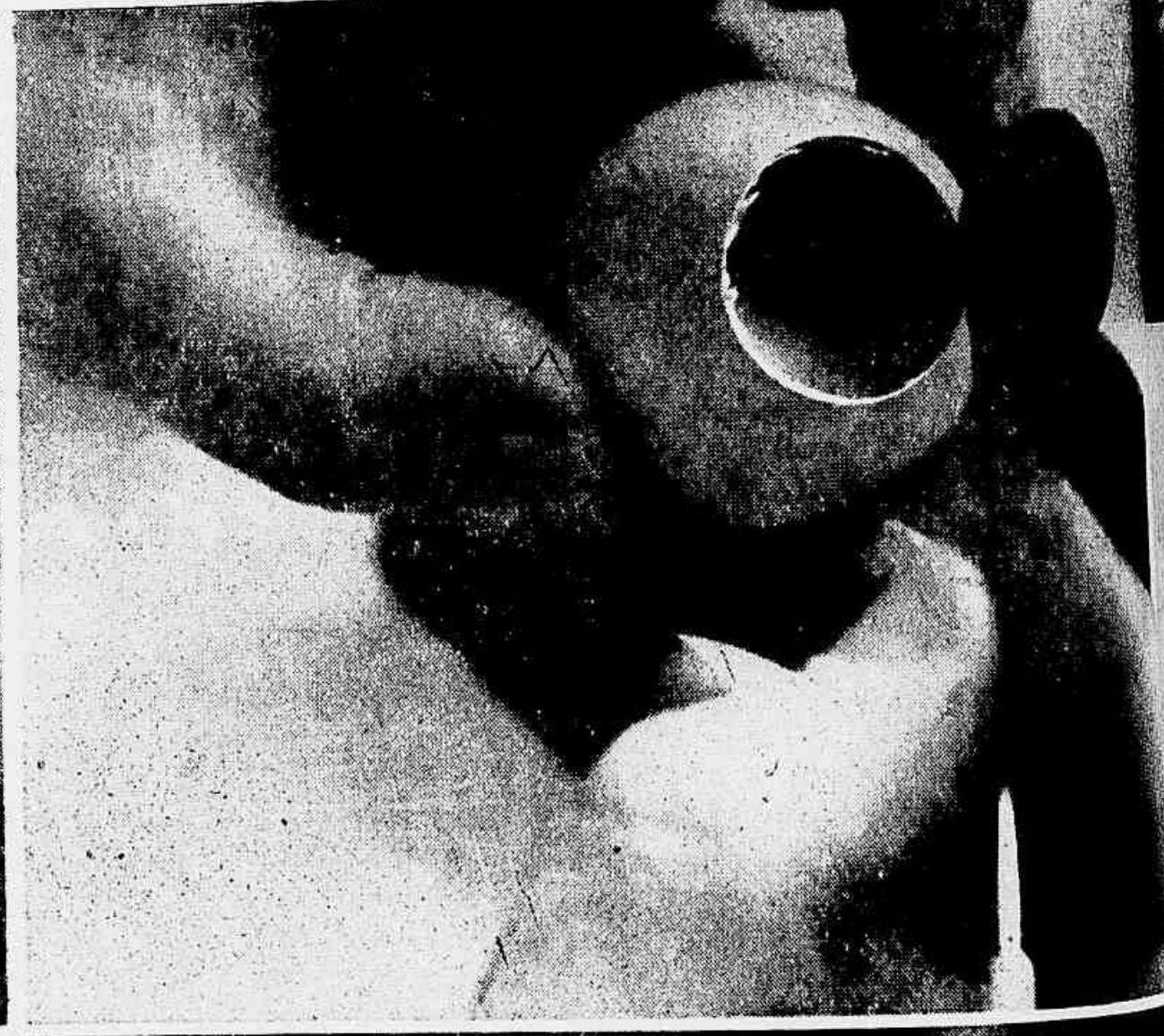
A gripe foi uma das principais preocupações dos médicos durante a última guerra. Todos se lembram, por certo, de seus devastadores efeitos logo após a Primeira Guerra Mundial, ceifando milhares de vidas em diversas partes do globo. O mesmo poderia ter se repetido agora com resultados ainda mais trágicos.

Enquanto prosseguia a luta em toda a sua barbaridade, os pesquisadores de St. Mary procuravam, se não uma cura, pelo menos um preventivo. Colecionaram ovos fertilizados de galinhas especialmente selecionadas. Injetaram no embrião do pinto o vírus da gripe. Alguns dias após foram retiradas as partes superiores dos ovos, removendo-se o fluido e preparando-se a vacina.

As fábricas britânicas de guerra e as unidades de combate forneceram os voluntários nos quais devia ser experimentada a vacina.



Ao alto, a primeira fase na produção da vacina contra a gripe. O vírus que causa a doença é injetado no ovo. — Dois dias após é feito um corte circular em uma das extremidades do ovo com um instrumento especial, que não quebra a casca. Vide clichê abaixo, à esquerda. A' direita: A secção circular da casca é então removida afim de que o vírus possa ser extraído. — No pé da página, à esquerda: O vírus é localizado nos fluidos embrionários. Assim, as membranas cercando o embrião devem ser destruídas para tornar possível a extração. A' direita: O fluido é retirado em uma pipeta de vidro, produzindo a vacina anti-gripal.

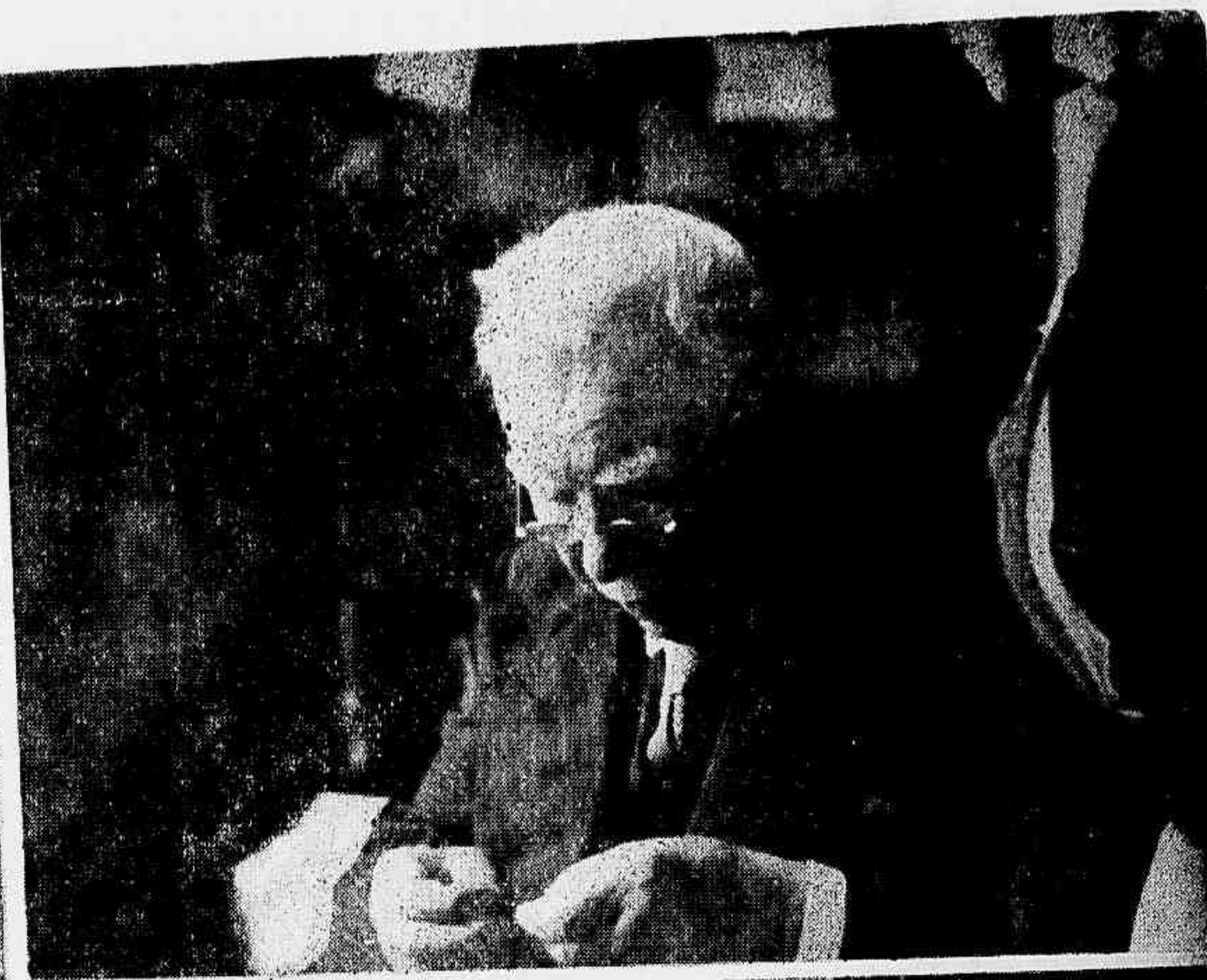
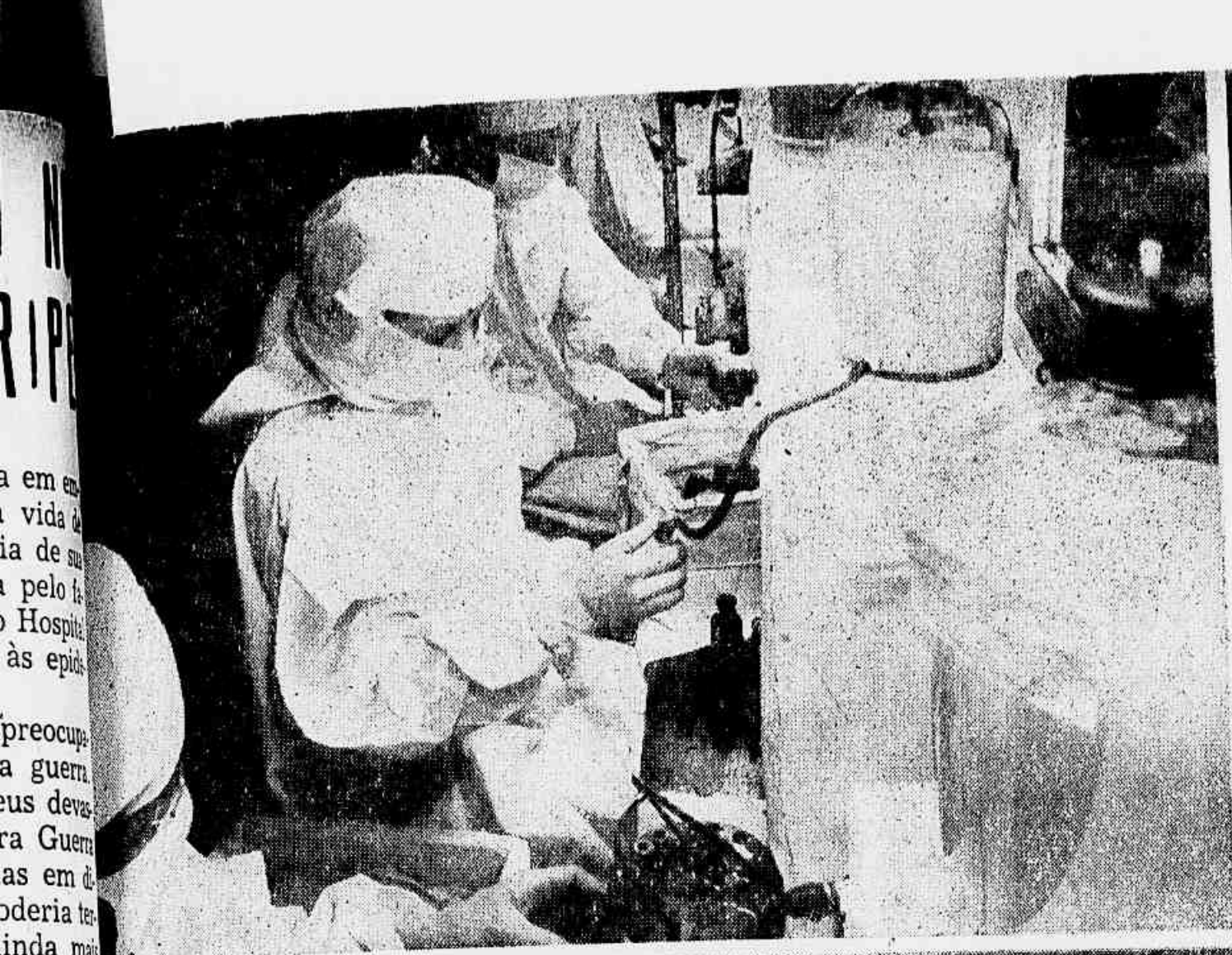


Ao alto, ao corpo da vacina que o aparelho

A inoculação se torna completa. Com a vacina bate a gripe e podem vel vir a grassar a cilme lá-la.

As campanhas Um o Almirante para trabalhar de q Wrigley rapia emp da f culos para a su Um alén A a siti a re cur mic

Um



Ao alto, à esquerda: Vacinas contra a cólera embaladas no Hospital St. Mary afim de embarcarem para o Oriente. A' direita: Sir Almroth Wright explica um problema médico ao corpo de enfermeiras. Em baixo, à esquerda: Conhecida artista faz um desenho colorido de uma operação no mesmo hospital. Esses desenhos geralmente são de mais utilidade que as fotografias. A' direita: O homem que vemos na gaiola é submetido a um teste feito em seu cérebro com o eletro-encefalográfico, que aparece ao fundo. Esse aparelho reage aos impulsos eletricos naturais presentes em todo o tecido humano, registando as variações que se verificam em casos de tumores cerebrais e epilepsia.

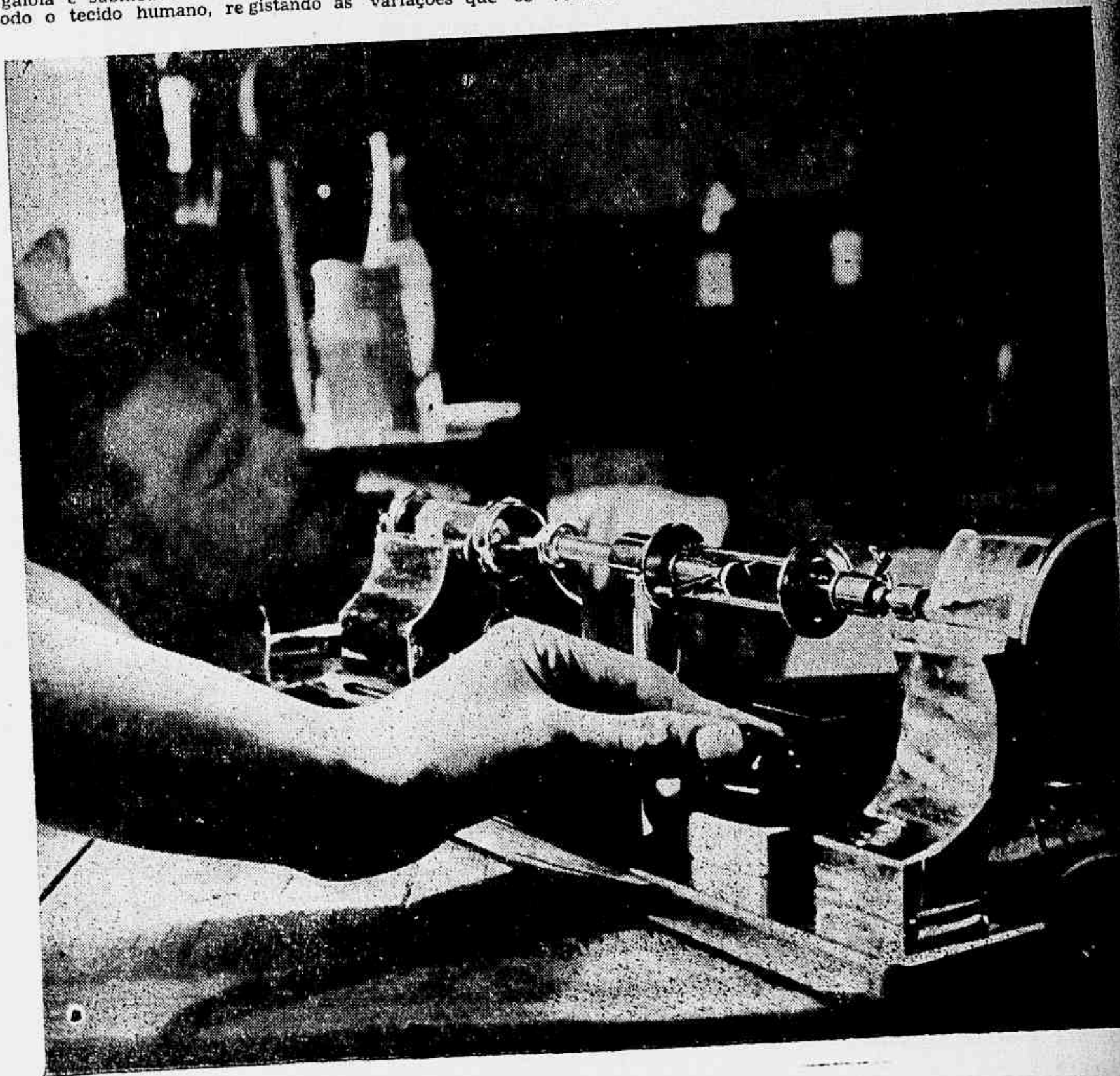
A inoculação foi coroada de pleno êxito. Quase todas as pessoas vacinadas tornaram-se completamente imunes à gripe.

Contudo ainda não se pode afirmar que a vacina de ovo seja a arma definitiva no combate a esta obstinada e perigosa doença. Mas podemos afirmar que foi obtida uma notável vitória. Se de um momento para outro grassasse uma epidemia de gripe, seriam facilmente encontrados os meios para controlá-la.

As vacinas não constituem novidade no campo de investigações do Hospital St. Mary. Um de seus mais eminentes professores, Sir Almroth Wright, grangeou fama para si e para o Departamento de Pesquisas com o seu trabalho sobre a imunização tifoide há mais de quarenta anos. Logo após, Sir Almroth Wright, voltou suas vistas para a vacinoterapia. Sob sua orientação as vacinas foram empregadas com grande êxito no tratamento da furunculose, infecções septicæ e da tuberculose cirúrgica. Teve a felicidade de viver para assistir os seus discípulos continuarem a sua obra e fazerem valiosas contribuições. Uma destas é a pesquisa sobre as doenças alérgicas conduzidas pelo Dr. John Freeman. A alegria é uma forma curiosa de hipersensitividade que leva determinados indivíduos a reagirem de maneira algo estranha em circunstâncias perfeitamente normais. A proximidade de um gato, a presença de um pólen

(Continua na pág. 58)

Uma nova máquina controlada por eletricidade para administrar penicilina ao paciente.



VINTE E NOVE DE JULHO DE 1946

HA cem anos. Para nações e lares, em dias felizes ou aziagos, quanto uma centuria representa para nações e lares.

No Brasil de 1846 o primeiro lar era o do chefe digno de nação considerada. Para aquele lar o dia 29 de Julho de 1846 seria marcado a seixo branco.

O casal régio de Pedro e Teresa já tinha um filho, o príncipe D. Afonso. O pai recebera nos braços para apresentá-lo ao nascer, dizendo a presentes: Senhores, um filho que... Não poudé proseguir, olhos rasos d'agua, vóz embargada.

Cedo, dos braços paternos a mórte arrancaria D. Afonso, em tenra idade herdeiro de imperio, angelicamente trocado pelo reino dos céus.

A 29 de Julho de 1846 numerosas pessoas disputam-se no Rio de Janeiro a ir ter ao palacio de São Cristovão, anunciada proxima maternidade da imperatriz.

Bastantes haviam recebido ordem do imperador para convocação na Quinta da Boa Vista. Ministros e conselheiros de Estado, grandes do Imperio, os presidentes do Senado e da Camara dos Deputados, em luzida fina flôr social, deviam acudir ao chamado imperial em carater official. Cumpria-lhes dar testemunho para atestar verdade e cientificar nação.

Em São Cristovão e seu palacio reuniram-se os graduadissimos atestantes. Por volta de seis e pouco da tarde, foram aqueles atestantes convidados a penetrar em camara proxima do aposento no qual se achava a imperatriz.

Servindo de mordomo-mór o marquês de Itanhaem poz os convidados na presença do imperador. Apresentou este, aos Corpos do Estados, uma menina recém-nascida; à apresentação se seguindo pelos presentes de três autos rigerosamente do mesmo teor.

Um dos autos era reservado ao imperador, outro ao Arquivo Publico do Imperio, terceiro ao reino da

Duas Sicílias do qual princeza a imperatriz do Brasil.

Nos autos triplices as altas testemunhas do novo berço afirmariam, para constar na epoca e na História, que "tinham visto e ouvido a criança apresentada, do sexo feminino, sã e perfeita."

O ministro do Imperio, conselheiro Joaquim Marcellino de Brito, subscreveria os autos lavrados por mandado seu para que o acompanhassem na assinatura e firmeza da verdade as testemunhas convocadas para fim especial.

Os três autos autenticados ao anoitecer de 29 de Julho de 1846 ficaram sendo documentos históricos. Só? Não teriam outro valor, o de formar quadro no qual ficaram os subscritores das peças officiais, representando época carateristica e uma sociedade que jamais se reconstituirá.

Imagine-se o quadro, fixem-se as suas figuras. Uma por uma dizem sociedade seléta, muitas dizem história pátria.

No grupo dos ministros de Estado figuram Hollanda Cavalcanti, chefe de ministerio, Marcellino de Brito, Rodrigues Torres, o barão de Cayrú, o general Santos Barreto.

Lançando vistas sobre o quadro vivo de 29 de Julho, o imperador divisaria nele homens que haviam rodeado e servido o pai, o abdicante do ante romper da aurora do Sete de Abril.

Para tanto formassem grupo frei Arrabida, preceptor de Pedro I, o visconde da Villa Real da Praia Grande o Silva Maya cuja eleição tãc de perto D. Pedro I acompanhára em Minas nas vespas do fim de Primeiro Reinado, e fosse incluído no grupo o conde do Rio Pardo, o general Valente, mestre de arte militar de D. Pedro I, tanto dado ao cétro como à espada, o conde de Valença que em viagem imperial a Minas, por designação imperial, chegára a ser ministro de todas as pastas.

Reconhecidos os servidores paternos teria Pedro diante de si homens que o haviam assistido na sua noridade e na sua orfandade completa.

Presentes estavam Itanhaem, seu segundo frei Santa Marianna, seu preceptor. Ambos tutelado o imperador nos dias que é de habito ficar felizes, os da infancia, de D. Pedro II quanto melancolia na grandeza! Como aqueles dias se havia de parecer com os da senectude, do exilio!

Na tarde de 29 de Julho de 1846 o imperador diante de si dois ex-regentes que em seu nome haviam governado o Imperio.

Testemunhando o nascimento de Isabel Cristina Leopoldina estavam no palacio de São Cristovão Alegre e Olinda, a regencia deste cortada pela Maridade parlamentarmente promovida com endoso nominal.

Na cerimonia de 29 de Julho de 1846 o poder legislativo se apresentava por duas figuras de imagem semelhante, pelo vice-presidente do Senado o desembargador Luís José de Oliveira e pelo presidente da Camara dos Deputados, monsenhor Francisco Muniz Tavares.

Oliveira, o bahiano senador pelo Piauí, servia ocasião por impedimento do presidente do Senado, marquês de Lages.

Luís José de Oliveira, o futuro barão de Monte Santo, magistrado, usava toga; monsenhor Tavares não deixava batina, não a unica no momento. Vestes prelaticias, cruzes peitorais, anéis simbolicos, tinham bispos de Anemuria e de Crisopolis, D. Manuel do Monte bispo diocesano.

Os civis estavam em vestuários de gala, os officiaes gerais ostentavam fardas vistosas. No grupo de civis os senadores marquês de Baependy, Lopes Gama Miranda Ribeiro, Lucas Monteiro de Barros, Honório Carneiro Leão, que no seu ministerio de 20 de Janeiro de 1843 preparára casamentos na Familia Imperial inclusive o do imperador.

Uma figura faltava ao quadro de 1846, o brigadeiro Lima e Silva, testemunha da apresentação de D. Pedro II no seu dia natalicio, a 2 de Dezembro de 1840.

Mas se o pai faltava ao quadro por morte, representava-o um filho e logo quem, o conde de Camargo ao lado de seu proximo o general José Joaquim de Lima e Silva.

De ilustração militar tambem, Francisco Cordeiro de Torres e Alvim, que nomeado, no 1828, ministro da Guerra logo quizera deixar pasta. Pasta da Guerra não convem a Cordeiro, disséra; para ser ministro oito dias tempo suficiente para ser importunado a valer.

Entre tantas figuras illustres do quadro de 1846 duas figuras tinham relevo por motivos diferentes, apresentando passado já de bastante fuga no recuo da História.

Tais se apresentavam o barão de Villa Bella e monsenhor Muniz Tavares. O primeiro, em 1846, camargado de anos e de honras em 1846, vinha do tempo colonial do Brasil aberto no seculo XVI para fechado pela abertura das portas em 1808.

Francisco de Paula Magessi Tavares, primeiro barão de Billa Vella, dizia na sua pessoa militar o tempo colonial, capitão general que fôra de Mato Grosso para o Primeiro Reinado o mantivesse mais ou menos em posto correspondente ao antigo quando governador da Cisplatina.

Monsenhor Muniz Tavares, outra figura do quadro de 1846, vinha de epoca emancipadora do Brasil qual a de D. João VI já rei proclamado na America.

Sacerdote abrasado de paixão patriótica, Muniz Tavares participara no seu Pernambuco da revolta de 1817 contra o dominio português.

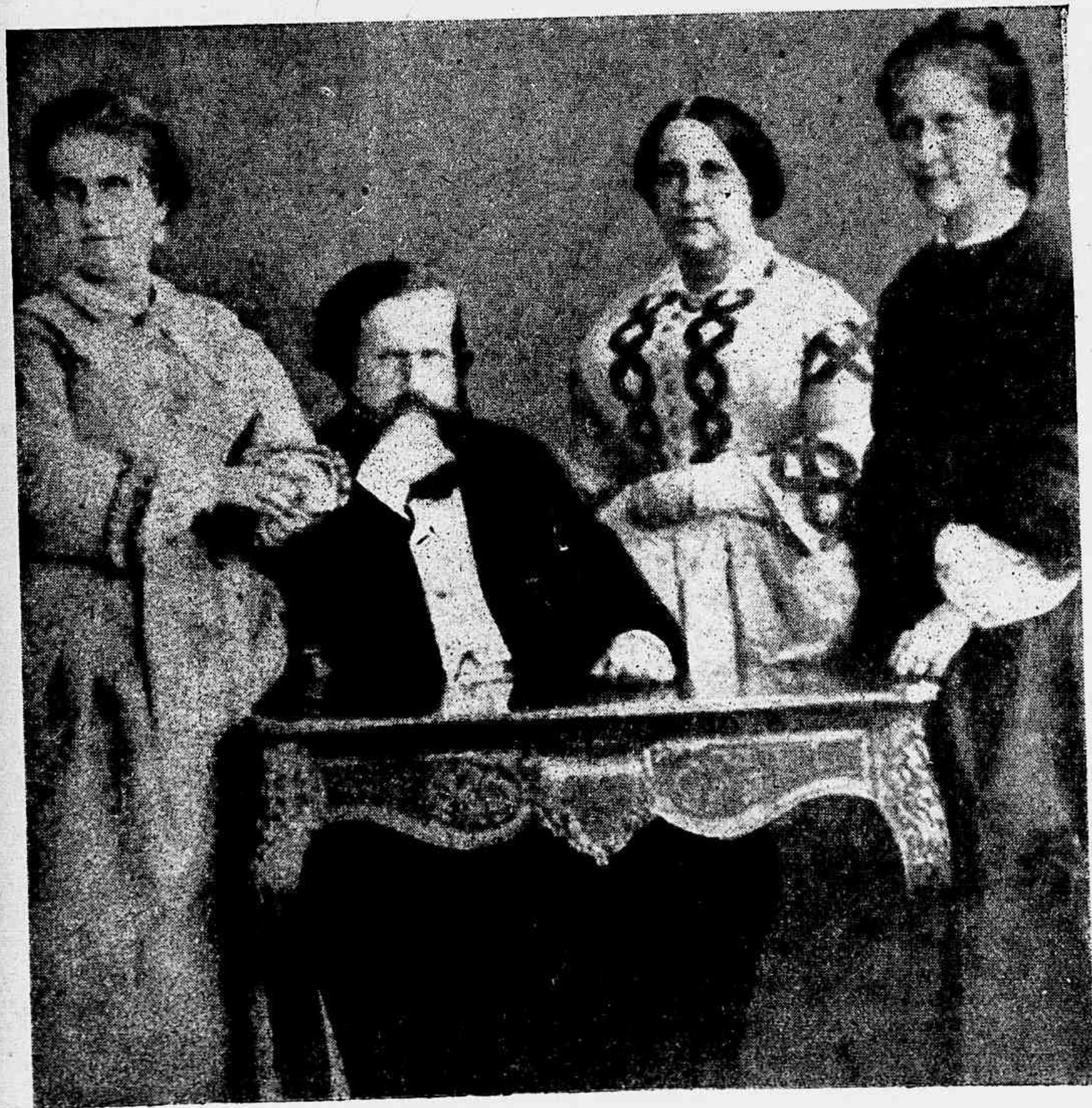
Por suas ideias Muniz Tavares sofrera carcere para que depois escrevesse a narrativa do movimento sedicioso ao qual se filiára com sentimentos exaltados.

Independente o Brasil, entendeu Pernambuco eleger Muniz Tavares deputado à Constituinte de 1823 para que o padre encontrasse na assembléa o contador régio Rezende Costa Filho, o inconfidente mineiro.

Em 1846 presidia Muniz Tavares a Camara dos Deputados em legislatura ordinaria do Imperio, convidado para a cerimonia da apresentação e reconhecimento da recém-nascida princêsa Isabel, como o mais alto representante no momento de temporarios Augustos e Dignissimos Senhores da Nação.

Aos autos de 1846 não faltou autenticidade de medicina, subscrevendo-os os dres. Candido Borges Monteiro e Luís Carlos da Fonseca com responsabilidade de grão e profissão para atestarem ter nascido "sã e perfeita", a menina imperial no mundo a 29 de Julho de 1846, na data em que a Igreja comemorava um rei e santo, Olavo da Noruega. Nem sempre os santos são reis, nem sempre os reis são santos.

ESCRAGNOLLE DORIA



ia Pedro
na sua
undo to
bos tibi
abito q
I quan
s se har
uperador
ome har
bel Cici
tovão M
pela Mar
oso nomi
o poder
magem d
o desem
e da Can
niz Tava
uí, serv
lo Senado
ão de M
nhor Tava
mento. V
ros, tinha
uel do M
ala, os ofi
No grupo
Lopes Gam
arros, Hon
20 de Jan
ia Imperial
46, o brigad
ção de D. N
mbro de 194
r morte, rep
nde de Can
aquim de L
ancisco Corde
328, ministro
da Guerra
ministro oito
a valer.
quadro de 184
s diferentes,
ga no recuo
illa Bella e mo
em 1846, cam
a do tempo co
ara fechado p
avares, prim
a militar o tem
lato Grosso pa
mais ou meno
quando govern
a figura do qu
padora do Bra
ado na America
patriotica, Muni
bucu da revolu
frera carcere para
movimento sed
os exaltados.
Pernambuco eleg
nte de 1823 para
a o contador régio
mineiro.
es a Camara des
lo Imperio, comi
o e reconhecimento
omo o mais alto
rarios Augustos e
tenticidade de m
dido Borges Mon
responsabilidade de
nascido "sã e per
a 29 de Julho de
memorava um rei e
mpre os santos são



— Pode ser hoje, ou está ocupada?

Ele estava encostado na porta do camarim, sorrindo.

— Pode ser hoje.

— Ok. Então até mais tarde.

Com o coração batendo ela acabou de se pintar e foi dançar o seu número. Mas, naquela noite, o público era-lhe indiferente. Dançou por dançar, sem preocupar-se e assustou-se, mesmo, quando o público, gostando da sinceridade da interpretação, aplaudiu muito. O pensamento dela, enquanto agradecia, estava longe. Ou, melhor, estava longe dos espectadores, mas, na verdade, bem perto, uma vez que se dirigia para a orquestra. Ele estava ao piano, com o mesmo ar despreocupado e os movimentos preguiçosos. Aquele sorriso que conquistava...

Ela aprontou-se apressadamente. Quando ele chegou, já ela estava à sua espera.

— Vamos?

— Vamos.

— Onde é que você quer ir?

— Qualquer lugar.

Ele levou-a a um restaurant italiano. Depois saíram pelo parque. Ela tremia, na antecipação das palavras dele.

— Vamos por aqui?

Ela concordou em silencio. Sentaram-se a um canto. Ele disse:

— Escute, quando você quiser alguma coisa, peça. Essa é a lição que eu aprendi da vida.

— Não entendo...

— Você andou inventando mil pretextos para falar comigo. Muito mais simples seria vir a mim e dizer: olhe aqui, eu simpatizo

com você, quero conhece-lo, meu nome é tal, como é que você se chama? Você que fez? Pediu a alguém que apresentasse. Depois teve vontade de sair comigo, e arranhou de insinuar que eu lhe pedisse, quando poderia ter simplesmente expresso o seu desejo. Agora, está sentada aí, sem saber o que dizer, porque está com vontade de ser beijada e não tem coragem de pedir o que deseja.

O ataque inopinado desorientou-a. Um rubor subiu ao rosto. Ela levantou-se.

— Você... você é um presunçoso!

Ele sorriu, estirado no banco, com o mesmo ar preguiçoso.

— Está bem, baby. E, com esta, simplesmente para conservar a sua dignidade, você vai ter que ir para casa sozinha, porque recusará a companhia de quem "a insultou tanto". Não era isso que você ia dizer?

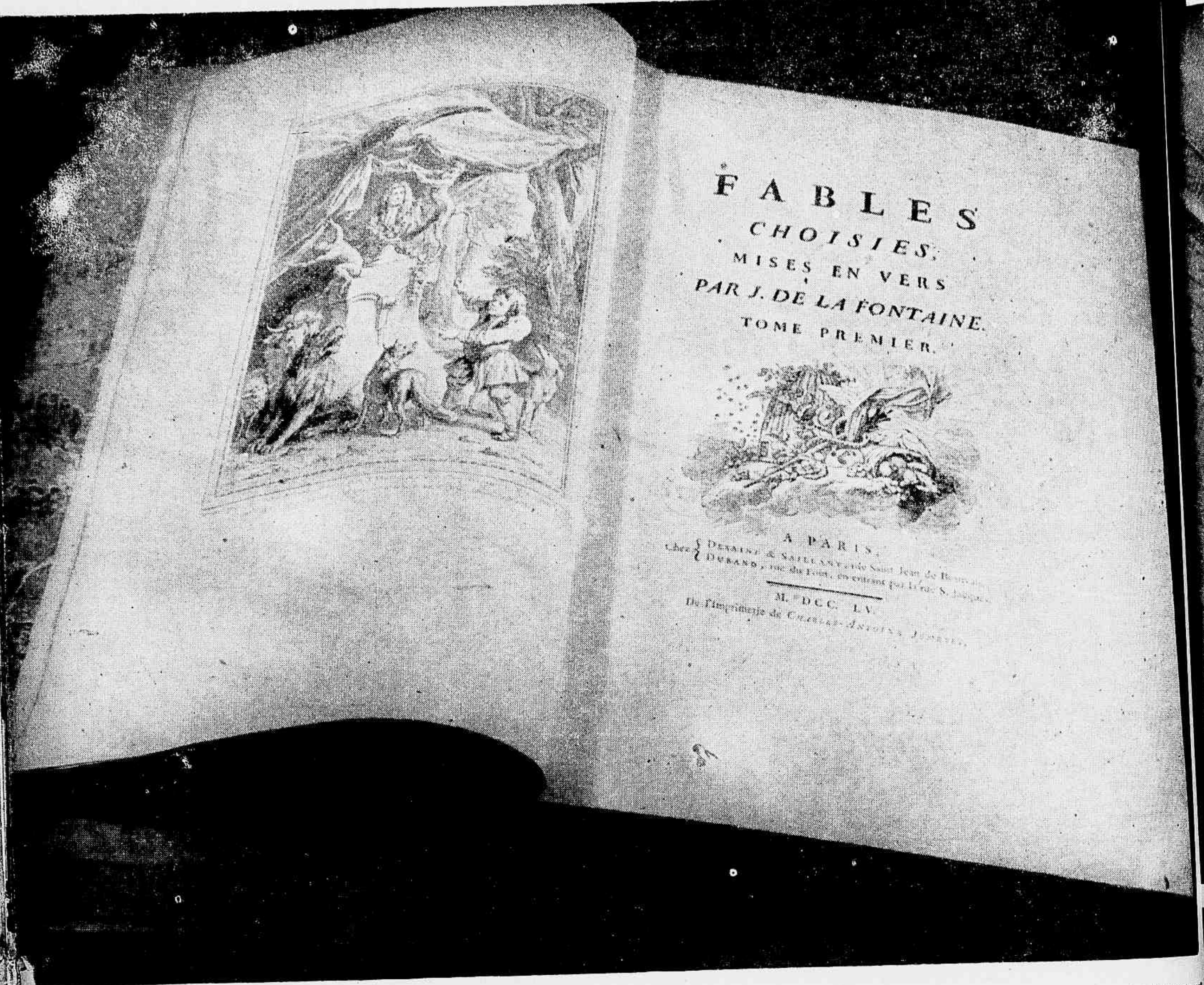
— Você é odioso!

— Está certo. Se fosse essa a sua opinião eu a aceitaria, mas não é. No fundo você está

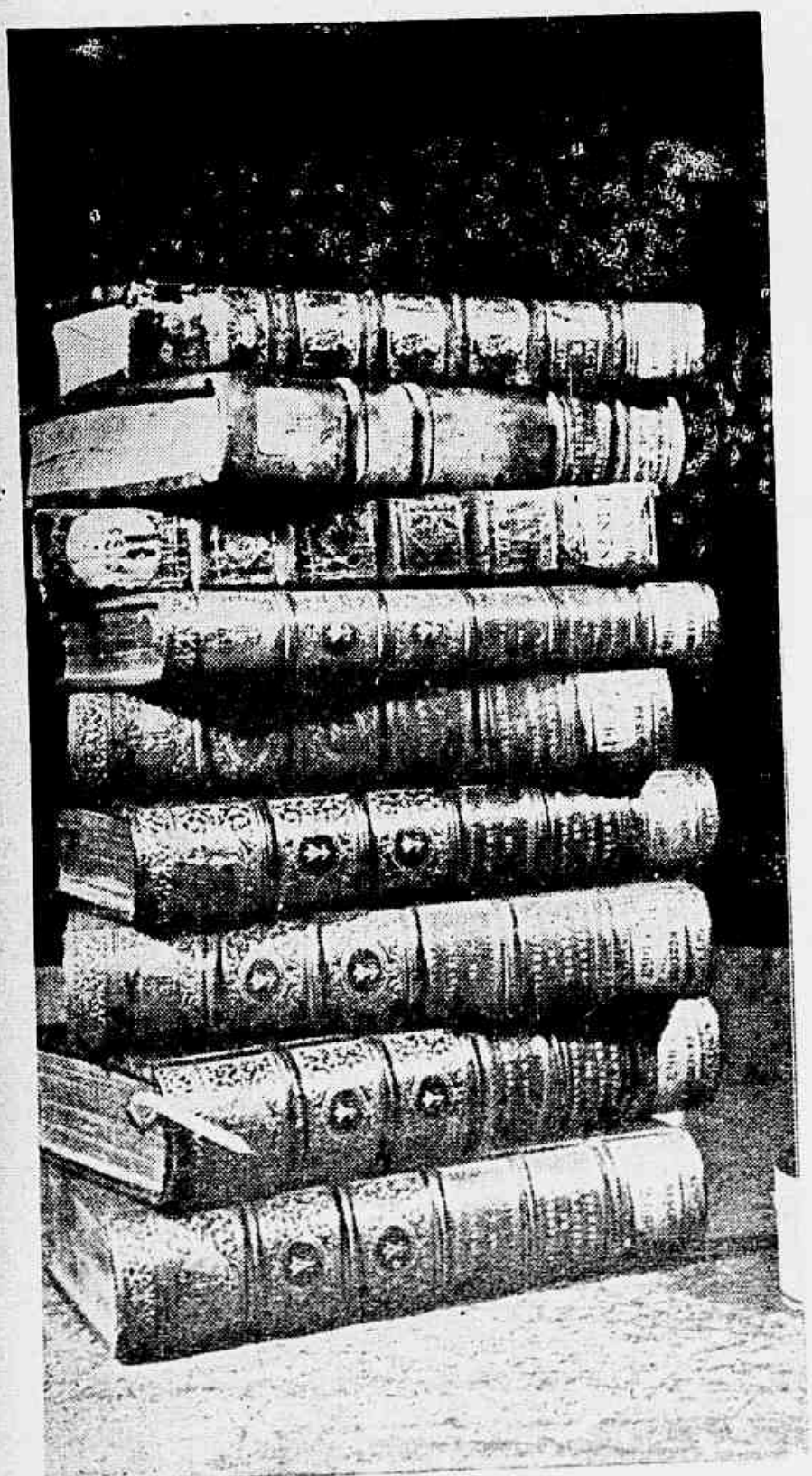
CONFISSÕES

(Conto de MARGERY SHARP)

(Continua na página. 52)



Uma edição completa das fabulas de La Fontaine (ao alto), conservada na Biblioteca Nacional de França. — Na gravura inferior, uma edição também completa dos "Caracteres" de La Bruyère. Detalhe curioso: todos esses livros importantes estão também cinematográfados em película de oito e dezesseis milímetros, para facilitar os trabalhos de pesquisa dos frequentadores da Biblioteca, e a sua divulgação pelo mundo.



COMO SE LÊ NA FRANÇA

Entre as grandes bibliotecas públicas que o governo francês possui, em Paris e todos os seus departamentos, a Biblioteca Nacional, cujas origens remontam a Francisco I, é sem dúvida a mais importante e a mais rica.

Instalada em Blois e depois em Fontainebleau por Francisco I, foi transportada para Paris sob o reinado de Carlos IX. Mas deve-se a Luiz XIV e Colbert seu prodigioso crescimento. No século XVII foi procedida a separação entre manuscritos e impressos. Ocupava essa biblioteca diversos edifícios, antes de ser instalada definitivamente no local onde hoje se encontra.

As remodelações feitas nos palácios de Mazarin, Chivry e Tuboeuf, pelo arquiteto Labrouste, de 1854 a 1875, deram à biblioteca sua atual fisionomia. Data de então e sobretudo dos últimos anos, os sucessivos progressos introduzidos em suas instalações e métodos de classificação.

Atualmente está em pleno uso e vem prestando grandes serviços à Biblioteca Nacional, o processo do micro-filme, mediante o qual

são fotografadas em miniatura, as páginas dos livros e projetadas em pequenos quadros luminosos. Assim, com maior facilidade, o consultante pode examinar qualquer volume, em poucos minutos, facultando-se ainda o direito de graduar as dimensões das letras de acordo com suas necessidades visuais. Ha outro benefício com o micro-filme: Os volumes são poupados, não se estragando tão facilmente, nem rasgando as folhas. Ficam esses volumes conservados nas estantes da biblioteca, fornecendo-se aos consulentes o pequeno tubo com o filme, que é então projetado em um quadrilátero luminoso. Aperta-se um botão e o vidro ilumina-se, sob o mesmo, é projetada então a página do livro. E com um pequeno movimento giratório, em outra peça do aparelho, as páginas vão se sucedendo, ou na realidade, o filme vai se desenrolando.

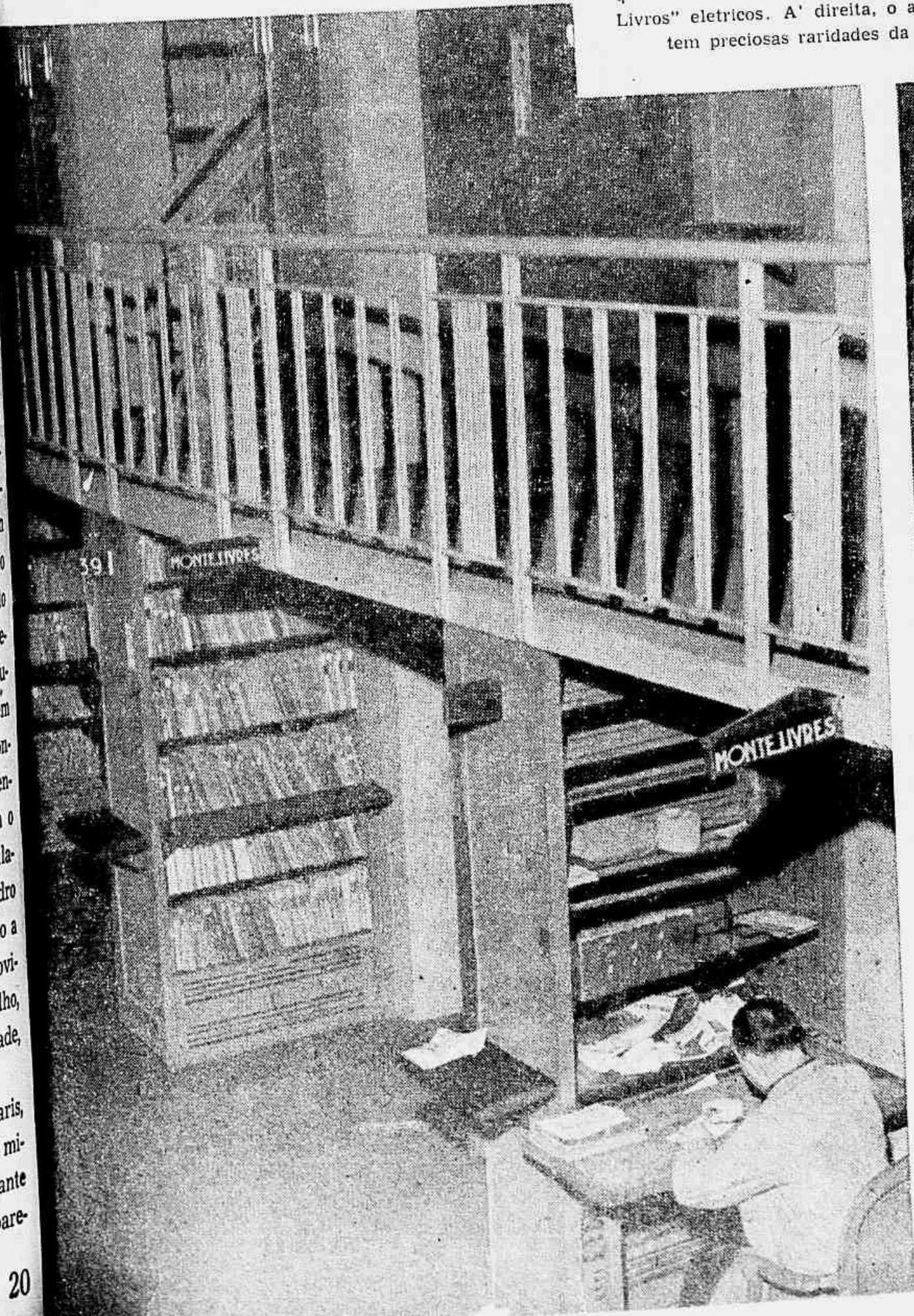
Assim se lê na Biblioteca Nacional de Paris, com todo o conforto. Em menos de cinco minutos, qualquer obra é entregue ao visitante e este mesmo se incumba de manejar o aparelho de projeção luminosa.

s "Caracteres"
os de pesquisa

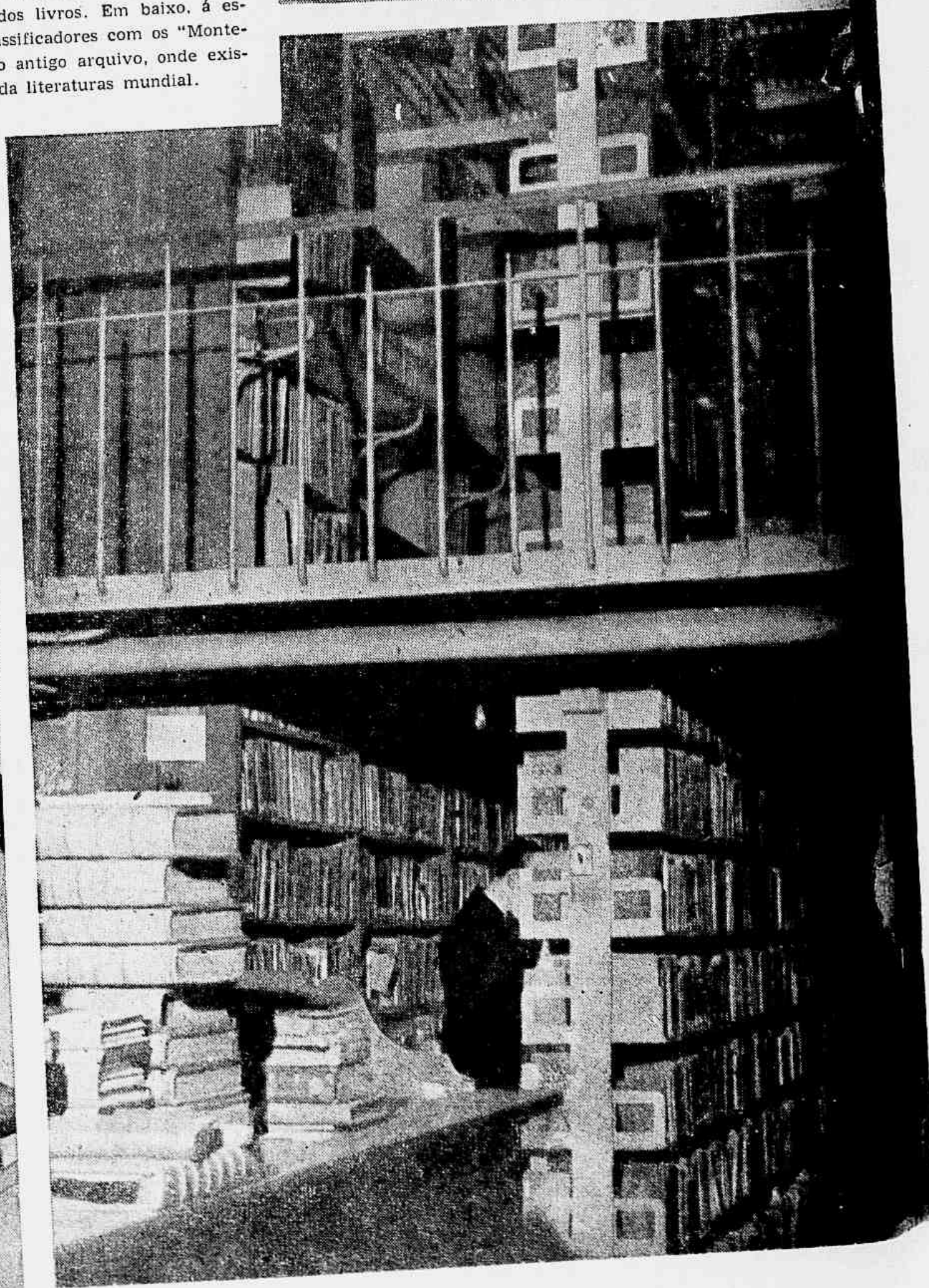
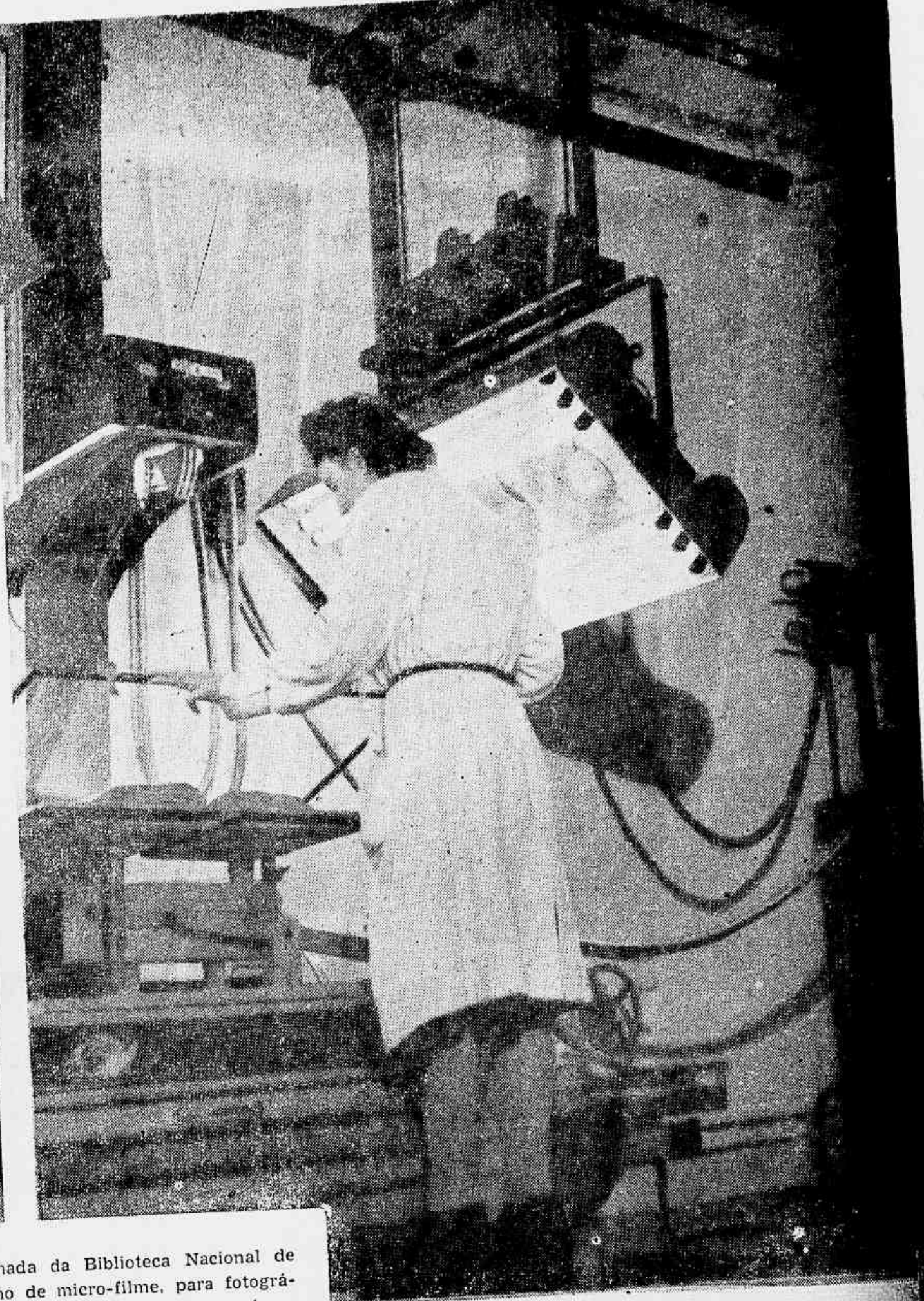
NÇI

páginas dos
quadros lu-
dade, o con-
volume, em
nda o direito
as de acordo
a outro bene-
mes são pou-
ilmente, nem
volumes con-
ca, fornecen-
o tubo com o
um quadrila-
tão e o vidro
etada então a
equeno movi-
do aparelho,
na realidade,

onal de Paris,
s de cinco mi-
e ao visitante
nejar o apare-



Ao alto, á esquerda, fachada da Biblioteca Nacional de Paris; á direita, o aparelho de micro-filme, para fotografar em miniatura as páginas dos livros. Em baixo, á esquerda, vista dos inumeros classificadores com os "Monte-Livros" eletricos. A' direita, o antigo arquivo, onde existem preciosas raridades da literaturas mundial.



de um passarinho que fez o seu ninho e veio outro e roubou. Ora, que graça tem isso? Um passarinho fez seu ninho, veio outro e morar nele. Em duas linhas ficou a história toda explicada. Mas se é meu tio vaqueiro quem a conta, tudo fica muito diferente. A história vai se enfeitando aqui, se dilatando acolá, o passarinho ladrão uma hora que é um grande fatife, outra hora que fica simpático. A gente nunca sabe direito quem vai ser o herói, quem vai ser o vilão. A história do passarinho é profundamente excitante, palavra de honra, mas tem que ser contada pelo tio vaqueiro. Se isso acontece com quem conta história pela boca, imaginem o que não é contar uma história no papel. Ninguém tem coragem de largar um contador de histórias falando sozinho. Mas deixar um livro de lado qualquer um faz. Certos livros que começam a dizer as coisas e parecem gente gaga querendo fazer discurso. Outros a gente pega não tem mais jeito de largar. O contador faz um contáto qualquer com o leitor. De onde vem esse contáto misterioso, que os deixa por horas solidários, se compreendendo tão bem. As vezes vem de palavras singelas, palavras esquecidas desde a infância e que nos trazem subitamente uma ligação com o passado. Outras vezes o contador de histórias comparece diante do leitor com um ponto de vista que ele também possui, mas que não sabe que possui ou, então, não encontra meio de exprimir. A verdade é que, muitas vezes, estamos diante de livros muito ilustres que logo, no primeiro contáto, verificamos serem inimigos nossos. Mas acontece também que, por vezes, acabamos de ler um livro e sabemos que estamos ligados a ele para sempre. Pode-se dar o caso de haver simpatia inicialmente e depois, a coisa desandar em indiferença ou virar antipatia. Mas nada disso tem importância. O que tem importância é que o contador da história tem que ter seu segredo. Acabei de ler um livro que está repleto desse misterioso poder de segurar o leitor. Esse livro me transportou para a infância. Está aí uma viagem que me agradou muito. Não foi a história, não foi a estrutura. Foi que, aqui e ali, encontrei as expressões populares paulistas, que aos poucos foram sumindo da minha vida. Vejam o que Ruth Guimarães em "Água Funda" pôde fazer com a sua história. A certa altura ela diz assim: "Os antigos dizem que foi praga. E' ver que foi". Pois isso me faz lembrar as meninas que eram minhas amigas e que já não sei mais onde andam e que diziam: "Será que foi? Vai ver que foi". E aquele: "É, festa!" E o "farturão danado" de uma velha cantiga descritiva?

"No dia do meu casamento
Foi um farturão danado,
Oiava pra todo lado
Quasi não fartava nada..."

Era o número favorito das nossas invenções teatrais, quando não estávamos de volta para ser somente artistas de circo. Minha avó não passava sem ela, quando era convidada para assistir no quintal ao nosso "show". Lembranças do "terreirão": — uma terra plana, cimentada, onde o café era despejado para secar. Uma vez por outra, aquela maneira de perguntar. Não tem apuro clássico, mas é tão doce saber que alguém pergunta assim:

— O que que é?

Ou então o desabafo natural, tão paulista, tão da minha gente:

— Larga de ser garganta!

Ruth Guimarães conta uma história em "Água Funda" e essa história é contada no papel com a mesma naturalidade com que um conversador da marca do tio vaqueiro conta a história do passarinho. Não é uma

GENTE CONHECIDA EM "ÁGUA FUNDA"

LUCIA BENEDETTI

QUEM é contador de histórias tem que ter seu segredo. Ora, histórias há muitas mas saber contar é que são elas. Esse segredo especial não está espalhado entre toda gente. Se fosse assim, ninguém se interessaria de ouvir uma história deste ou daquele. Dava tudo o mesmo. Mas, não. Há sempre um que conta melhor. Tenho um tio "vaqueiro" que conta qualquer história com sucesso. Não usa entusiasmo, fala grosso e quase não gesticula. Mas pode ser a história

(Continua na pág. 52)



A Paramount ORGULHOSAMENTE
apresenta o seu próximo
LANÇAMENTO NO RIO E EM S. Paulo:

FARRAPO HUMANO

(THE LOST WEEKEND),
IMPRÓPRIO PARA CRIANÇAS ATÉ 14 ANOS

Vencedor de quatro
premios máximos da
Academia de Artes e
Ciencias do Cinema!

"O MELHOR FILME DO ANO"

com

O Melhor ator:

Ray Milland

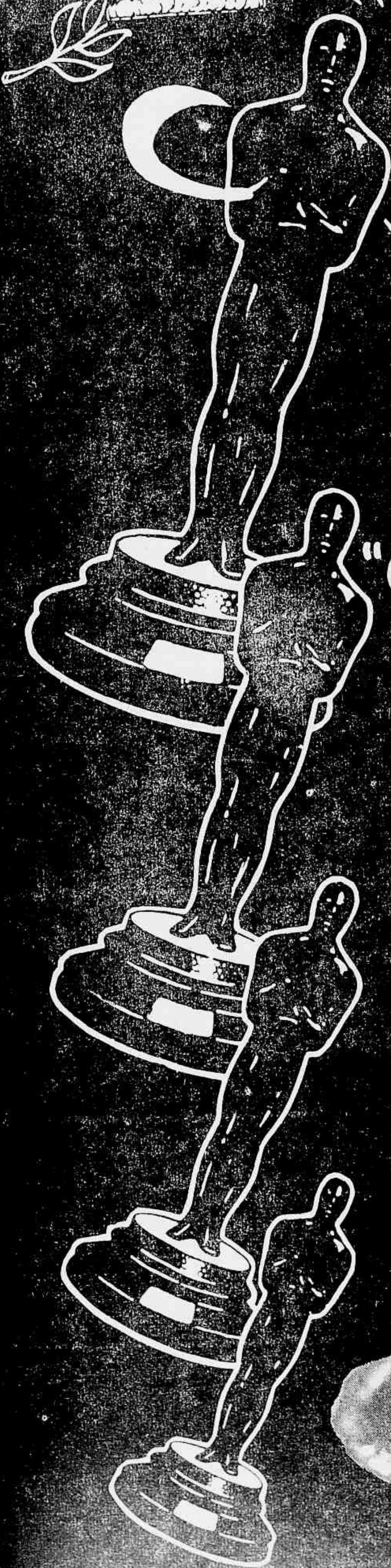
O Melhor Diretor:

Billy Wilder

O Melhor Argumento:

da autoria de

Charles Brackett e Billy Wilder





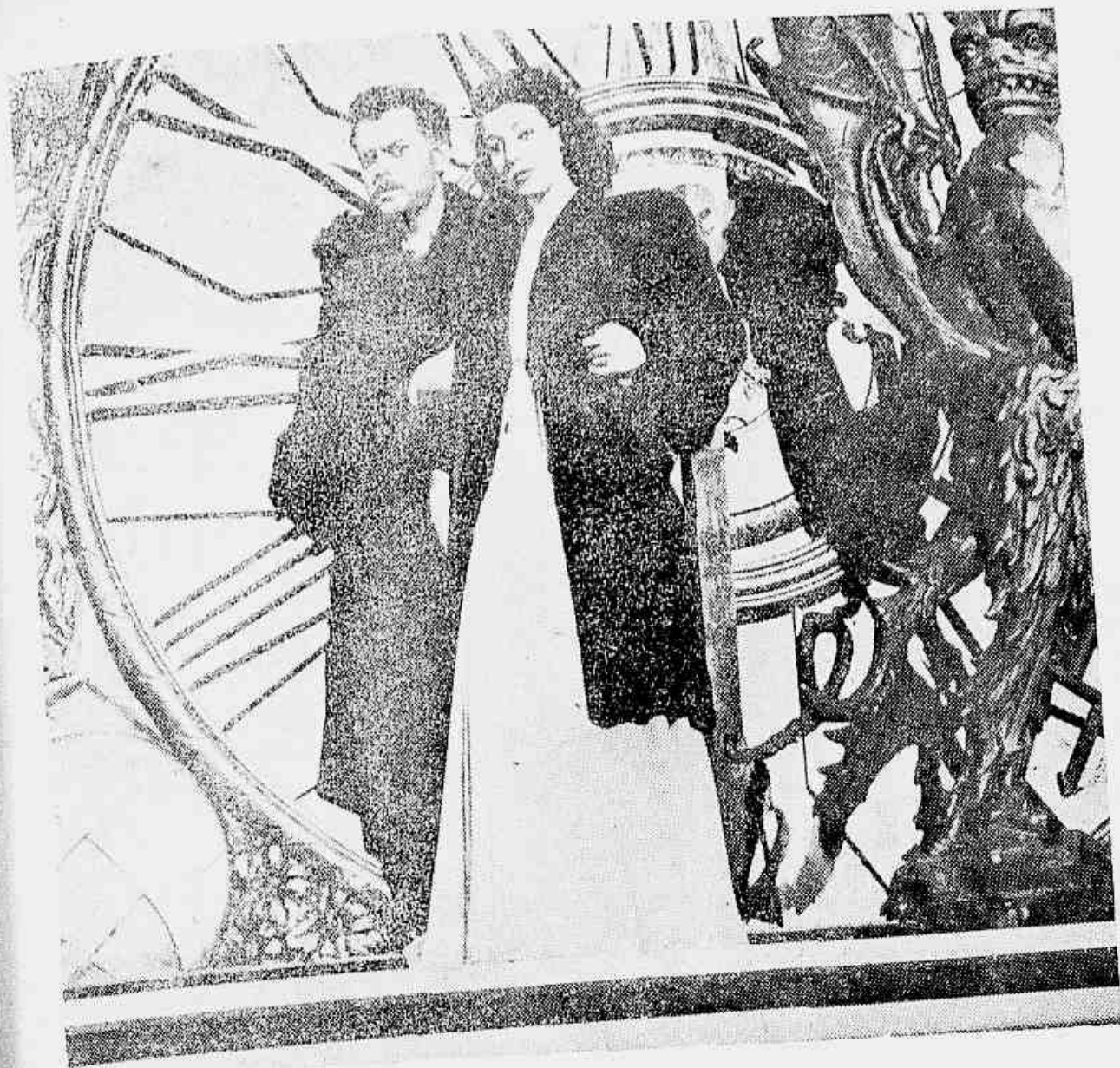
Na página à
Rio), recebe a
cuja capa está
culminantes d
pela Paramount
Stran

66

Hollywood.
— Com toda
importancia
servar que o
da não esque
de Roy Mill
cujo título po
"Farrapo Hu
nista desse
centenas de
sôas que e
trangeiro, i
do protagon
ca mais be
daram-se a
ciações an
um total d
E' permiti
"chopps" p
O socio c
de embri
seu nome

A' direita
filmagem
encosta, u
tes desco
ser apres
do n





Na página à esquerda: Ann Miller, protagonista de "Thrill on Brazil" (Romance no Rio), recebe a visita de Louis Serrano e põs folheando a REVISTA DA SEMANA, em cuja capa está também a sua fotografia. — Em baixo, Ray Milland numa das cenas culminantes de "The Lost Week-End" (Farrapo Humano), em vespas de lançamento pela Paramount, aqui no Rio. No clichê acima, Orson Welles e Loretta Young, em "The Stranger", filme no qual um relógio tem papel preponderante.

A "Revista" em Hollywood

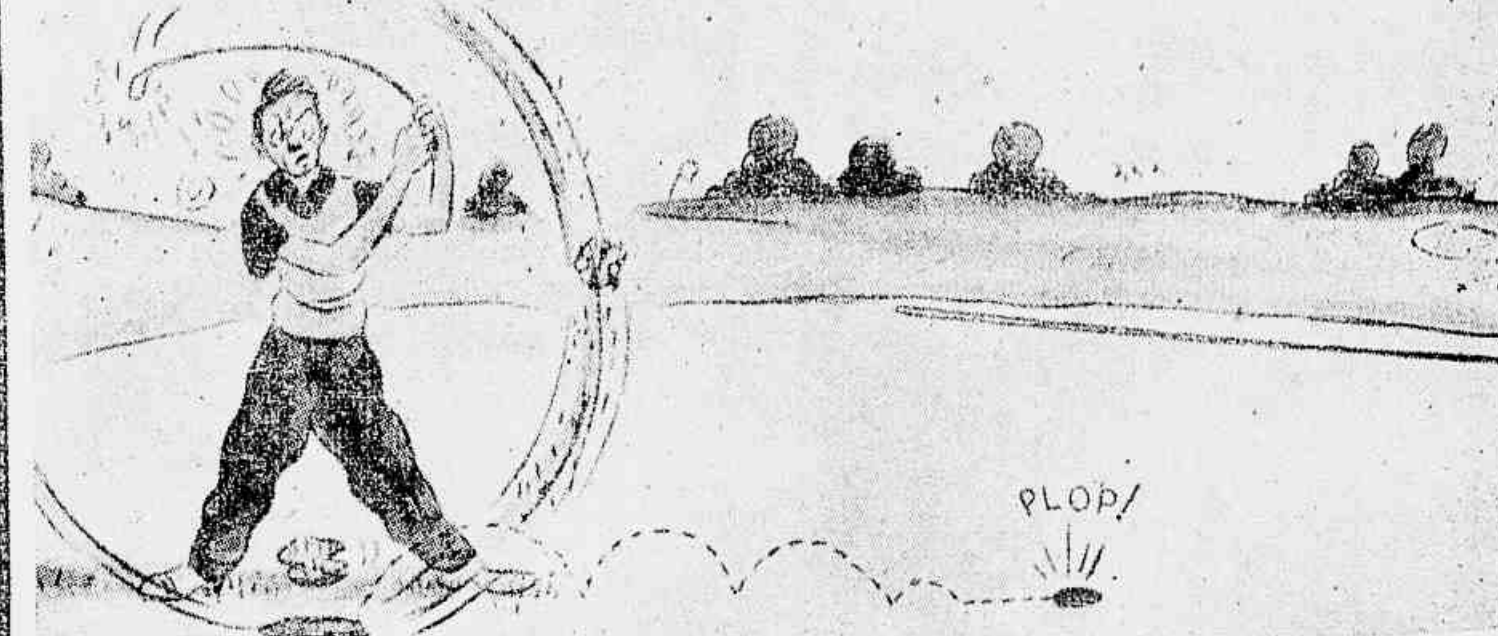
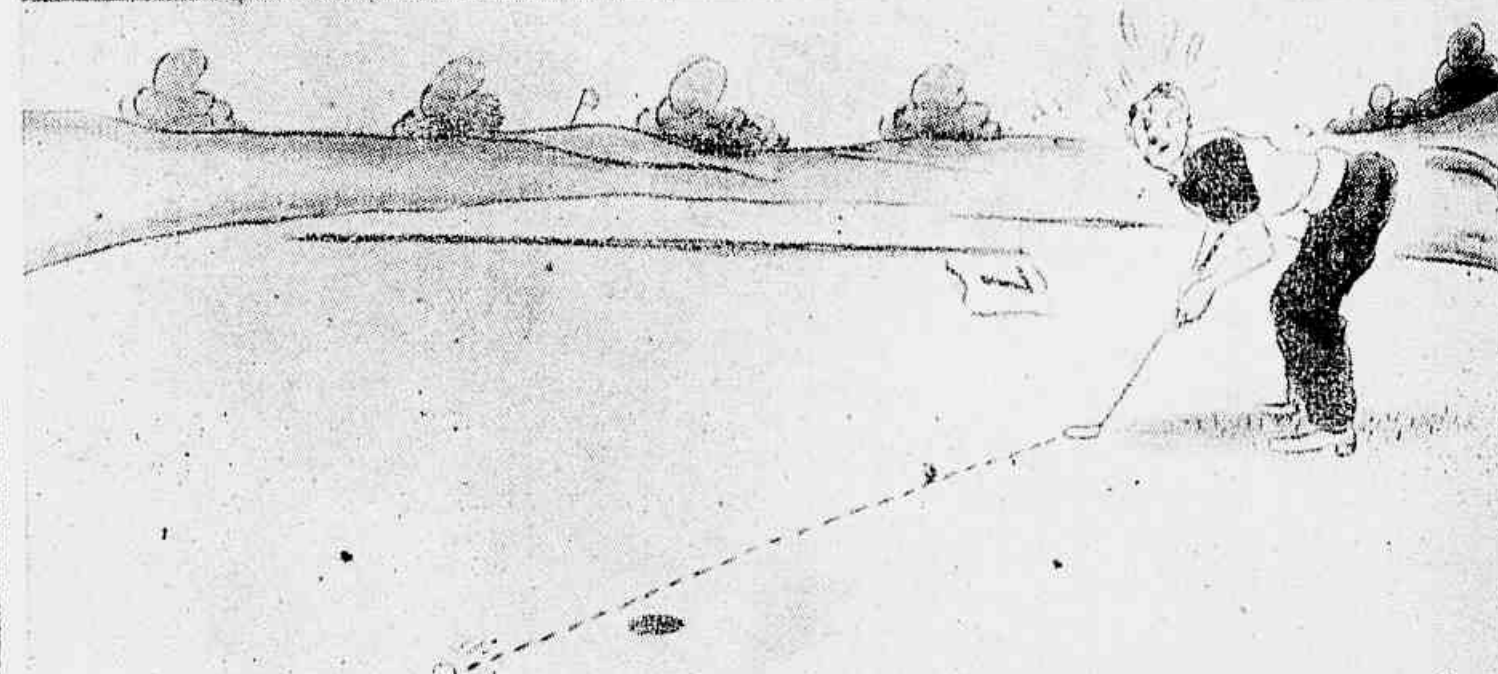
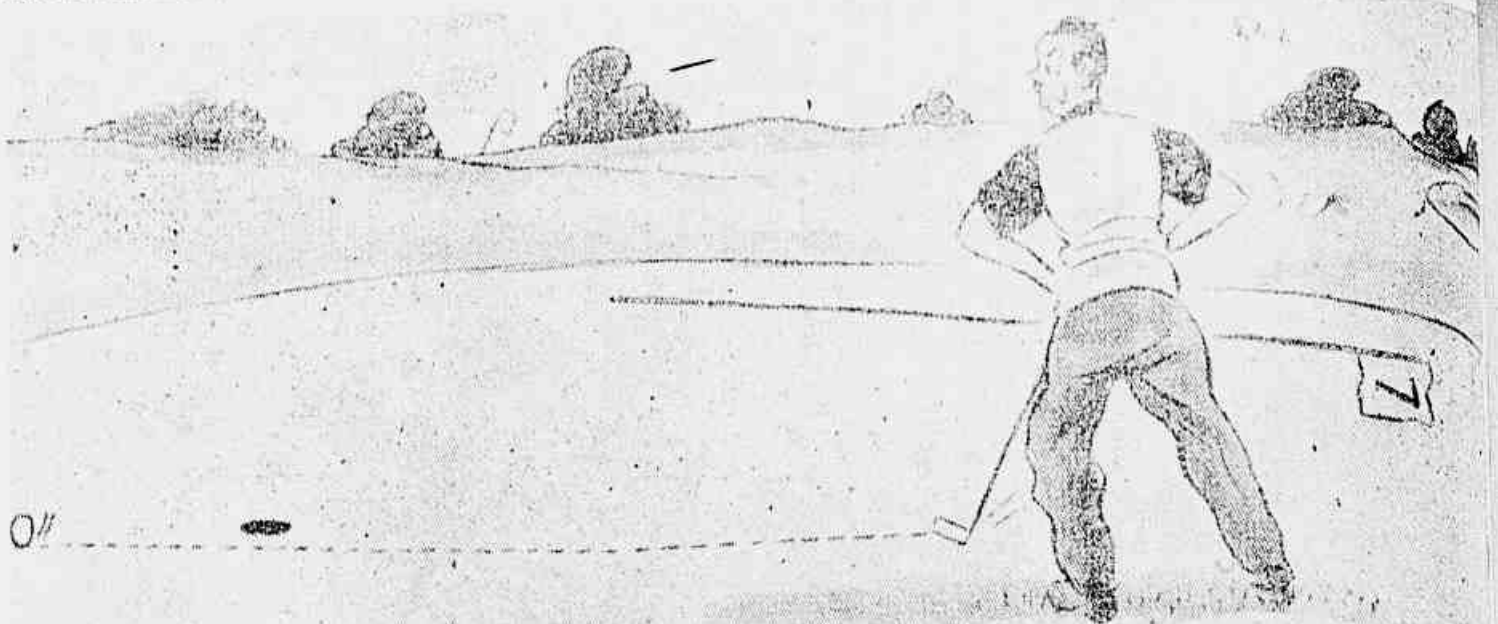
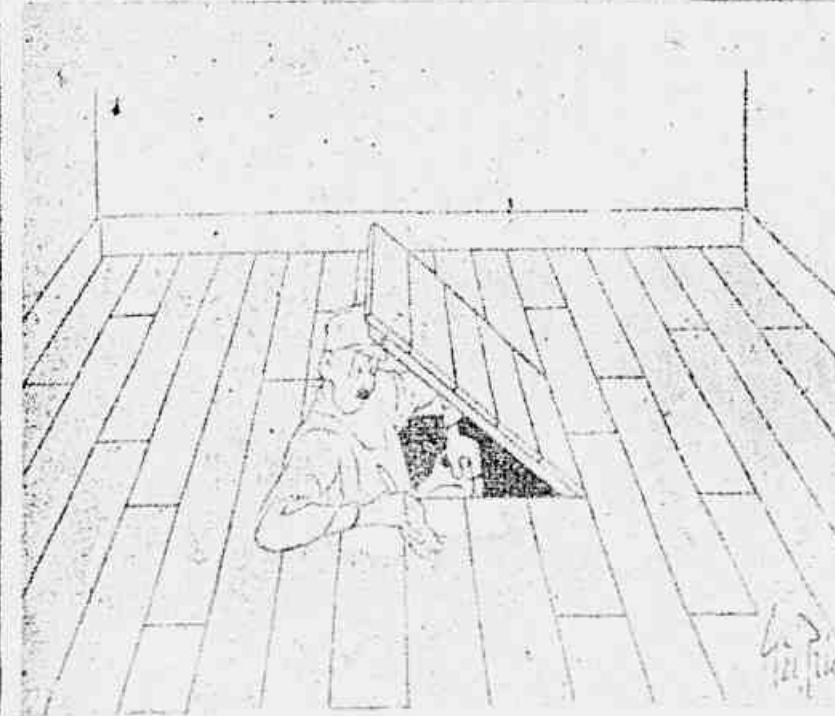
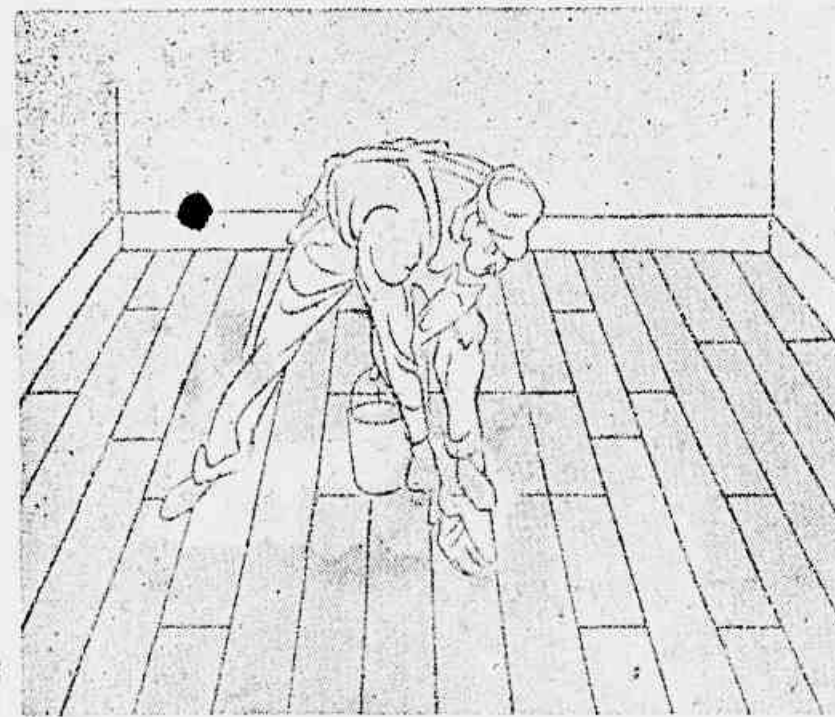
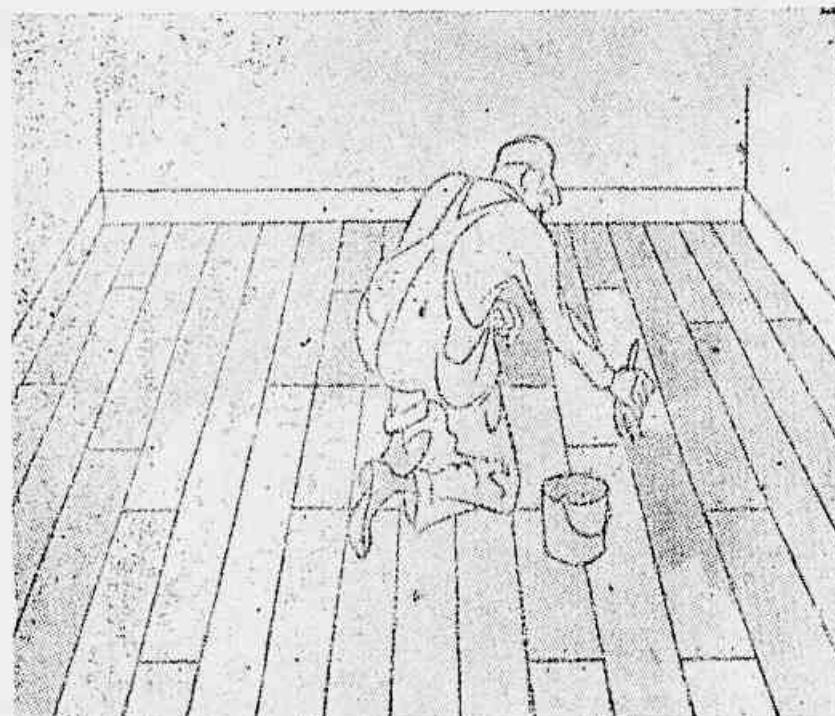
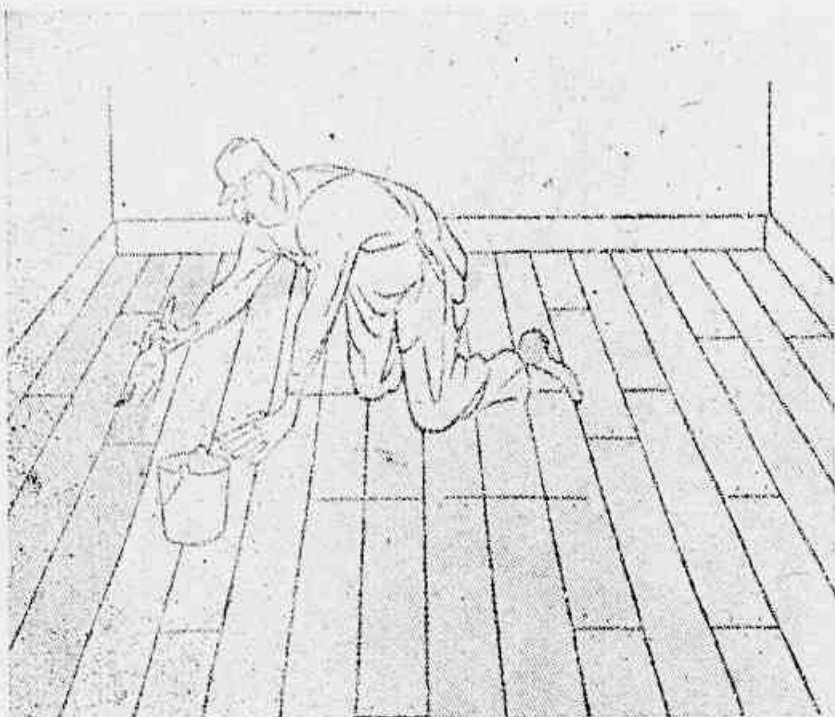
Hollywood, julho. (Por Louis Serrano)
— Com todos os lançamentos de grande importância da temporada, é curioso observar que o público norte-americano ainda não esqueceu a notável "performance" de Ray Milland em "The Lost Week-End", cujo título para o nosso idioma ficou sendo "Farrapo Humano". Até hoje o protagonista desse atormentado drama recebe centenas de cartas semanalmente, de pessoas que em todo o país, ou até no estrangeiro, impressionadas pela tragédia do protagonista desse filme, juraram nunca mais beber um trago de álcool. Fundaram-se até agora oitenta e cinco associações anti-alcólicas nos E.E.U.U., com um total de quatrocentos mil associados. É permitido beber, no máximo, dois "choppes" por dia ou uma dose de whisky. O sócio que for encontrado em estado de embriaguez, será expulso, figurando seu nome na "black-list" do nome. Ray

Milland é automaticamente o patrono de todas essas organizações. Mas como não podia deixar de acontecer, Ray Milland ficou impedido de tomar um "drink" em lugar público, sob pena de se desmoralizar. Ele não é, de modo algum, homem que se entregue à bebida, mas jamais pretendeu ser um bostêmio. E avaliem o seu sofrimento, obrigado, por força de "Farrapo Humano", a beber água mineral, coca-cola ou laranja nos almoços de cerimônia a que comparece! Segundo me informou em caráter particular — e não contem a ninguém — o ator vingasse quando chega em casa, bebendo dois ou três goles "avantajados", no "bar" de sua residência. Por sinal que visitando esse "bar" em companhia de dois brasileiros, um deles o apelidou, com muito espírito, o "Boteco de Lelé". E Lelé, para todos os efeitos, ficou sendo Ray Milland...

A' direita, Ann Sheridan mostra à leitora como se descansa nos intervalos de uma filmagem, sem amarrotar o vestido. Ha cadeiras especiais, onde a artista apenas se encosta, repousando sobre os cotovelos. — Em baixo, Viveca Lindfers, uma das recentes descobertas da Warner, procedente da Suécia, em seu primeiro dia de estúdio, ao ser apresentada a Joan Crawford pelo diretor Curtis Bernhardt, que também a aproxima do novo galã Gig Young. Ela estreará em "Ships in the river", do escritor sueco Costa Larsson.



DE BOM HUMOR



— Imaginem se eu fôsse flautista!

E XISTEM pessoas que vivem amarguradas dizendo trazer consigo aquele famoso "complexo de inferioridade". Bem, não pretendemos entrar em divagações "freudianas", mas apenas tentar fazer com que essas pessoas se sintam menos infelizes. Sejam quais forem as razões desse "complexo", que muitas vezes só residem na nossa imaginação, é preciso reagir, combatê-lo com todas as nossas forças até que possamos viver livres, inteiramente livres desses sentimentos confusos que nos complicam a vida.

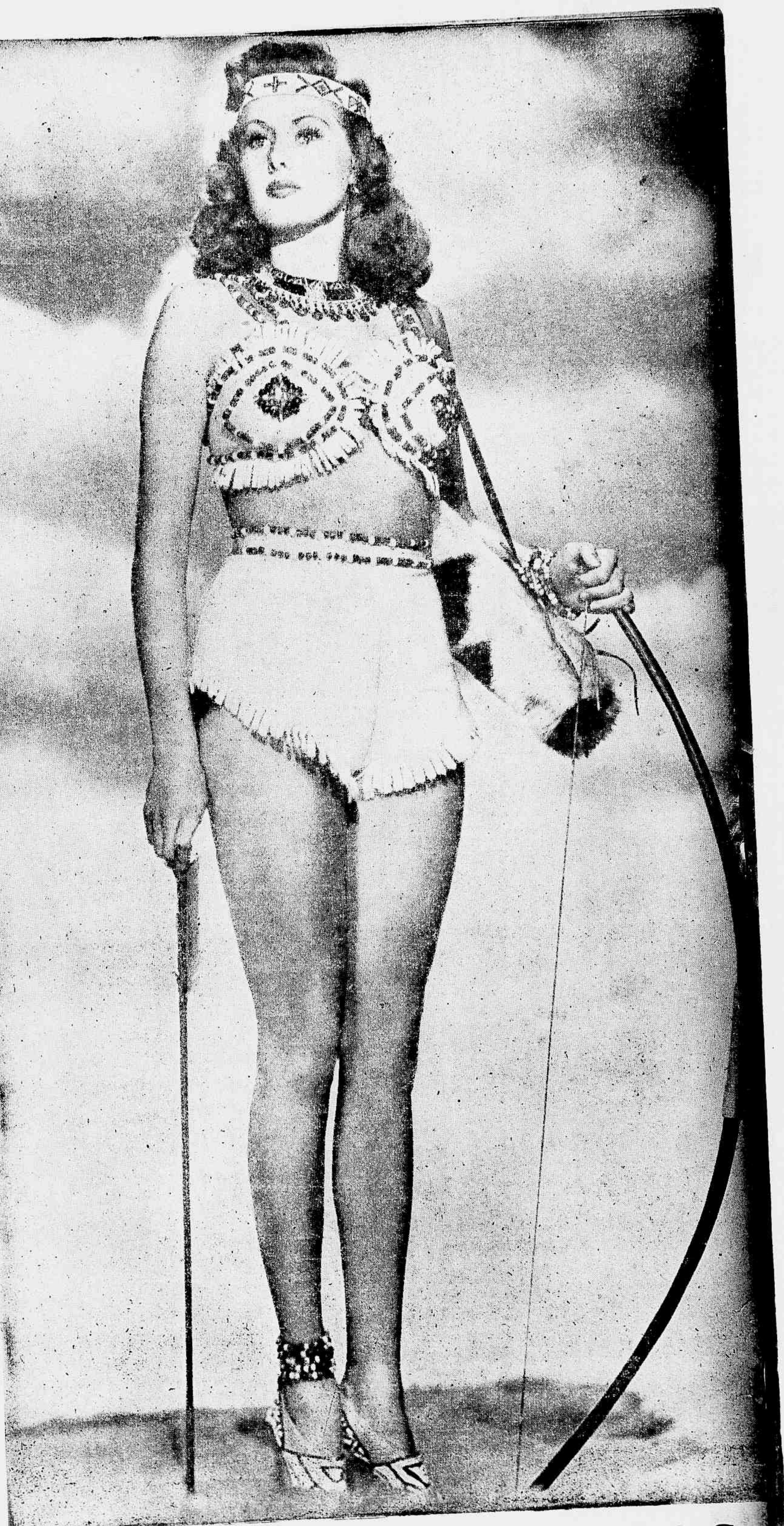
Convença-se a si própria de que não há nada de que se envergonhar; convença-se de que si você não é melhor do que os outros, também não é pior. Procure ler, instruir-se, conhecer um pouco de arte, estar ao par dos acontecimentos mais importantes da época; vista-se com apuro e discrição; cuide do seu corpo e do seu espírito.

Tenha confiança em si própria e, si por acaso estiver numa reunião social, não tenha receio de se aproximar dos outros; ninguém tem a intenção de humilha-la; ninguém a olhará com desdém; ninguém lhe fará perguntas às quais não possa responder. Tenha um sorriso simpático e uma palavra amável para qualquer pessoa; aproxime-se com naturalidade como si estivesse perfeitamente à vontade naquele ambiente ainda que não seja o seu; observe certa discrição nas suas maneiras, tonalidade de voz. Fale com qualquer pessoa como si o estivesse fazendo com um velho conhecido; afaste de si, querida amiga, a preocupação da "gaffe"; a idéia de que todos a estão olhando e criticando. E si a magoarem, não pense que isto foi feito porque a consideram inferior; veja bem donde partiu a maldade e descobrirá que o erro não está em você mas no autor da maldade.

Liberte-se, de uma vez, desse terrível "complexo" pois só assim poderá encontrar a paz e felicidade.

KITTY

JANE HARKER (W. Bros)



NOS RASTIDORES FEMININOS

SUGESTÕES DE DEANNA DURBIN

frente. Na cabeça "pom-pom" de penas. Finalmente um, modelo para a tarde em azul com salpicos brancos. Mangas modernas presas ao cotovelo. Gola alta, com laço de "cordonnet" da mesma fazenda. Cinto de camurça branco com enfeites de camurça vermelha. Chapéu de feltro azul, copa alta, com enfeite do mesmo tecido do vestido. O chapéu é de John Fredericks.

DEANNA DURBIN, a famosa "estrela" da Universal que o mundo inteiro admira, cresceu, casou, e tornou-se uma das mais elegantes figuras de Hollywood. Seu figurinista favorito é Howard Green, que criou para ela os modelos que aqui estampamos.

Primeiro um "tailleur" de camurça verde escuro. O casaco é sem gola, mangas "três-quartos", sob cada ombro grande "casa" com botões do mesmo tecido. Saia em "panos". "Echarpe" e "beret" de camurça verde escuro e verde claro. O mesmo para as luvas. Em seguida: — Conjunto para a tarde, composto de saia de pesado crepe preto e blusão de crepe rosa pálido. Recortes ao alto com "tulle" embutidos. Grandes "pences" nos ombros. Mangas largas. "três-quartos". Cinto em cordão, formando interessante laço na



nas. 2
em li
dernas
acinho
into de
ça ver
ta, com
O che



O rapaz entrou, taciturno, sentou-se a uma banca, pediu um cálice de cognac, e ficou cabisbaixo, bebendo aos golinhos. Eu estava intrigado com aquela atitude estranha de um rapagão cheio de vida. Achava-o demasiado triste e lamentavelmente acabrunhado.

— O amigo naturalmente está intrigado com a tristeza daquele cavalheiro, não? — perguntou-me um cidadão visinho á minha banca. Uma dessas criaturas que se acham em todo lugar e dão a vida ao diabo para contar uma história, esclarecer um mistério.

— Sim — respondi. — Realmente há qualquer coisa lá por dentro daquele moço. Um desgosto, uma amargura — certamente ele perdeu qualquer coisa que lhe era cara. Certamente foi-se-lhe água abaixo um grande amor...

— Acertou! Aquele rapaz perdeu um grande amor e uma grande uzina devido a uma... lagarta!

Encarei o cidadão, a quem não conhecia nem de vista. Na certa o sujeito pilheriava.

— Não olhe para mim dêsse jeito. Não estou pilheriando e posso contar em rápidas palavras a história daquele tipo cujo ar de sofrimento o está intrigando como intrigou a mim há alguns dias passados.

Veu da banca dele para a minha, fêz-se familiar, ingeriu um copo de cerveja.

— Aquele sujeito sempre foi um boa-vida. Nunca trabalhou e levava o tempo todo a namorar. Mas nunca pensou realmente em casar. Namorava, namorava, e quando a pequena suspirava por um véu e uma grinalda de flor de laranjeira, um padre e um juiz, marcha nupcial e cortejo, ele dava o fóra, desaparecia da noite para o dia, deixando sulcos profundos em corações desiludidos.

— Só me casarei com uma garota rica, que me sustente para o resto da vida. Meu pai trabalhou muito, fêz muita força para viver — e eu nasci cansado!

Ele dizia isso cínicamente e na realidade não trabalhava. Vivía nas costas dos parentes e extorquia dinheiro à velha mãe, que por



sua ve
mento
do de
to val
era, a
um re
tava c

Ada
drido
ter m
rição
lente
tido
ment
turas
suid
lavr
gola
En
pros

filh
cult
ela
dife
por
que

—
sim
mi
ve
er
co
ris
fin
Te

co

co

m

t

d

f

l

v

r

Historia de uma Lagarta

sua vez ia vivendo de algum excasso rendimento deixado pelo marido. Ia-me esquecendo de dizer — e esta particularidade tem muito valor em minha narrativa — que o rapaz era, além de preguiçoso, brincalhão. Possuía um repertório considerável de anedotas e gostava de pregar peças.

Adorava assustar aos outros. Imitava ladrão de cachorro em ruas solitárias para meter medo a solteirona beata; arranjava aparição para amedrontar sujeitos tidos como valentes; metia gato preto em casa de camarada tido como supersticioso e enfiava sorratamente bilhetes amorosos, firmados por criaturas hipotéticas, em bolsos de maridos postuidores de espôsas ciumentas. Era, numa palavra, um demônio, e todos lhe temiam as gralhas e as solicitações de dinheiro emprestado. Engoliu novo copo de cerveja, pigarreou e prosseguiu:

— Um dia êle entrou numa igreja e viu a filha de um uzineiro — moça bonita, educada, culta e rica — e realmente se apaixonou por ela. Sentiu lá dentro do peito um sentimento diferente a que chamou amor — e a garota, por sua vez, ficou caidinha pelo tipo. O pirata, que não conhecia, porém, amor sem dinheiro — “teu coração é uma choupana” — poz-se syndicar. O pai da pequena era muitas vezes milionário. Um partido excelente. Mais uma vez o útil associado ao agradável. O velho era seguro nos negócios e mole nas coisas do coração. Caiu nas lábias do rapaz, deu boas risadas com as suas anedotas — simpatisou, finalmente, com o pretendente à mão da filha. Tornou-se noivo, o nosso herói.

Bebeu mais cerveja, tossiu discretamente e continuou:

— A menina era filha única e fôra criada com mimo. Tinha medo de tudo, principalmente de lagarta. Note bem: principalmente de lagarta. E o rapaz não sabia disso. Todas as noites lá estava o felizardo na casa da futura espôsa, muito compenetrado, muito delicado, muito amigo do velho, a quem deleitava, quando estavam a sós, com histórias apimentadas. O nosso Romeu tinha, além de tudo, o hábito de machucar folhas para lhes ouvir os estalos entre os dedos. Era um velho costume do tempo de criança, um passatempo aparentemente inofensivo como outro qualquer. Passava por um jardim, por uma praça pública, via uma árvore, um arbusto, arrancava uma folhinha e esmagava-a entre os dedos para lhe ouvir o tac-tac. Ora, numa dessas ocasiões, estava uma lagarta muito bem acomodada numa folhinha verde, gozando certamente a fresca da noite ou descansando o corpo da labuta do dia, quando passa êsse nosso amigo e arranca-a. A lagarta, assombrada com tal coisa, num movimento instintivo e rápido de defesa, pula da folha e se coloca na manga do palitô do nosso amigo. Chega o noivo à casa da noiva, dá-lhe um beijo casto na testa, pergunta pela saúde do futuro sogro, instala-se confortavelmente numa poltrona e põe-se a conversar, a tagarelar, a fazer caste-

los, a cavaquear sobre o futuro. Mas a lagarta, alheia a tudo, a amores, a uzinas, a mi-lhões de cruzeiros, começa a se movimentar, a se arrastar pela manga do palitô, cuja fazenda, de um tecido áspero, se lhe afigura muito diferente de uma folhinha macia e acolhedora, até que descobre um pedaço de carne, no caso a mão do rapaz, e lá se vai a lagarta, esticando-se, encolhendo-se, farejando. O noivo sente uma cócega, uma coceirinha estranha, olha para mão e, também num movimento instintivo, joga a lagarta à-toa, num repelão. O animal, gordo e repelente, traça uma trajetória no ar e vai cair, maleável e certamente assustado, sobre o colo roliço e rosado da pobre moça. A pequena dá um grito, olha para o noivo num relâmpago e rola desmaiada, ferindo a testa delicada e branca numa ponta de móvel. O sangue brotou, houve correria, lamentos de criados alarmados, imprecações do pai, chamados aflitos de assistência, de médicos, o diabo. O causador de tal terremoto só acertou um caminho: fugir, fugir quanto antes daquele pandemônio. E esgueirou-se, como um gatuno qualquer, e ganhou a rua em disparada, numa velocidade de campeão de corrida.

Enxugou novo copo, passou o lenço pela boca e foi falando:

— No dia seguinte o rapaz foi à casa da noiva. Reuniu toda a coragem que lhe restava, afastou a vergonha do sucedido, fez-se muito forte e bateu ao portão. Um criado meteu a cabeça num postigo, viu que era, reteu a cabeça num postigo, viu que era, tencusou horrorizado, e, daí a momento, trouxe lá dentro a voz do futuro sogro, irado, que falou em canalha, semvergonha, cretino, revólver, cadeia, e mais outros mimos que o pobre noivo não conseguira ouvir porque tomara a precaução de se afastar a tempo.

Mandou um bilhetinho, que a noiva devolveu. Telefonou, disse o nome e desligaram. Passou uma noite inteira escrevendo uma carta, encheu três laudas de letras miudas e ner-tas, a carta, com o bilhete, lhe foram devolvidas; a carta, com o bilhete, lhe foram devolvidas intactas. Dirigiu-se novamente à casa da amada. Queria pedir-lhe perdão, explicar tudo, afirmar, jurar como não lhe jogara em cima a lagarta por gosto, por pilhéria. Desejava, ansiava por esclarecer o acontecimento estúpido. Precisava dizer-lhe que sofrera muito, que passara noites em claro. Devia lamentar-se, chorar até, por ter sido conhecido, antes, como estouvado, um brincalhão incor-rigível, um indivíduo acostumado a pregar peças, a meter medo aos outros. Via-se na obrigação de lhe dizer que pensara até em suicídio, num exílio voluntário, e que chegara a sonhar que estava em Honolulu, bêbedo, entre nativos de tanga, vivendo com uma nativa morena, rodeado de filhos mestiços. Bateu mais uma vez ao portão e dessa vez quem o atendeu foi um cão policial, agressivo, de dentes afiados como navalha. Fugiu apavorado, desiludido, esmagado. E no mesmo dia um tipo alto, mal-encarado, armado, que lhe exibiu com arrogância uma caderneta da po-

lícia, aconselhou-o a desistir da pequena fal-lou-lhe em processo, cadeia, deportação, o diabo. O nosso herói fez-se mudo, foise-lhe de uma vez por todas o sorriso permanente, a alegria de viver, o sol da felicidade se lhe apagou e êle é o que aí está — uma sombra de homem, um ser sem vontade própria, um pária desfibrado cujo futuro uma lagarta estúpida, maleável e repelente anulou, tingiu de negro.

Acendeu um cigarro, jogou para o ar uma baforada.

— Fique sabendo que em nossa vida acontece sempre um imprevisto, um acontecimento muitas vezes banal muda o rumo das coisas, imprimindo-lhes um sentido diferente e inesperado. Em resumo, meu amigo, em nossa existência, no caminho que trilhamos, se atravessa de ordinário uma lagarta — essa lagarta a que, dada a nossa ignorância de apreciar devidamente os fatos, chamamos — Destino.

O rapaz taciturno se erguera, pagou ao garçon e retirou-se. Passou por nós e não nos notou.

— Êle não vai bêbedo. Nunca se embriaga. Apenas se atordôa.

E depois de uma pausa breve:

— Bem; eu também vou indo.

Estirou-me a mão, que eu apertei maquinalmente, sem ao menos lhe indagar o nome. Fiquei só, no meu canto, meditando, analisando a estranha narrativa que acabara de ouvir. Quando fui pagar, o garçon perguntou-me, entre risonho e irônico, se eu pagava a despesa do outro.

— Certamente.

Paguei a conta toda, inclusive 2 cervejas do meu informante.

— Desculpe, cavalheiro, mas aquele cidadão lhe contou alguma história de alguém que estava neste bar? — indagou o garçon.

— Sim — respondi. — Falou-me a respeito de uma lagarta que mudou o destino de um homem.

O garçon poz-se a rir e eu encabulei.

— Não vejo de que tanta graça.

— Uma lagarta! — exclamou.

— Sim, a história de uma lagarta que alterou determinados planos de vida, mudou o rumo de um futuro brilhante. E o que é que tem isso? — indaguei, queimado com o pouco caso do outro.

O garçon não se alterou.

— E' que — disse por fim — naturalmente o cavalheiro foi vítima de mais uma partida daquele cidadão.

E ante minha admiração:

— E' a especialidade dêle. Vem para aqui, faz-se amigo de alguém, inventa uma história qualquer a respeito de algum freguês afastado, e no fim, quem lhe escutou a narrativa geralmente interessante, lhe paga a despesa. E' um meio cômodo e inteligente de beber de graça...

(Continua na pág. 52)



YV

YV

sua re
é simp
da su
cima:
lemb
poltr
depo
cand
o seu
é im
"aba
senh
pági
apre
fina
Sala
van
pia
da



YVONNE DE CARLO NA INTIMIDADE

YVONNE DE CARLO, a nova tentação, e a mais seria ameaça ao prestígio de Maria Montez, aparece-nos aqui em sua residência, ao norte de Hollywood. A casa é simples, revelando, no entanto, o bom gosto da sua moradora. Na página ao lado, em cima: — A lareira rustica... O tapete que lembra os índios da sua terra e a cadeira (?), poltrona (?), enfim, é onde Yvonne descansa depois das lidas diárias. Em baixo: — Rescando do "living" onde Yvonne de Carlo tem o seu "bureau". A correspondência dos "fans" é imensa... Observem o quanto é original o "abat-jour" que ela tem sobre a mesa. Sim senhores, é feito em couro de boi! Nesta página: — Naturalmente, Yvonne de Carlo aprecia os bons quitutes... Pleonasma? E finalmente, um scrão na sala de música... Sala simples, moveis forrados de "rodier" havana, cortinas listradas vermelho e bege. Ao piano, Yvonne, as demais são tia, mãe e avó da "estrela".





ESPORTIVOS

Hollywood enviou-nos desta vez dois lindos modelos esportivos, próprios para a estação que atravessamos. Lilli Palmer, a "garçoninha" da Warner Bros., e quem apresenta uma combinação esportiva composta de calça de flanela creme, sweater amarelo e casaco de camurça verde garrada. Interessante conjunto para ser usado somente para quem quiser calça folgada. São coisa de casemira, com botas "mocassins" e "pentes" bem marcadas. Casa- moda de 13 ditada por esta artista, também largada, apresentada também por Miss Palmer.

COMO PERDER
de Lima

O autor
humanidade
quando sóz
Na sua
guntas que
mento; as h

Como Per
Aborreç
...
...
...
...
...

forçados a
soas; falo
aproveitar
de enguli
dentifício

O aut
cidadão se
pício, dec
da sua lei

RIO DE J
dem

Mai
de Ceiq
natureza
a obra s
resolveu
dos — a
de albur
sentisse
foram d
com a c
mento,
resto da
intencio

RIO DE J
...
...
...
...
...

natur
neiro
Mece
não p
camp
artista
desca
os ar

Ran
de h
"Ric
equi
bem
uma
sada
ria
Sul
ver
e de
se e
ras
de

O autor deste livro de fantasia e humorismo baseia os seus conselhos ao resto da humanidade num princípio sempre presente e dominante: que o homem só está bem quando sózinho ou entre pessoas que lhe não dirijam a palavra.

Na sua maneira de ver, não há conversação sem inimizade e desconfiança. As perguntas que os outros indivíduos nos fazem pecam sempre por indiscrição ou descabimento; as histórias que contam não nos despertam o menor interesse; se algum efeito nos produzem, é o desejo de fugir para longe do narrador; se alguma coisa nos revela de nós mesmos, é para nos fazer sentir a nossa insignificância.

mento; as histórias que costumamos nos produzir, é o desejo de fugir para longe do narrador, e a mania que quase toda a gente revela de se meter com nossa vida, dar-nos conselhos, indicar-nos remédios prestar-nos outros serviços, levar-nos-á ao desespero se a tempo não reagirmos enérgica e decisivamente. Eis a razão porque Irving Tressler compoz este livro. Aqui se encontram os processos mais eficazes para nos livrarmos de toda sorte importunos. E em regra não teremos nisso grande dificuldade. Basta que nos tornemos desagradáveis a ponto de não precisarmos de evitar a companhia de cacetes e outros sujeitos funestos, porque são eles que não hão de querer a nossa. Trata-se principalmente de "importunar os importunos", e de "entrar na sensibilidade alheia com patas de elefante". O livro nos ensina a causar a nossos redor irritações e repugnância, pela maneira de nos conduzirmos e os hábitos que revelarmos na estrada de ferro ou nos omnibus, nos restaurantes, nos salões de sociedade onde fomos convidados, e em todos os lugares simples tais como: entrar o nome das pes-

forçados a comparecer. São tudo coisas simples, tais como: errar o nome das
soas; falar-lhes dos seus defeitos físicos sobretudo os determinados pela velhice;
aproveitar as frases alheias para emitir a opinião contrária e armar discussão; antes
de engulir qualquer bebida, revolvê-la na boca como se fosse um bochecho de
dentífrico, etc.

O autor indica, pois, o maior número possível de maneiras pelas quais o cidadão se pode tornar antipático, detestável; e, na folha seguinte à do frontespício, declara que a obra "foi dedicada a um homem que não tinha necessidade da sua leitura: Adolf Hitler".

RIO DE JANEIRO, (TERRAS E ÁGUAS DE GUANABARA) texto de Afrânio Peixoto, da Academia Brasileira de Letras, aguarelas de Felisberto Franzini — São Paulo, 1946.

Mais de uma vez nos referimos já nestas columnas ao empreendimento do Sr. Edgar de Cerqueira Falcão: "Brasil pitoresco, tradicional e artístico". Só um apaixonado da natureza, que ao mesmo tempo fosse um devoto de todas as coisas de arte, se abalancaria a obra semelhante. Médico distinto, com a sua clínica formada na cidade de Santos, resolveu o Sr. Cerqueira Falcão, um belo dia — pelo sem dúvida, em todos os sentidos — aplicar as suas horas vagas à fotografia panorâmica e, se possível, a confecção dos — aplicar as suas horas vagas à fotografia panorâmica e, se possível, a confecção de albuns que despertassem no público algum amor ou lhe accentuassem o amor que já sentisse pelas grandezas e formosuras da terra brasileira. As suas primeiras tentativas foram deveras esforçadas mas, pelo êxito, pouco animadoras. Limitando-se a apanhar com a objectiva os quadros ou aspectos de mais efeito para o seu gosto ou o seu sentimento, entregava aos profissionais da câmara — escura e das oficinas gráficas todo o resto da tarefa realizadora. Mas aqueles colaboradores, por mais caprichosos ou bem intencionados que se mostrassem, não o satisfaziam. Além do mais, faltavam-lhes elementos bastante perfeccionados e tempo bastante largo para pôr a mão nas obras frequentes — que

mentos bastante aperfeiçoados e tempo bastante largo para uma execução tal como a exigia aquêlê freguês — que havia de passar por ser de todos o mais exigente, mais rancinza. Então o Sr. Cerqueira Falcão resolveu fazer o aprendizado sistemático, e com requintes especiais, dos mistérios que ignorava; e mandou vir do estrangeiro material do mais moderno e dos mais finos utensílios. Em experiências sucessivas e cada vez mais rigorosas, chegou a inutilizar, sacrificando toda a despesa feita, longos trabalhos já concluídos. Era, porém, êle agora que, com os recursos técnicos adquiridos, fiscalizava toda a tarefa da clichagem e da execução. Os profissionais acabaram respeitando-o como a um da classe se não um mestre. E assim o Sr. Falcão conseguiu publicar satisfatoriamente os seus albums, entre os quaes os *Encantos tradicionais da Baía* e o *Roteiro de Paula Afonso*.

Está claro que não o seduz a esperança nem a mera hipótese do lucro monetário. Até agora, estas publicações, ou lhe resultaram em *deficit* ou lhe deram apenas para cobrir os gastos, cuja importância, em empreitadas de tal natureza, não é difícil imaginar. Agora mesmo, em nota liminar do volume *Rio de Janeiro (Terras e águas de Guanabara)* ele se refere, "com imorredoura gratidão", a três Mecenases, os Srs. Marquês dos Reis, Guinle e Valentim Bouças, sem os quais certamente não poderia levar a cabo cometimento de tal valor e de tanto luxo. E, mal saído desta campanha editorial, já o Sr. Cerqueira Falcão, se consagra à tradição histórica e à riqueza artística de Ouro Preto. Muitas fotografias já tirou e, nas suas horas de descanso, não descansará enquanto nos não der o novo álbum, certamente ainda mais esmerado que os anteriores. Em conjunto, as suas realizações têm mais de sonhos que de outra coisa.

Formam a parte ilustrada do presente volume oitenta aguarelas do Sr. Felisberto Ranzini; e há uma apresentação do Sr. Afrânio Peixoto, que constitui excelente lição de história... e de bom gosto. Não é porque revele a impropriedade da designação "Rio de Janeiro", que este trabalho se torna primoroso e de alto proveito instrutivo. O equívoco daquele batismo está mais que conhecido e comentado — comentado, às vezes, bem pretenciosamente e parvamente. Mas o insigne acadêmico não se limita àquilo que seria uma prova já provada. Dá outras explicações, entre as quais a da palavra "ria", desusada no Brasil e que indica a embocadura ou foz dos rios. Assim se refere à famosa ria de Aveiro e conclui que "Rio de Janeiro" é um lusismo como o são "Rio Grande do Sul" e "Rio Grande do Norte." Depois deste lusismo, fala do galicismo em que se converteu a designação primitiva gua-na-pá-ra passando a ser Guanabará com os franceses e depois, definitivamente, Guanabara. Por dezoitos destas páginas de grande formato estende o prefácio falando da origem do termo "carrioca", da gente do Rio, das Terras e Aguas, do rio Catete, dos Franceses, da Fundação de Mem de Sá, doutros pontos de especial importância ou interesse; e termina nestes termos piedosos:

“Será uma oração. Rio... que Deus criou tão formosa cidade sua... que Ele não conuinta aos homens cobicçosos de glórias efêmeras, de lucros passageiros, de monumentos nas praças, de placas nas esquinas, de casas feias e de terrenos caros, suas “atividades...” que Deus se oponha a isso, que Ele permita te conserves para tua glória e para o nosso gosto, conviva ainda és... Amen!”

PRESEÇA DO BRASIL, conferências, ensaios e alocações de João de Barros, com prefácio de Ribeiro Couto — Edições Dois Mundos — Lisboa, 1946.

Não há leitor brasileiro que não saiba do ardoroso devotamento, da adoração convicta do Sr. João de Barros por este paiz, ao qual recentemente veio pela quarta vez.

A primeira visita foi-lhe aconselhada dalgum modo imposta por uma necessidade de estabelecer relações de amizade com os patrióticos o ha- quem as afinidades intelectuais e a correspondência dos sentimentos. A vinda do Sr. de Lamoignon de jornais e livros, antes do conhecimento pessoal. A vinda do Sr. de Lamoignon de jornais e livros, antes do conhecimento pessoal. A vinda do Sr. de Lamoignon de jornais e livros, antes do conhecimento pessoal.

quem as alitudes intelectuais e a correspondência. A vida do Sr. João de Barros ao Brasil e a estada de João do Rio em Portugal fizeram que os dois homens de letras, admiradores espontâneos um do outro, se tornassem fraternalmente amigos; e daí resultou uma colaboração, por assim dizer, de cada dia. Escrevendo o português acerca do Brasil e o brasileiro acerca de Portugal, trocavam as suas opiniões e suas emoções, compondo a mesma obra de entendimento perfeito e de integral solidariedade. Nessa permuta conglante de convicções e ideais, cada um veio a amar a terra do outro como a sua própria. A revista *Atlantida* constituiu, por algum tempo, a mais bela e nobre expressão dessa reciprocidade. E a missão dos dois escritores vitoriosamente se desenvolvia, despertando, aquém e além-mar, outros entusiasmos e outras dedicações sinceras. Graças a tal iniciativa se formou no Rio de Janeiro e um pouco por todo o Brasil uma nova corrente a que se poderia chamar de corrente de fraternidade.

graças a tal iniciativa, o Brasil uma nova corrente a que se poderia dar a designação, usada para tantos outros empreendimentos espirituais, de Amigos de Portugal; e concomitantemente iam surgindo na capital e pelas províncias portuguesas os novos Amigos do Brasil. Foi aquele, em verdade, um movimento eficaz e de que havia de ficar o exemplo mais generoso.

A morte, tão cruelmente prematura, do autor de *Portugal d'agora* veio perturbar o accordo pensante e laborioso que se estabelecera e de dia para dia vinha ganhando mais vigor e mais lustre. Mas o Sr. João de Barros não tardou a retomar a tarefa comum. A sua obra proseguiu sem a contribuição presente do fundador do jornal *A Patria* mas, inspirada sempre pela compreensão e a afeição que unira, immanara as suas individualidades. Assim, succedendo a outros livros da mesma inspiração, nos mandou o Sr. João de Barros *Palavras ao Brasil*, *Alma do Brasil* e agora esta *Presença do Brasil* que encerra uma selecção de dissertações, allocuções e trabalhos de imprensa, correspondentes a este volume, que vai a quase trezentas

a longo período: 1912-1946. Fazem parte do volume, que vai de 1 a 222 páginas: a conferencia *Energia Brasileira*, lida num teatro de Lisboa com a presença do então presidente da República, Manoel de Arriaga, ministros de Estado, numerosos outros vultos civis e militares, e a officialidade do navio de guerra brasileiro *Benjamin Constant*; o ensaio *A mentalidade brasileira contemporanea*, publicado na *Revue*, de Paris, da qual, na época, era director Jean Finot; outra conferencia, *A aproximação luzo-brasileira e a paz*, realizada, esta no Ateneu Commercial, de Porto; o artigo de apresentação da revista *Atlantida*; longa série de crónicas, a última das quais, *Soldados do Brasil* a propósito do regresso da Força Expedicionária Brasileira dos campos de batalha da Europa. Terminam o livro três pagina com o título *Amanhã* e na última das quais o autor dá a razão por que resolveu recordar, reeditar todos estes trabalhos:

"Orgulho inútil? Vaidade pueril? De modo nenhum. Apenas isto: pretexto para repetir e renovar, no derradeiro quartel duma existência que nunca fuziu às responsabilidades contraídas, a fé, a absoluta e firme fé numa dominadora e pura certeza que brasileiros e portugueses estão já anunciando ao respeito e à consideração dos outros povos. A certeza dum destino fraterno, dum destino comum, no âmbito da política internacional e para a paz e o progresso da humanidade, das duas Pátrias atlânticas—histórica, geográfica, tradicionalmente e moralmente ligadas pela evolução, perene dum passado que não morre e por um igual "sentido do futuro" que as aproxima, irmana e engrandece cada vez mais."

RECEBEMOS :

RECEBEMOS:

Trabalhemos pelo trabalho, elites do Brasil, exposição pelo Sr. Antônio Carneiro do Campos do ante-projecto dos estatutos do Ergo Clube do Brasil, com a exposição dos motivos e finalidades e que obedece o empreendimento criador dessa agremiação. —

Rio de Janeiro, 1946.

Acordo Ortográfico, decreto-lei n. 8.286, de 5 de dezembro de 1945, e documentos que contém as normas da escrita brasileira e portuguesa. — Imprensa Nacional. — Rio de Janeiro, 1946.

que contém as normas da escripta masculina e feminina.
Rio de Janeiro, 1946.

— *Cursos e conferencias*. ns. 12 e 14, contendo o primeiro os circursos da homenagem ao Brasil, realizada no Palácio do Itamarati pelo Instituto Brasileiro de Alta Cultura, e o segundo a conferencia do Sr. Alceu de Amoroso Lima, da Academia Brasileira de Letras, *Bases de uma nova Christandade*.

Depoimento. — João Daudt d'Oliveira. Exposição feita à Comissão de Investigação Económica e Social da Assembléa Constituinte, em face dos problemas economicos do paiz na actualidade. — Rio. — 1946.

AL-KARISMI.—Temos à mão o primeiro numero de "Al-Karismi" publicação de recreações matematicas: jogos, curiosidades, historia e problemas.
 E' seu director o Prof. Julio Cesar de Melo e Souza, tendo como redator tecnico o Prof. Francellino de Araujo Gomes, como gerente o Sr. Getulio Costa e como secretario o Sr. Raulino Goulart.



Transcorreu no dia 23 deste mês o aniversário do dr. Attila Bezerra Nunes, ex-Delegado do Tesouro Nacional em S. Paulo, atualmente exercendo o alto cargo de Secretário da Fazenda do Espírito Santo. O aniversariante, destacada expressão moça da terra capixaba, foi carinhosamente homenageado pelos seus amigos e admiradores, dos quais recebeu as maiores demonstrações de apreço e simpatia.



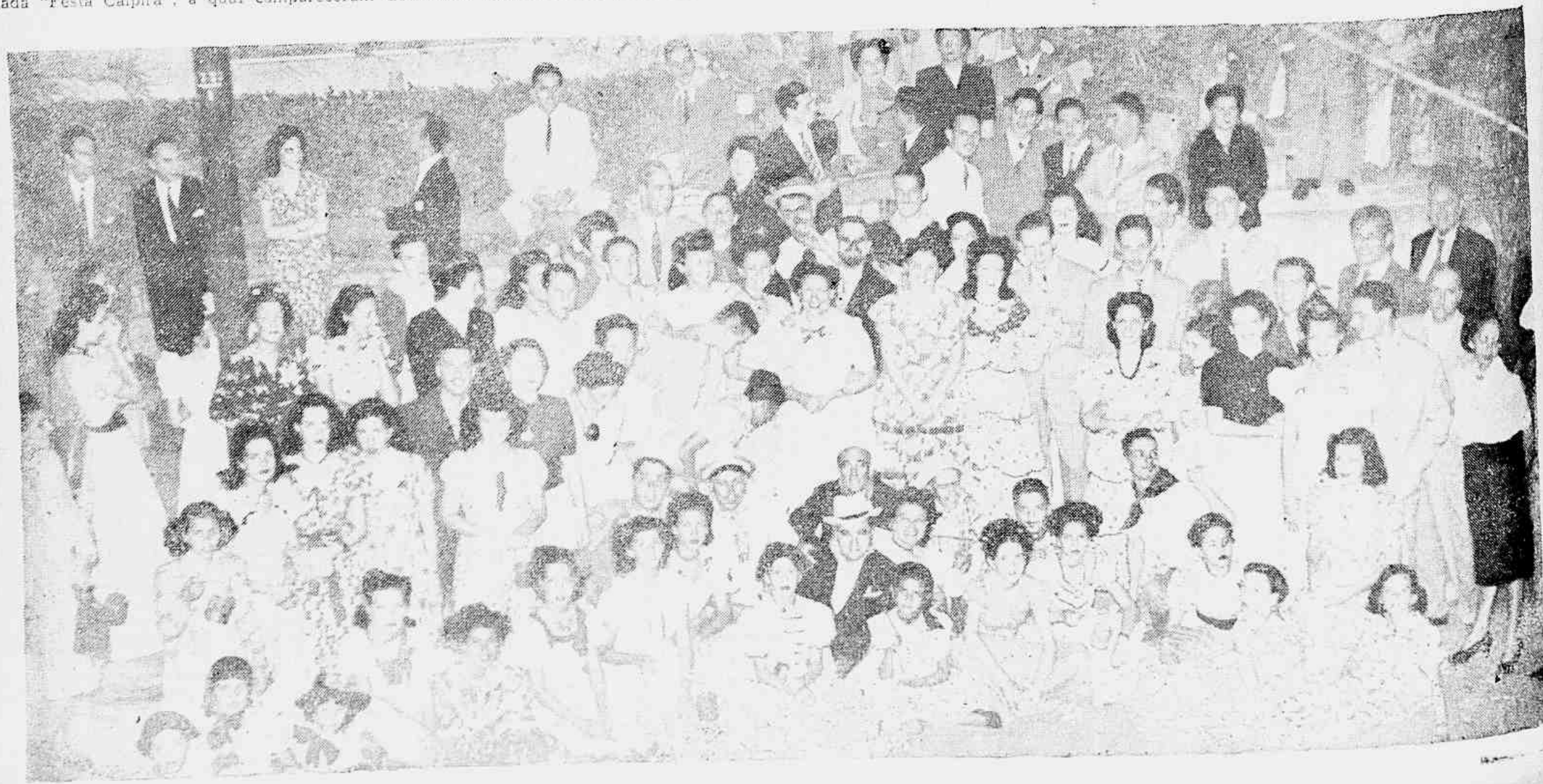
Realizou-se no dia 6 do corrente, às 17 horas, na Igreja da Candelaria, o enlace matrimonial da senhorita Harah de Macedo Guimarães, filha do sr. Roberto de Macedo Guimarães, nosso confrade do "Jornal do Brasil", e d. Vitória Zurita Guimarães, com o Tenente Adyr de Carvalho, filho da viúva d. Margarida Bevilacqua de Carvalho. Na foto, os nubentes durante a cerimônia religiosa.



Por motivo do aniversário natalício da Sta. Alvíta de Carvalho Sarabanda e do noivado de Maria do Carmo de Carvalho Sarabanda, com o sr. Renato do Rêgo Monteiro, o sr. Alvaro Marques Sarabanda, secretário geral da Produção da Sul América Capitalização e sua esposa D. Neomita de Carvalho Sarabanda, realizaram, em sua residência, animada "Festa Calpíra", a qual compareceram destacados elementos da nossa sociedade.



Flagrante do enlace nupcial da sta. Florinda Maria Machado, filha do Coronel Bina Machado e sua exma. esposa, com o sr. José M. dos Santos. Instantâneo tomado quando o cardeal Don Jayme Camara abençoava também as alianças.





UMA CONFERENCIA DO CENTRO CARIOCA NA ABI — Conferencista: Jaey Rego Barros — Realizada no dia 10 de Julho, às 18 horas sobre o tema: Paisagem musical da Favela, estudando os aspectos sociais, artisticos e economicos da Favela. Ilustração musical do Trio Guarã e do Quarteto de Bronze. Declamações de Yvone Meyer que também dançou um tango de Ernesto Nazaré.

FIGURAS E FATOS

ENLACE PRADO-BUENO — Constituiu acontecimento marcante em nossa sociedade o casamento da Senhorita Maria Aparecida Meira Prado, filha do Sr. Dr. Samuel de Vasconcelos Prado e sua esposa D. Nadir Meira Prado, elementos destacados do nosso meio social, com o Sr. Dr. Selen Silveira Bueno, descendente de ilustre família paulista. O ato religioso teve lugar na Igreja N. S. da Glória do Guteiro, celebrado por D. Joaquim Mamede, tendo servido como padrinhos da noiva o Sr. Alberto Bartolomeu de Souza e Silva e esposa e do noivo o Sr. Jacob Guyer e esposa. Na cerimonia civil foram testemunhas o Sr. Leopoldo Calderon e esposa, o Sr. Ferreira Guimarães e viúva Santos Correia, os primeiros da noiva e os ultimos do noivo. A noite as familias Prado e Bueno ofereceram às pessoas de suas relações uma recepção nos salões do Country Clube, em Ipanema, que transcorreu brilhantissima. O jovem casal fixou residencia nesta capital.

Foi prestada ao Professor Ignacio Azevedo do Amaral, pela poetisa Eloia Possólo Chacul, uma justa homenagem à qual se associaram destacados elementos da nossa sociedade. Na gravura, a poetisa e o homenageado.



O herdeiro presuntivo da coroa de Portugal, principe D. Duarte de Bragança, acompanhado de sua esposa, a princesa brasileira d. Maria Francisca de Orleans e Bragança, ao desembarcarem de Lisboa no aeroporto Santos-Dumont, de volta da Europa, em companhia do principe D. João de Orleans e Bragança, capitão-aviador da FAB.



— Eu vim aqui porque, na estrada, "eles" me viam e é preciso que esta carta seja enviada sem que "eles" suspeitem. Bote-a no correio, por favor.

— Quem são "eles"? Ameaçam-na?

— Não! Não!

Uma expressão de verdadeiro terror iluminou-lhe o rosto.

— Adeus, disse.

E, com um movimento brusco, desapareceu.

Hiram ainda ficou algum tempo a contemplar a árvore, por onde ela sumira. Depois aproximou-se e verificou que havia uma maneira simples de descer pelo lado oposto. Naquele momento ela devia estar longe. Acendendo o cachimbo, prosseguiu no seu passeio refletindo. Ela lhe aparecera como uma visão dos bosques. Até aquele momento, não tinha bem a certeza de que de fato, existia. Não seria, antes, um produto da sua imaginação de escritor policial em férias? Hiram levou a mão ao bolso e retirou de lá a carta. Mas não: ali estava a prova, a realidade concreta. Não poderia ter imaginado aquela carta.

Abriria? Uma curiosidade tremenda tomou conta dele. Afinal de contas, se a moça estava disposta a confiar sua correspondência ao primeiro que passasse, não deveria ter objeções a que ele se inteirasse do conteúdo da sua carta.

A imaginação de Hiram trabalhava. Quem seriam "eles"?

Com um gesto furtivo, rasgou o envelope.

"Querido:

Eles estão novamente me perseguindo. Temo que, mais cedo ou mais tarde, cheguem a medidas extremas. Enquanto ainda posso sair, vou ver se mando esta carta para você.

V."

A carta era endereçada a um Charles Morley, Londres.

No dia seguinte, Hiram partiu para Londres.

★

— Charles Morley?

— Não está.

— Sabe onde posso encontrá-lo?

— Quem quer falar com ele?

— Hiram Jones.

— Oh! O escritor?

— Sim.

— E' ele mesmo quem fala, mr. Jones. Charles Morley. Eu estava esperando uma telefonada de um importuno e...

— Compreendo. Precisava vê-lo. Pode marcar hora e local?

— Pois não. Onde o senhor quizer.

— Muito bem. Hoje às cinco horas da tarde. Na Confeitaria Lellando.

— Está certo.

★

Eram duas e cinco. Hiram acabou de almoçar, vestiu-se e saiu. Antes de encontrar-se com Charles queria fazer uma pequena investigação. O seu instinto de Detective estava despertado e

(Continua na pág. 53)

AS FÉRIAS DE HIRAM

Conto de PAUL GALLICO

SUBITAMENTE, ela surgiu de uma árvore, e debruçando-se no galho em que estava sentada, disse:

— Psiu!

Hiram parou, de repente. Não esperava aquela aparição.

— On?

— "Suspeitos?"

— Um pouco.

— Bem dia.

— Bem dia. Em que posso servi-la?

— Tenho uma carta. Quero colocá-la no correio. Pode fazer isso para mim?

— Pois não. E, agora, permite uma pergunta?

— Pode falar.

— Como esperava encontrar alguém que levasse sua carta, ao meio do bosque?

na es-
é pre-
viada
Bote-
Ames-
adeiro
co.
oruseo,
m tem-
re, por
s apro-
e havia
desce-
ele mo-
longe.
prosse-
etindo.
uma vi-
ele mo-
certeza
Não se-
da sua
policia-
a mão
a carta
prova, a
o pode-
a carta.
lade tre-
e. Afina-
tava dis-
rrespon-
e passas-
jeções a
conteudo
ram tra-
"eles"?
o, rasgou
e me per-
nais cedo
m a me-
anto ain-
se mando
V."
ada a um
res.
am partiu
so encon-
com ele?
quem fala,
Morley. Eu
a telefona-
e...
ecisava vê-
a e local?
o senhor
e às cinco
Confeitaria
Hiram aca-
u-se e saiu.
com Char-
a pequena
instinto de
spertado e
pág. 53)

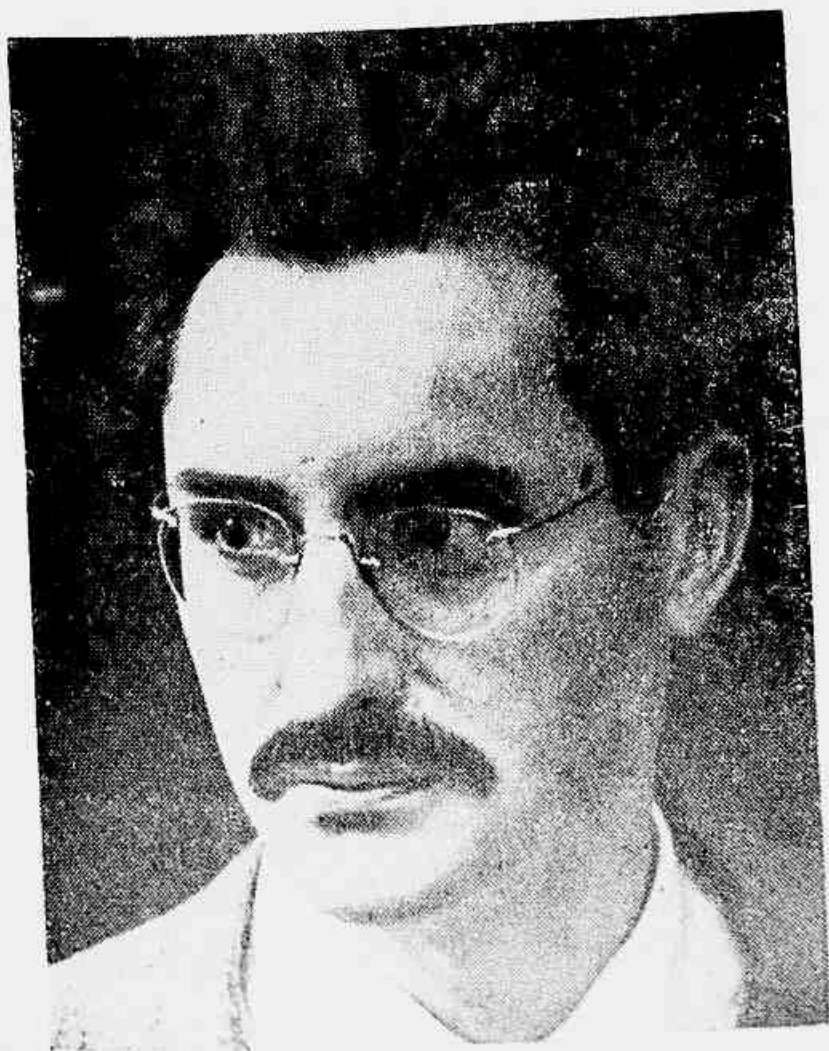


Exposição Carlos Prado

ARTES PLASTICAS

INAUGUROU-SE no dia 20 do corrente, no Museu de Belas Artes, a exposição de pintura de Carlos Prado, um dos mais legítimos valores da nossa arte moderna. Nascido em São Paulo, em 1903, formou-se em arquitetura mas, mais tarde, abandonou essa profissão, para ser pintor, seguindo o impulso de uma vocação que se manifestara desde os seus tempos de colégio. Figurou em várias exposições, em São Paulo, e teve três quadros expostos em Londres, na exposição de pintores modernos brasileiros em benefício da RAF, em 1944. Visitou várias vezes a Europa, cujas galerias de pintura visitou, e agora realiza, no Rio, a sua primeira exposição individual, que estará aberta até 4 de agosto próximo.

Nesta página, dois quadros de Carlos Prado e uma foto do artista.





Jockey Club Mundano

Na tarde de domingo ultimo realizou-se no Hipodromo da Gávea mais uma reunião turfistica que, como sempre, transcorreu num ambiente de animação e alegria. As tribunas estavam repletas de elementos representativos da nossa sociedade, tendo as elegantes cariocas contribuido para maior brilhantismo da reunião. Nesta página estampamos três sugestivos flagranes, vendo-se num deles o Dr. Roberto Alves e filha, Dr. Salgado Filho e senhora e o Dr. João da Costa Ribeiro.



Ao alto
Meredit

A

Lon
o "la
nal o
rém,
cias
ter,
lo q
dade
men
men
e a
"tai
ou
A
nal
enc
de
pro
ele
su
or
co
vi



Ao alto á esquerda, — "Tailleur" tipicamente londrino, em "cheviot" cinzento. Os bolsos superiores têm portinholas. A saia é pregueada (Modelo Heese). A' direita, — Modelo Meredith. Jumper cinzento com mangas longas e amplas nas cavas. O cinto é rematado por gracioso laço. Em baixo, — Interessante "tailleur" de cintura bastante acentuada. Os adornos são simples, consistindo principalmente na linha fronteira dos botões e no contraste entre o preto e o branco. (Harpers Bazar-Lon).

A POPULARIDADE DO "TAILLEUR"

Por VICTORIA CHAPELLE

Londres, — Alguem disse outro dia que o "tailleur" se transformou no traje nacional da mulher inglesa. A realidade, porém, é que as inglesas possuem tendências muito diversificadas e não parecem ter, em época alguma, desenvolvido aquilo que se poderia chamar com propriedade e justiça de traje nacional — a menos que aceitemos esse mínimo elementar de orientação geralmente seguida e aceita: a permanente popularidade do "tailleur" bem cortado e de linhas mais ou menos clássicas.

Aqui temos, com efeito, um traje nacional praticamente falando. Por toda a parte encontramos mulheres vestindo conjuntos de "tailleur". Trata-se de um traje cujo próprio clacismo implica em sobriedade e elegância. Estas duas qualidades, por sua vez, se traduzem em vantagens de ordem prática. Para um clima incerto como é o da Grã-Bretanha, e tendo em vista a excepcional abundância de lã dos

nossos carneiros, o "tailleur" sob as suas formas e modalidades mais diversas, constitui realmente o traje ideal. Se o dia é frio, basta usar também uma capa ou peles. Se o dia é incerto, um guarda-chuva feminino é gracioso complemento ao "tailleur". Para os dias mais quentes os recursos melhores são os encontrados na escolha das fazendas. De qualquer modo e sob qualquer tempo ou condição climática, o "tailleur" se presta a toda a sorte de combinações. No conjunto liso cabe usar uma blusa alegre (ou um "jumper" de lã).

Finalmente, temos uma grande variedade de "tailleurs" toilette — de jersey, lã, ou mesmo de "tweeds" finos. Esses materiais são produzidos na Grã-Bretanha e embora se prestem de um modo particular ao tipo e às tendências da mulher inglesa, já adquiriram plena universalidade.



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Courn Cabeludo



LYTOPHAN PARA O FRIO



"Ensemble" em veludo negro, criação de Travis Benton — lapela blusa e punhos em "Teros-grain" branco. Modelo de grande originalidade apresentado por Vera Zorina.



Elegantíssimo casaco "três quartos" em casemira grossa, preta e branca, completado por um original colete do mesmo tecido, e saia em casemira preta, apresentada Frances Gliford.

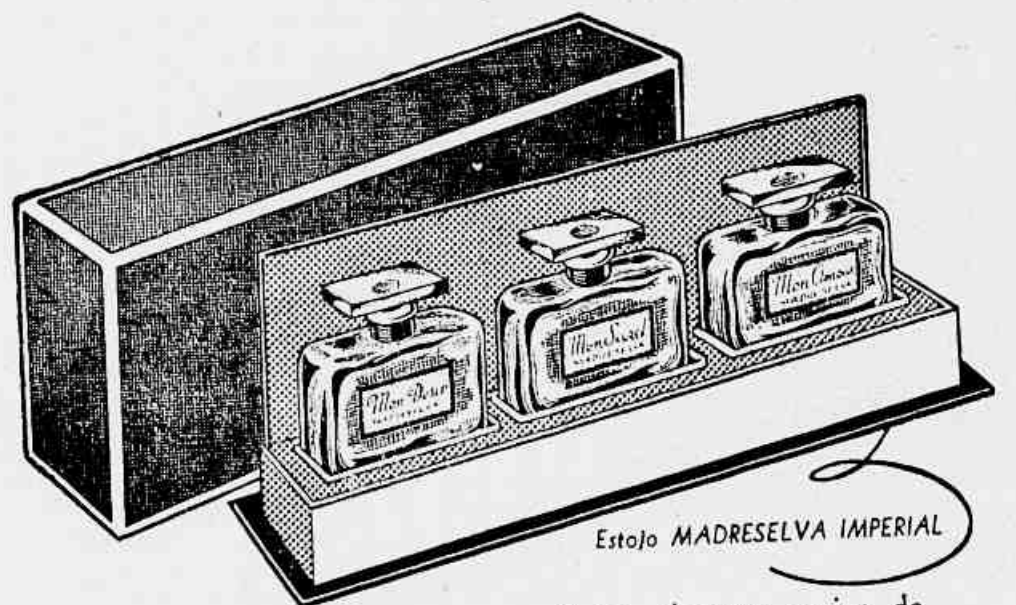
TRÊS QUARTOS



UMA CREAÇÃO INIMITAVEL DE

ROGER & GALLET

"A variedade deleita"
um perfume
para cada toilette



Póde uma senhora ou um cavalheiro elegante variar de perfume, apresentando-se em festas ou passeios com uma nota sempre inédita e distinta. Os estojos MADRESELVA foram creados para esse fim: são coleções de varios perfumes, a escolher. Os extratos MADRESELVA competem com os estrangeiros em qualidade e custam muito menos. Peça-os ao seu perfumista.

ESTOJOS MADRESELVA:
Com 3 peças, para homem
Com 4 peças, para senhora

Produtos MADRESELVA

Representantes exclusivos para todo o Brasil:
REPRESENTAÇÕES CIVIA S. A.
Avenida Rio Branco, 311 (Edifício Brasília) 2.º e 3.º - Tel. 22-1848 (Rede Interna)
Em São Paulo: Avenida Ipiranga, 795 - Tel. 6-3931
FILIAIS: Em Niterói: Rua Vde. do Uruguai, 485 - Tel. 2-2437

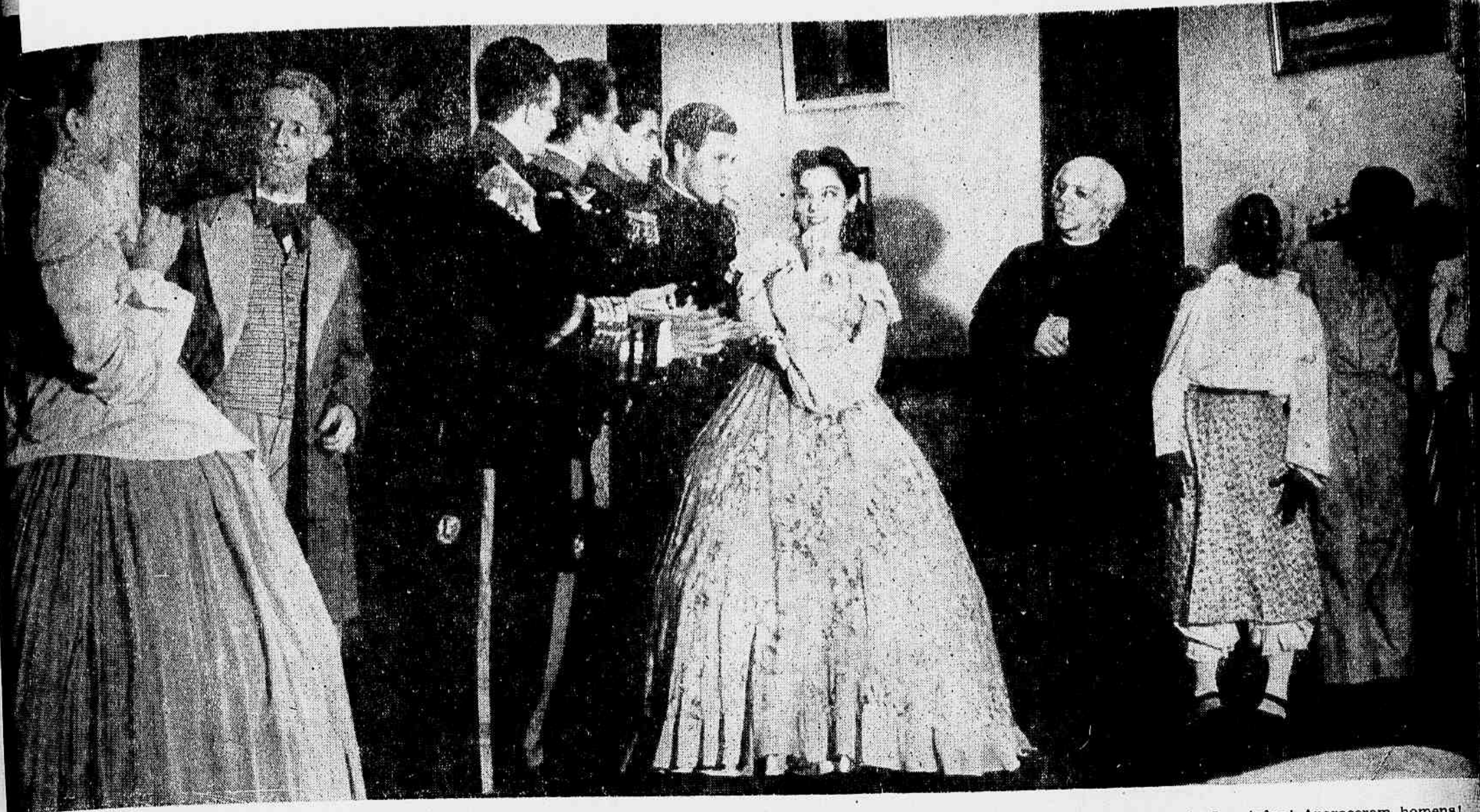


OS AMORES DE SINHÁZINHA

Para martírio da Sinházinha, a vida corria pacatamente tranquila na fazenda Boa Vista. Sempre os mesmos pequeninos conflitos domésticos... — "Num me chame de molêque, não! Molêque é tu, tu e a tua..." — E fora das pequenas questões familiares, nada mais sucedia. Sinházinha morria de tédio, sem um divertimento melhor uma alegria...

Padre cura fiscaliza e controla até os livros que lhe caem nas mãos! E de uma feita — cruze, crêdo! — a surpreende com um romance proibido... — "Isto é o cúmulo, senhora minha pupila! O cúmulo! 'A Dama das Camélias'! Quem foi o criminoso que lhe deu este livro para ler? 'E o bom sacerdote deixa Sinházinha de castigo e de penitência...'"





Enfim, alguma coisa aconteceu! Falaram em revolução! Guerra! Tragédia para os outros! Mas para Sinházinha, uma felicidade! Viva a revolução, vivôoo! Apareceram homens! Homens de carne e osso, animais raríssimos naquelas redondezas — e que rapazes bonitões! Quatro garbosos oficiais são agora hospedados na fazenda. Que perigo para eles! Os pais de Sinházinha estão longe de imaginar as consequências daquele seu gesto patriótico... Padre cura desconfia... E até os negros espiam, de revés, "maginando" a tragédia... Enquanto Sinházinha, feliz examina os mocetões da cidade, sentindo que seu coração se alvoroçou. Por qual deles?



Um mundo novo de emoções passa a abrir-se para a moça romantica do sertão, leitora furtiva de Alexandre Dumas. Ela recebe as homenagens dos quatro, com o coração aos saltos. Um é simpático, outro ainda mais, o terceiro não se fala, e o quarto, então, é um assombro! As mãos no queixo, ela sorri, indecisa... e capricha em vestir-se melhor...



E dos suspiros solitários á combustão total do coração, foi um passo. Nossa Sinházinha emitiu quatro duplicatas de amor, a curto prazo. Ela é a dama de honra dos valentes brigões, cujas competições sentimentais parecem tomar o melhor do seu tempo. Para longe os livros de amor, quando o próprio amor ali está tão perto, multiplicado por quatro!



A temporada teatral está atravessando seu "clímax". Todas as casas de espetáculos se abriam simultaneamente, e em cada uma delas, um elenco recebe os aplausos do público. Bibi Ferreira, por sua vez, estreou uma comédia nacional escrita por Carlos Sá, com o modesto título de "Os Amores de Sinházinha", história singela de uma pequena provinciana há um século atrás, que se vê da noite para o dia, assediada por quatro simpáticos rapazes. São militares, a quem uma revolução levou áquelles domínios, hospedando-se na fazenda de Sinházinha. Longe andavam de imaginar papai e mamãe, o furor que a garota iria provocar, no coração dos quatro jovens oficiais. E o argumento se desenrola, nesse ambiente de poesia, de graça realçada pelo talento moço de Bibi, interprete da figura central feminina. Dona Flôr serviu para revelar uma vez mais o talento da filha de Procópio, cuja temporada no Fenix vem se destacando pela diversidade do seu repertório.

Peças de maior intensidade dramática tem sido apresentadas, em contraste com o original de Carlos Sá, urdido á feição dos romances de Macêdo e José de Alencar.

"Os amores de Sinházinha" teve as honras de uma montagem rigorosamente dentro da época, enriquecida por um guarda-roupa a rigor. Mas valeu, principalmente pela classe da representação que lhe deram Bibi e seus comediantes.

Nestas páginas, reproduzimos os momentos marcantes da referida comédia.

Seria bom escolher, sim. Mas de que modo? As declarações de amor fazem parte, agora, da rotina diaria da fazenda, mas Sinhá não se decide. Como recusar a mocidade e riqueza do jovem alferes Fernando? Ele é um amor, tem dois olhos scismadores, cabelos ondulados, e seus gestos traduzem uma finura de trato invejável. Um colosso, Fernando!



Mas que dizer do romantismo do capitão Augusto? Como fugir ao encanto das suas tiradas poéticas? O rapaz é inspirado. — "Não se mexa, dona Flôr, para que eu não perca o espetáculo da sua imagem iluminada pelos últimos raios do sol nos seus cabelos..." Frases assim bonitas, nem nos romances ela conheceria. E dirigiam-se à sua pessoa!

Era forçoso decidir-se, porém. E escolher: — "Casar com todos quatro não ficaria bem..." — como disse a mamãe na confusão da dúvida. Escolher, mas qual? Todos dignos e apaixonados, enquanto o coração da Sinhazinha ficava dividido em quatro pedacinhos... O padre achou prudente Sinhazinha casar-se. Eles esperavam. E ela sofreu muito, muito...



Pois se até o circunspecto major Marcelo lhe contou a história da sua "casa sem alma", onde faltava "um riso de mulher", concluindo: — "... "a senhora, dona Flôr, quer ser a alma dessa casa?" Cada qual mais eloquente, mais apaixonado e gentil. Si viesse um de cada vez, a escolha se tornaria mais fácil, assim, todos, por atacado...

Esgotadas as vias românticas, nossos heróis vão às vias de fato, numa tentativa desesperada de eliminar três pedacinhos daquele coração salada-mista. E se depois desse duplo duelo, ela encontrou a solução do problema, para alívio e felicidade de seu coração, que podesse, enfim, gritar: Eureka! — Com qual teria casado Sinhazinha?



U

Isa b
Augusta
faela G
julho de
Vista, e

Filha
D. Pec
esposa,
tina M
desde c
ceitos
com a
nha à
fora le
te de
pes D.

so —
os dir
lhe fo
Por
bôa, I
lo qu
ela co

Par
afirm
de su
de L
das
infan

Isa
torna
ranje
e sen
nura

A
sa s
púb
lho
de 1

Is
com
cór
reu

no
zav
tra

tra
dêl
bre

esp

25
co
Ga
fil
to

ta
na
o
ta
q
P
L

v
n

UM TRONO POR UMA ROSA

Por DILKE SALGADO

Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga nasceu a 29 de julho de 1846, no Palácio da Boa-Vista, em S. Cristovão.

Filha do Imperador do Brasil, D. Pedro II, e de sua augusta esposa, a Imperatriz Teresa Cristina Maria, a Princesa Real foi desde cedo educada sob os preceitos da religião e instruída com a severidade que se impunha à herdeira do trono que lhe fora legado, desde que, por morte de seus irmãos — os príncipes D. Afonso e D. Pedro Afonso — falecidos em tenra idade, os direitos à sucessão da coroa lhe foram transferidos.

Por temperamento, nobre e bôa, Isabel tinha um caráter bello que encantava aos que com ela conviviam.

Para se ter em prova o que afirmamos basta recordar o fato de sua amizade com a Baroneza de Loreto, a quem cegara uma das pupilas numa brincadeira infantil.

Isabel tudo fazia para agradar, tornar feliz a companheira. Aranjou-lhe o casamento, o título, e sempre a distinguiu com ternura.

A primeira vez que a Princesa se apresentou em cerimônia pública oficial foi em 29 de julho de 1860 ao completar a idade de 14 anos.

Isabel prestou juramento como herdeira presuntiva da corte perante as duas câmaras reunidas em assembléia geral, no Senado, observando o que rezava a Constituição do Império, trazendo a grã-cruz do Cruzeiro, trajava, nesse dia, um lindo modelo de gaze branca, bordada sobre um fundo de cetim côr de espumas.

Menos de um lustro depois, a 25 de outubro de 1864, Isabel contraía núpcias com D. Luiz Gastão de Orleans, Conde d'Eu filho do Duque de Nemours, neto de Luiz Felipe.

A formosa Princesa, tão afei-ta à família, detalhe que revela na própria grafologia, sentia já o vazio de um lar sem filhos, tantos anos após o casamento, quando lhe nasceram em 1875 D. Pedro e, três anos mais tarde, D. Luiz de Alcântara.

Isabel, filha exemplar, esposa virtuosa, mãe amantíssima, sou-be ser também uma dirigente

extraordinária dos destinos de seu povo.

Por três vezes subiu ao trono como regente, na ausência de Pedro II.

Da primeira 25-5-1871 a 30-5-1872) Isabel teve uma esplêndida oportunidade de se fazer querida da nação: quatro meses após assumir a Regência, a 28 de setembro de 1871, assinava a Lei-do Ventre-Livre.

De outra feita, quando da viagem do Imperador aos Estados

Unidos, Isabel retomou novamente as rédeas do governo, num espaço que foi de 26 de março de 1876 a 25 de setembro de 1877.

Na terceira e última vez em que exerceu a Regência (30-7-1877 a 21-8-1888) realizou seu maior ato político, aquele que de tal forma sobressaiu que foi denominada — Redentora.

Os brasileiros sentiam que era preciso romper com o costume bárbaro do comércio negro, pra-

ticável, então, somente em nosso país.

A escravidão existiu desde a alvorada da sociedade mundial; tempo houve em que se admitia a guerra de conquista desde que fosse feita para se obter escravos. Era esse o pensamento do próprio Aristóteles.

As dificuldades do problema do trabalho transportaram para aqui os negros aprisionados na Costa de África, organizando-se

(Continua na pág. 58)



Carícia
Sedução e Prazer
narciso
verde



Saes de Banho
Água de Colônia

PERFUMARIA CHIMÈNE
SÃO PAULO





MODELOS JUVENIS

1 — Modelinho simples e gracioso em sêda celeste. Enfeites na gola e nos bolsos de babadinhos plissados.

2 — Original vestido em lã lacre, com recortes na blusa. Saia armada na frente, formando bolsos. Botões do mesmo tecido.

3 — "Duas peças" bastante gracioso em quadriculado, com aplicações de veludo verde e vermelho. Casaquinho preto, saia "godet".

4 — Casaquinho de veludo preto para ser usado com uma saia de quadrados vermelhos e cinza. Enfeites do tecido da saia no casaquinho.

5 — Modelo em sêda azul-marinho, abotoado do lado esquerdo. Gola de "broderia". Franzido na saia.

6 — Gracioso modelo em fina lã azul, com saia inteiramente plissada. A blusa é enfeitada com "galões" de cores vivas.

EDIFÍCIO DARKE

AVENIDA 13 DE MAIO, Nº 23



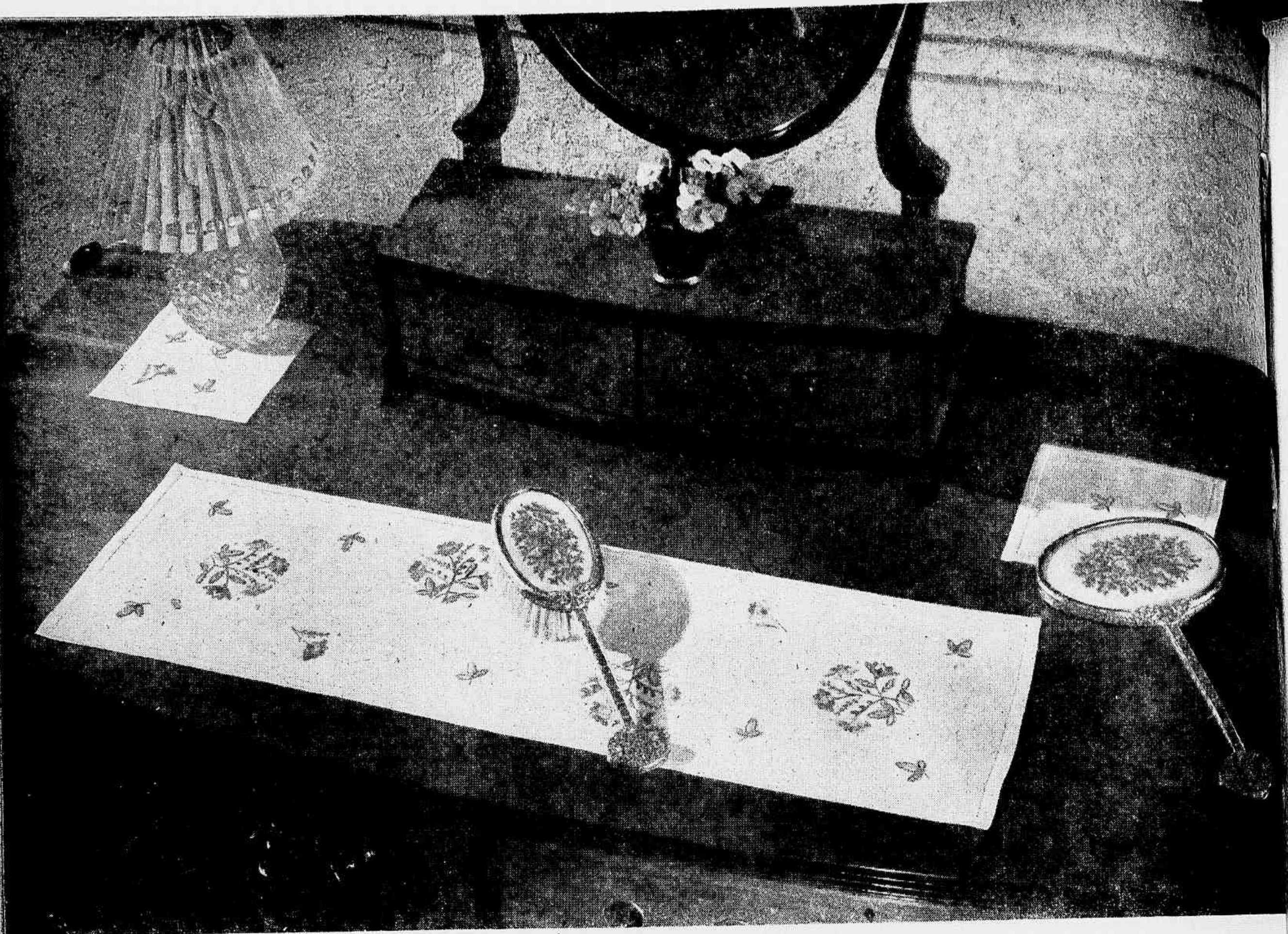
SANTIAGO & KIRITCHENCO

engenheiros — arquitetos — construtores

VENDEM NESTE PREDIO :

MAGNIFICAS LOJAS, COM GIRAU E SANITARIO EXCLUSIVO,
UM PAVIMENTO INTEIRO PROPRIO PARA GRANDE EMPRESA E
SUNTUOSO SUB-SOLO, ADEQUADO PARA RIQUESSIMO RESTAURANT

Informações — AVENIDA GRAÇA ARANHA, 206 9.º andar Tel. 22-9844 Com
EDUARDO MOTTA



CHAVE

	= 448		= 413
	= 444		= 444
	= 508		= 492
	= 777		= 495
	= 448		= 508
	= 496		= 586
	= 444 - K		= 777
	= 495 - D		
	= 496		
	= 508		

TRABALHOS MANUAIS

Jogo de toalhas para toucador 1976

Material Necessario
Linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "Ancora"

1 meada de cada F413 (Violeta) F444 (Laranja) F448 (Heliotropo) F492 (Rosa Claro) F495 (Sulferino Escuro) F496 (Verde Grama Palido) F508 Azul Royal Claro) F586 (Ciclame Escuro) F777 (Verde Trevo Medio). (Usar três fios de linha).

35 cm. x 1,15 cm. de Linho Amarelo Esverdeado.

1 agulha Milward Crewel N.º 6.

Este jogo para toucador é composto de três toalhas sendo uma delas comprida, medindo 25 x 75 cm. e duas pequenas medindo 20 cm. quadrados.

A 7 cm. da borda da toalha comprida traçar o desenho, de conformidade com o modelo fotografico; nas toalhas pequenas porem,

deve-se começar o desenho a 4 cm. da borda. Seguir diagrama e chave para colocação de cores e pontos.

Usar o mesmo esquema de cores da flor marcada com X para todas as flores singelas das três toalhas.

As letras na chave representam os pontos usados e são como segue:

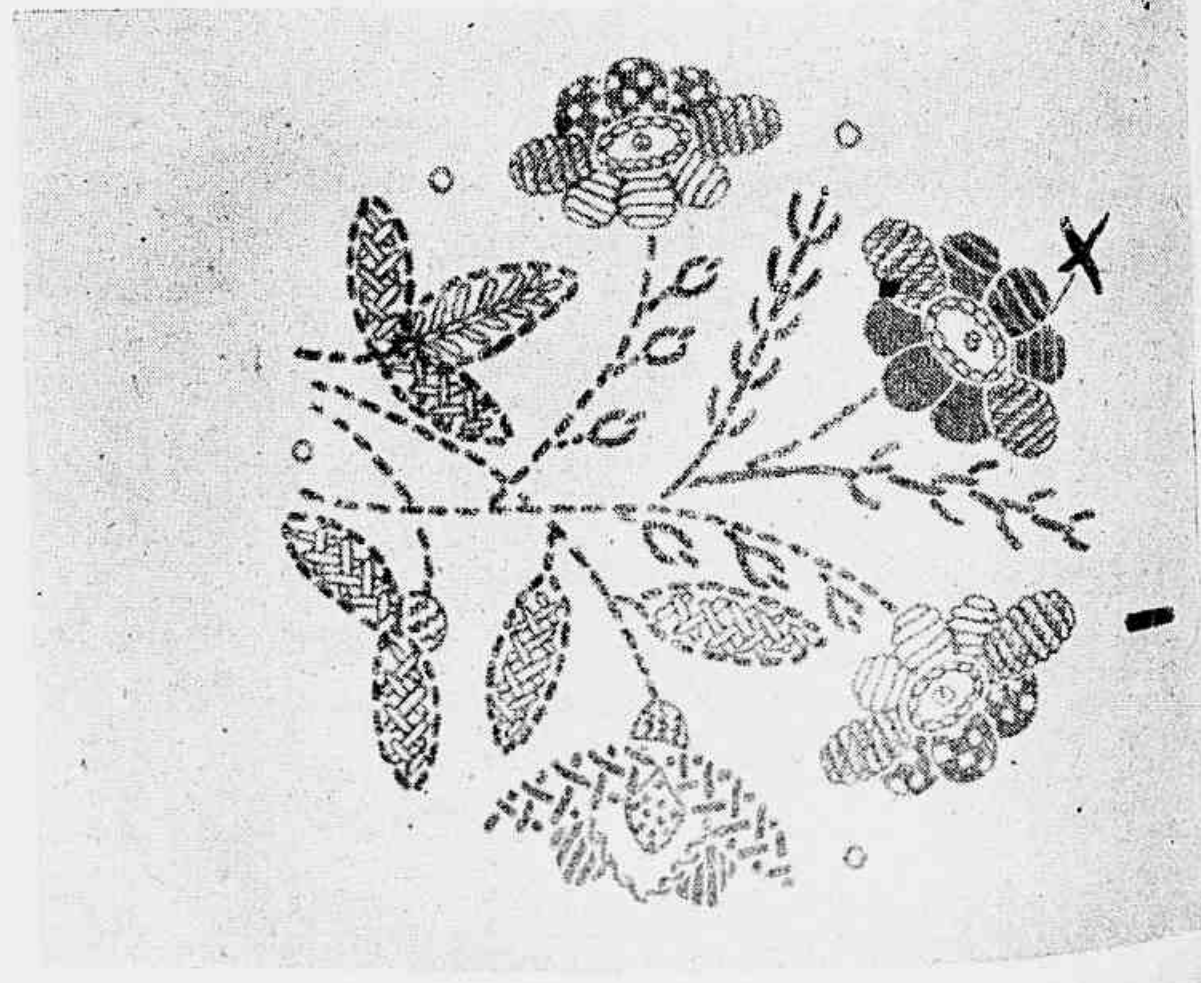
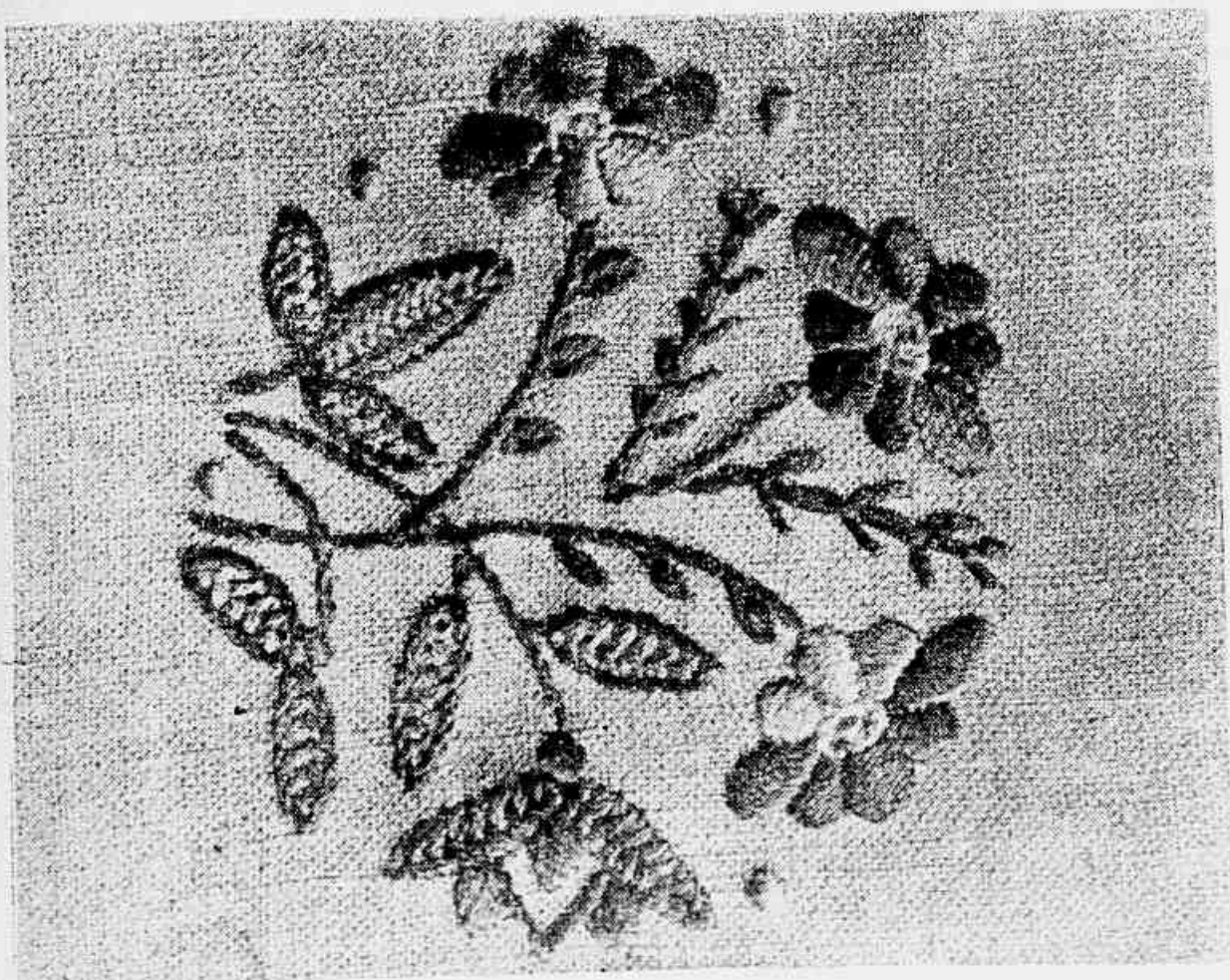
U — Ponto de Haste. D — Ponto de Margarida. K — Nozinhos Franceses (Rocóco). S — Ponto Cheio. H — Ponto Russo. F — Ponto Fêto.

Retirar um fio em volta de todas as toalhas a 2,5 cm. da borda, virar uma bainha, quadrar os cantos e fazer ponto ajour usando linha de cor semelhante á do linho. Depois do trabalho terminado, passar bem pelo lado do avesso.

Este trabalho também pode ser feito com:

Linha Brilhante Perola marca "Ancora" n.º 8 (Novelos de 10 gramas).

Usando 1 novelo de cada uma das cores acima mencionadas.



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.

PASTA DENTIFRÍCIA S.S. WHITE

INDÚSTRIA BRASILEIRA

FEMININAS

O MENU' DA SEMANA

SALADA DE COUVE-FLÔR E BETERRABA — PERNA DE CABRITO ASSADA — TORTA DE LARANJA

SALADA DE COUVE-FLÔR E BETERRABA

Cosinhe uma couve-flôr em água e sal, separando em seguida os raminhos. Também cosinhe, em separado, duas beterrabas. Depois de cozidas, descasque-as e corte-as em rodela. Arrume a couve-flôr ao redor do prato e ao centro coloque as rodela de beterraba. Regue com molho de "mayonnese". As claras cosidas podem ser aproveitadas para a salada, cortando-as em forma de flôr e colocando-as no prato, uma de cada lado.

PERNA DE CABRITO ASSADA

Lave bem uma perna de cabrito, esfregando-a em seguida com limão. Introzua nela fatias e toucinho e tempere-a com sal, pimenta, alho socado, cebola ralada, vinho branco e uma folha de louro. Leve ao forno coberta com limão. Introduza nela fatias e leve-a em forno regular. Regue de vez em quando com o próprio molho.

TORTA DE LARANJA

Faça a seguinte massa: 2½ xícaras de farinha de trigo, ½ xícara de açúcar e 1 colher de sopa de manteiga, 2 gemas e um cálice de rum. Misture as gemas, manteiga e rum e depois junte a farinha. Forre a forma, deixando um pouco de massa para enfeitar. Coloque sobre a massa o seguinte creme: Leve ao fogo, mexendo sempre, caldo de duas laranjas, 4 ovos inteiros, 1 colher de sobremesa de maizena e 1½ colher de açúcar. Cubra o creme com o resto da massa cortado em tiras, pincele com gema e leve ao fogo regular.

Para dar maior sabor á carne, lave-a primeiro com água onde pingou antes algumas gotas de limão. Em seguida passe só o limão sobre toda ela.

Para remover manchas de ferugens, use água misturada com um pouco de ácido oxálico. Sen-

do necessário, repita a operação até que a mancha desapareça. Em seguida enxaguar cuidadosamente a peça.

★

Use nas unhas dos pés o mes-

mo verniz que usa para as das mãos. E não esqueça que esse verniz deve combinar com a tonalidade do seu "make-up".

(Continua na pág. 58)

Faça Bolos

BOLO DE ESPECIARIAS

1/2 chic. manteiga
(ou outra gordura)
1 1/3 chics. açúcar
1 colh. (chá) essência
3 ovos
1 1/2 chics. farinha
1/2 chic. araruta

1 colh. (sopa) Royal
1 colh. (chá) sal
1 1/2 colhs. (chá) noz moscada
2 colhs. (chá) canela
1/2 colh. (chá) cravo em pó
2/3 chic. leite

Amasse a manteiga até ficar um creme. Incorpore aos poucos o açúcar. Junte a essência, depois os ovos inteiros, um a um, batendo bem. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal, sal e especiarias. Junte-os aos poucos, à massa, alternados com o leite, batendo sempre. Use forma repicada untada, forno regular, cerca de 30 minutos.



...e seu marido "virá correndo" para casa!

A presença de bolos em casa tem inúmeros significados... Um deles, por exemplo, encantara seu marido... É que bolos constituem uma evidente demonstração de carinho... Por certo! Vale a pena fazer bolos! E nem há dúvida: de vez que dessa forma seu marido virá correndo para casa, por que fazer bolos somente nesta ou naquela grande data? Para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!



-Grátis!

Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o Cartão, escreva para: Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.

FERMENTO ROYAL

— a chave da rei e um grato delicias!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF MILK, INC.
RIO DE JANEIRO



Em São Paulo...
é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

CONFISSÕES

(CONCLUSÃO DA PAG. 19)

indignada porque eu disse a verdade. Simplesmente.

Ela afastou-se sem responder. O rosto em chamas, afogueado, tremendo de irritação. Tomou um taxi e foi para casa.

— Então, que tal? Ele caiu? perguntou a companheira de quarto.

— Nem me fale nesse encontro. Ele me disse as coisas mais horripáveis. Insultou-me terrivelmente. Disse que eu andava aterrorizada dele e... e que estava querendo ser beijada e não sei mais o que.

— E não era verdade?

Ela voltou-se, indignada para Yvonne.

— Você também?

— Queridinha, você não conhece Clark. Se ele falou assim com você quer dizer que ele não a achou má. Ele é assim mesmo. Quando se mostra incrivelmente polido e supinamente hipócrita — em suma, a delicadeza em pessoa — quer dizer que está morrendo de tédio e diverte-se fingindo o que não sente.

— Ora! Mas você, já viu pretensão maior? Dizer que eu queria... queria...

Adquirir o direito de ser jovem e bela
usando VELAS ANTISSEPTICAS



EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL

— Escute, pela lei da franqueza, se você, não queria, devia dizer "não quero". Estava acabado. Mas a sua indignação mostrou claramente que ele tinha razão. Você não tinha coragem de dizer que queria... Preferiu o método hipócrita de dizer que não quer querendo.

Yvonne, mirando-se no espelho, disse:

— O'he quer um conselho? Bote de lado a hipocrisia que só assim conseguirá alguma coisa com ele. Quando quiser alguma coisa, diga: quero isso.

— Você não está vendo que isso é impossível? Como é que eu, agora, vou dizer a ele que quero sair com ele e tudo o mais?

— Dizendo. Sendo simples e natural e não sofisticada e tola.

— E se ele recusar?

— Se recusar, está acabado. Há muitas maneiras de recusar. Pelos meus hipócritas recusa-se com rodeios e a pessoa fica na incerteza. Assim, decide-se o caso logo.

Ela não podia concordar. Como haveria de criar coragem para agir daquela maneira? Deitou-se, insatisfeita, depois de uma noite que julgou estragada.

★

Dias depois notou que Clark estava saindo com Yvonne. Uma noite, sabendo que eles iam juntos ao cinema, esqueceu, na dança um passo e atrapalhou-se. Isso valeu-lhe uma repreensão do diretor de cena.

— Que é que há com você, menina? Resolva os seus problemas em casa. Enquanto estiver dançando, preste atenção na dança.

— Até logo, meu bem, disse Yvonne.

— Onde é que você vai?

— Sair. Estou utilizando os métodos que você desprezou, minha flor.

No dia seguinte ela não se conteve. Foi a Clark e disse:

— Se você pensa que está tendo algum efeito em mim sua estratégia, pode ficar certo de que fracassou. Eu não fico com ciúmes.

Ele riu.

— Menina, você é engraçada. Não há estratégia, meu bem. Yvonne me disse que tinha vontade de sair comigo. Eu não tinha objeções. Saímos. Você é que ficou danada da vida e vem com essa história de estratégia. Está confundindo novamente seus desejos com a realidade. Eu não tenho a menor intenção de enciumá-la.

Ela estava indignada.

— Epa! Espere aí antes de dizer todos os desaforos que está imaginando... Quer sair comigo, hoje?

— Um convite? Será possível?

— Realização da sua aspiração, não é verdade?

Mais tarde, ele disse a Yvonne: O negócio deu certo. Para vencer, meu bem, a pessoa tem que ser audaciosa... Yvonne sorriu: com toda aquela afetação de franqueza, quem era que estava usando estratégias? Pena que Clark gostasse daquela menina. Senão ele iria mostrar-lhe também um pouquinho de franqueza...

HISTÓRIA DE UMA...

(CONCLUSÃO DA PAG. 31)

Não quis ouvir mais nada e saiu. Não era propriamente o pagamento da despesa o que lhe interessava; mas, sim, o fato de ter bancado o ingênuo, o tolo, em ter ouvido uma história mentirosa, inventada à queima-roupa por um filante de bebida.

Entretanto eu achava a narrativa do desconhecido tão humana, tão estranhamente lógica, que resolvi averiguar depois, com mais calma. E na rua, por felicidade, encontrei o tal rapaz, encostado a uma parede, olhando

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
RECETO DO LABORATÓRIO DA GUANABITA

para o céu, numa atitude romântica de sonhador desiludido. Acerquiei-me dele, puxei uma conversa qualquer e, fazendo-me de seu conhecido de vista, indaguei-lhe com diplomacia algo a respeito de seu noivado trágico.

— Não, nada disso. O senhor está lamentavelmente enganado. Sou viúvo. Minha mulher morreu há oito dias, deixando-me três filhos pequenos. E é por isso que às vezes vou ao bar, beber qualquer coisa, afastar de mim as preocupações de todos os dias.

Sai quase correndo, envergonhado de mim mesmo, de meus próprios pendores detestáveis. E criei um ódio surdo, um rancor, contra o diabo do homem que me metera na cabeça, durante bom pedaço de tempo, que não existe destino — esse mesmo Destino, com D, cantado pelos poetas; mas tão somente uma lagarta, uma repelente lagarta, atravessando-se no caminho de nossa vida, mudando o rumo de nossa existência — um animal justamente como aquele indivíduo, filante de bebida, descarado e mentiroso, que merecia ser esmagado, triturado como uma lagarta, gorda e nojenta...

Gente conhecida

(CONCLUSÃO DA PAG. 29)

história épica, não é romântica. É uma história. As coisas vão acontecendo, vão acontecendo. Larguei o livro de Ruth Guimarães com aquela impressão de amizade de que já falei antes. E como não conheço a autora, nem sei se um dia a irei encontrar, quero lhe dizer isso daqui.

Mas não é só a linguagem que me agrada. Há trechos tão suavemente poéticos que é impossível deixar de lembrar. A lua de mel de Curiango e Joca. Mas isso fica para quem for fazer crítica, — e que com certeza saberá enxergar melhor. E com mais autoridade dirá que Ruth Guimarães também tem falhas. Mas isso é lá com eles. Para nós ela é uma narradora fascinante, que aparece para nos contar sua primeira história. Depois dessas virão outras, e outras. Dizem que já tem mais uma pronta. Deus me dê vida e saúde para escutar todas suas histórias, porque o plano dela é morrer de velha e escrever sempre.

Vida de perigos a vida da mulher

Sujeita continuamente às perturbações próprias de seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos, cujas irregularidades facilmente se transformam em graves males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima: se vem regularmente em dias certos e em quantidade certa, sem dores, cólicas, tonturas, enjôos etc., tudo está bem. Mas se aparece em abundância ou ao contrário, diminuído, irregular ou retardado, então urge providência imediata. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador Xavier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N.º 2 para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N.º 1 ou o Regulador Xavier N.º 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males, conservando-a a salvo de todos os graves e trágicos perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
AUMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

As férias de Hiram

(Continuação da pág. 33)

era inútil combatê-lo. Assim, seria mais conveniente obter alguns dados mais precisos, antes de se lançar na aventura. A moça, conforme apurara, morava num palacete escondido nos montes de Derbyshire.

Usando um expediente que figurava em muitas novelas, verificou que o proprietário da casa deixara a residência ao cargo de um procurador e que estava simplesmente alugada à família da moça. Resolveu visitar o procurador.

Eram preciosamente três horas quando o carro que o conduzia parou à porta de Julius Treffer.

— Mr. Treffer?

— Seu nome, por favor.

— Hiram Jones.

Com uma agradável sensação de prestígio ele notou que sua fama, em todas as ocasiões facilitava a obtenção do que desejava.

— Tenha a bondade de entrar. Vou avisar a Mr. Treffer que o senhor está aqui.

Poucos instantes depois surgia Julius Treffer um velhote de cabelos brancos e maneira jovial. Apertou-lhe a mão.

— Em que posso servi-lo?

Hiram pensou: Que direi?

— Trata-se do seguinte. Eu passei minhas férias, este ano, em Derbyshire...

Treffer levantou as sobrancelhas. Que tinham as férias do escritor a ver com ele?

— Um belo lugar.

— Sem dúvida. O senhor deve saber que eu tenho a mania dos lugares isolados. Há muito tempo vinha procurando uma casa, no campo, assim como uma que encontrei no Derbyshire.

Treffer começou a compreender.

— Trata-se de uma casa... nas colinas?

— Sim. Encantou-me. Descobri que o senhor era o procurador do proprietário e resolvi procurá-lo.

— O senhor sem dúvida está informado de que aquela casa está alugada?

— Sim. Porém como tenho muito empenho em comprá-la, pensei que o proprietário talvez se interessasse pela transação. Além do mais, não seria a primeira vez que alguém se inte-

ressa por uma casa ocupada, manifesta seu desejo de adquiri-la e...

— Sem dúvida, sem dúvida.

Julius Treffer se transformara. Adotara, logo, uma pose de negociante manoso. Queria extrair o maior lucro possível.

— Bem, o senhor compreende que uma transação feita desta maneira, em geral resulta lucrativa para o proprietário, isto é, uma vez que seu desejo de adquirir a casa foi manifestado espontaneamente...

— Decerto.

— Além disso, o senhor, já que se informou a respeito, deve saber que os habitantes daquela casa também tem considerável amor pela solidão. Trancam-se e mal saem.

Prisão de Ventre!

O MAIOR INIMIGO DA SAÚDE!

Purgar-se, quando atacado de prisão de ventre é ir contra a natureza. O resultado desta medida é agravar a má digestão e as dificuldades dos intestinos. É preciso ajudar a natureza, e as Pílulas Aloicas ajudam a natureza. Seu uso regular reeduca os intestinos, normalizando suas funções e desintoxicando o organismo envenenado pela fermentação dos detritos alimentares retidos por muito tempo. As Pílulas Aloicas lhe restituirão a saúde, o bom estar e a energia.

Pílulas ALOICAS



— Disseram-me isso. De fato, o lugar é ideal.

— Contudo, eu vou empenhar-me em obter o que o senhor



Falta a

"OUTRA PARTE"

...quando **MALZBIER da BRAHMA**
falta às suas refeições!



COMPLETA E EQUILIBRA
suas refeições

Record

BM-1

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA - PORTO ALEGRE

CABELO BRANCO?
LOÇÃO
Brilhante

Aos 50 como aos 20 anos

UM HOMEM PERFEITO

O homem deve alcançar a maturidade em plena posse de todas suas funções. Quando por excessos físicos ou intelectuais, seu sistema nervoso se desequilibra, sérios transtornos se manifestam, criando situações embaraçosas e desagradáveis. Entretanto, estes distúrbios não devem ser tomados muito a sério. Basta fortalecer o sistema nervoso com as **Pilulas Maratú** para que o organismo recupere seu vigor costumeiro, restituindo-lhe todos os predilecos de um homem perfeito.

PILULAS MARATÚ

deseja. Estou autorizado a fazer uma oferta sua ao proprietário?

— Decerto. Decerto.

— Posso... ir até quanto?

— Bem, ele me dirá quanto quer pela casa.

— Ótimo. Dar-lhe-ei uma resposta até amanhã.

— Muito bem.

— Onde poderei encontrá-lo.
— Aqui está meu endereço.
— Muito bem. Então até amanhã.

Antes dele sair, porém Julius Treffer disse:

— Sabe que fiquei muito contente com sua iniciativa?

— Por que?

— Para falar a verdade, eu não simpatizo muito com os atuais moradores.

— Algum motivo especial?

Julius Treffer hesitou. Depois concluiu:

— Não. Só que eles são uma gente muito exquisita.

★

Hiram saiu dali meditando. Uma gente muito exquisita... Que queria ele dizer com

Móveis Estofados de Luxo

Fabricamos sob encomenda a escolher por nosso album ou qualquer desenho.

Acceptamos também reformas.

Orcamento sem compromisso
MONTEIRO VARAO & Cia.
RUA JOAQUIM PALHARES, 73
— FONE 28 9916 —

aquilo? Suspeitava de alguma coisa? Evidentemente, pelo conteúdo da carta, ficava provado que a moça era prisioneira "deles", que estava constantemente sob sua vigilância. Mas quem era "eles"? As informações eram incompletas. Dizia-se que eram uma família, mas ninguém ia além disso. Os fornecedores só conheciam os empregados e os empregados, como os patrões, eram misteriosos.

Lembrou-se das perguntas que havia feito. O quitandeiro dissera:

— Escute, eu acho bom o senhor deixar de lado esse assunto...

— Por que?

— Olhe, quando essa gente veio para cá todos ficaram curiosos de saber quem eram.

— Nada mais natural.

— No caso, nada mais desastrosos. Quasi que eles matam um de nós...

— O que?

— E' o que estou lhe dizendo.

— Mas que foi que aconteceu?

— Nós queríamos saber quem morava lá. Por isso, oferecemos nosso serviço que foi prontamente e secamente recusado pelos criados. Eles mesmos veem buscar os produtos que necessitam na vila.

— Mas que história de tentativa de homicídio foi aquela?

— E' o que eu ia lhe contar. Um rapaz resolveu investigar. Disse que pulava o muro, e ia bater à porta da casa, com um pretexto qualquer. Queria ver a cara daquela gente.

— E conseguiu?

— Não, conseguiu foi um tiro na perna que quasi o aleijou. Resolveu processar os moradores mas o criado que o feriu

CAÇADORES de CABEÇA

CERTAS TRÍBUS SELVAGENS ANTIGAS, AS "CAÇADORES DE CABEÇA", ENFEITAVAM SUAS TABAS COM ESTES "ADORNOS"

SERIA VOCÊ CAPAZ DE EMBELEZAR SUA CASA COM TÃO TETRICOS TROFEUS?

NIAO!

Porque o seu conceito de beleza, o mesmo de suas amigas que a visitam, traz o cunho marcante da civilização refinada, que procura na perfeição estética a harmonia do conforto físico e espiritual.

Mostre a sua personalidade tornando o seu lar um recanto de bom gosto e finura, mantendo seus móveis sempre novos, elegantes e distintos, com o uso permanente do

Oleo de Peroba

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cine. Iúndia. Fones: 22-3110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas.

foi quem respondeu pelo caso. E foi absolvido, uma vez que o rapaz entrara na propriedade sem licença... Ele tinha todo o direito de supor que era um ladrão... e atirar.

Hiram estava boquiaberto.

— Mas... mas isso nunca se faz... E', de fato legal mas...

— Mas foi feito.

— Sem dúvida, a minha presença aqui, o meu pedido o surpreenderam...

— Um pouco.

— Então, peço-lhe que leia isto.

E deu-lhe a carta da moça.

A fisionomia do rapaz transformou-se. Enfim, o mistério! Ia saber a verdade, o que se oculta-

va atrás daquilo... Charles Morley ia explicar.

— E' minha noiva...

Hiram sobressaltou-se.

— Somos noivos secretamente. Os pais querem impedir o casamento. Levaram-na para lá. Simplesmente porque eu sou pobre... Como vê, uma história bem conhecida...

Hiram não cabia em si de espanto. Mas... e os criminosos... toda a sua fantasia pelical? os detalhes iam se arrumando, cada um em seu lugar. Os pais se isolavam para impedir que a moça realizasse o seu sonho...

O rapaz falava ainda, explicando a sua história. Mas Hiram estava longe, pensando em outra coisa. Pensava em uma casa que ele tinha se comprometido a comprar. No dia seguinte, recebeu um recado de

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
Do Mme. Campos...
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

Treffer. O dono aceitaria o negócio caso ele estivesse disposto a pagar mil libras pela propriedade. Irritado, Hiram respondeu:

— Muito caro. Não me serve.

E o episódio se encerrou com uma conclusão de Treffer:

— Escritores temperamentais e caprichosos...

E a moça em apuros? E o noivo pobre? Hiram, com bom senso recobrado, deu o conselho óbvio.

— Ora, espere que ela complete vinte e um anos. Se ainda quiserem casar, então — casem!

★

A hora marcada para o encontro com Charles Morley se aproximava, porém Hiram ainda tinha algumas providências a tomar. Antes de ir ver o rapaz, ele queria conversar com um amigo seu, que trabalhava na polícia.

— O inspetor Graham está? perguntou a um guarda à porta de Scotland Yard.

— Está de férias, informou o guarda.

Hiram agradeceu e saiu. Teria que agir sozinho. E justamente no caso mais importante de sua vida... Todas as vezes que ele estava planejando um novo romance policial, vinha consultar seu amigo a respeito da técnica policial afim de não cair nos mesmos erros da maioria dos seus colegas escritores que atribuíam à Scotland Yard toda a espécie de erros crassos simplesmente porque desconheciam o estado de aperfeiçoamento de seus métodos.

Mas Hiram, agora que ia ter que lidar com criminosos verdadeiros, de carne e osso, não podia contar com a ajuda do amigo. E' sabia bem que Graham, nas férias, escondia-se em lugares onde era impossível encontrá-lo, para gozar tranquilamente o seu repouso merecido.

Inutil procurá-lo. O mais certo era encontrar-se com Charles Morley, conforme o combinado.

O rapaz era alto e louro. Tinha compleição forte.

— Charles Morley

— Sim...

Hiram fe-lo sentar-se.

PÍLULAS DE BRISTOL

Vegetais e açucaradas

Combatem suavemente a preguiça intestinal.



Perfume
Rêve Rose
de
GALLY

Água de Colônia
Brilliantine
Extrato
Loção
Óleo Perfumado
Pó de Cheirar

O sonho côr de rosa dos perfumes!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

Tristão e Isolda

Foi um homenzinho neurastênico, vaidoso, desonesto, nunca pagou uma dívida e sempre as teve em profusão, renegou o próprio pai e fez da vida de sua mulher um inferno — assim descreve Deems Taylor "o Monstro", que escolheu para assunto de uma de suas crônicas. E conclui: "Mas este meu personagem foi um gênio e chamou-se Richard Wagner".

M U S I C A

Ano passado, quando se falou em inaugurar a temporada lírica com "Tannhäuser" não faltou quem se lembrasse do "monstro" de Taylor sobretudo com referência às suas ideias políticas, nas quais Hitler

encontrou inspiração suficiente para entronizá-lo como precursor do nazismo, "honra" perfeitamente dispensável. Aliás, o culto Bayreuth, cidadezinha onde, em teatro especial, admiradores de Wagner ouvem, religio-

samente, sem aplaudir, as suas óperas, cantadas por artistas especializados, não podia deixar de agradar ao fuchrer que amava a encenação sugestiva. Contudo, livre das associações desagradáveis, o primeiro espetáculo da temporada lírica do presente ano constituiu um autêntico sucesso, com uma versão cuidada do imortal poema de amor — "Tristão e Isolda".

O drama lírico, forma na qual um único artista unifica o melodrama, foi uma solução maravilhosa porém demasiado pessoal para criar discípulos. Richard Strauss, wagneriano, o último dos românticos, apesar de sua fidelidade ao "mestre", quebrou a concepção original, conservando apenas uma parte do plano que Wagner esboçou e executou um libreto da autoria do próprio compositor, que exigia um cenário de sua invenção e cobria os versos com o manto musical, tornando a ópera de carácter sinfônico-dramático, pela predominância do recitativo e pela utilização dos motivos condutores, funcionando como temas desenvolvidos em estruturas amplas e sólidas.

Em "Tristão e Isolda", o amor aparece como fatalidade e traz consigo a morte. Brangane é o instrumento do destino: o filtro põe abaixo os freios da honra e num ímpeto extraordinário, os duetos de amor se sucedem, interrompidos pela morte.

A direção de Szenkar foi, sob todos os aspectos, louvável. Sem dúvida, uma partitura de Wagner requer, antes de tudo, um bom regente, em virtude da importância dada ao comentário sinfônico à ação.

Especial menção merece, tam-

Falamos todos por experiencia própria:



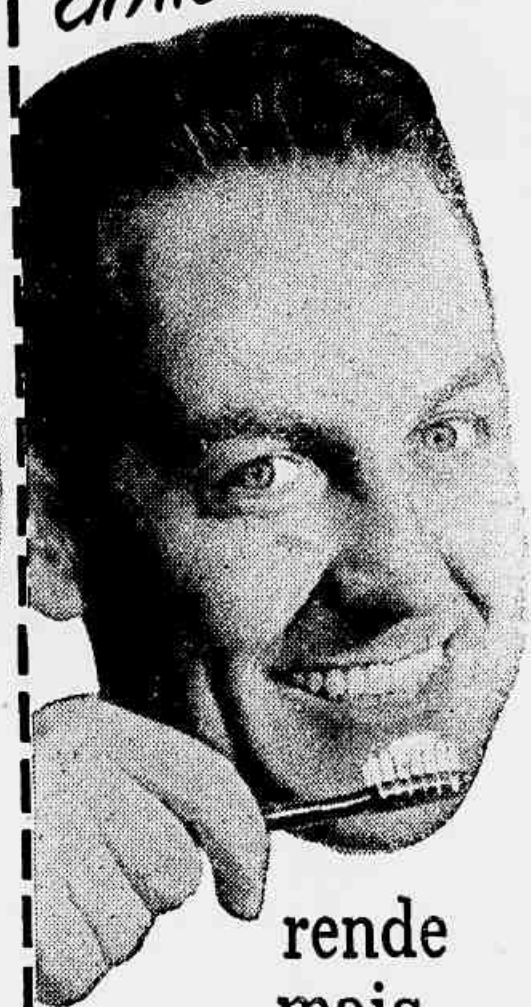
limpa mais

Kolynos restitue ao sorriso o seu encanto natural. Com a ajuda da escova seca, a sua borbulhante espuma atinge todos os recantos da boca. Kolynos limpa os dentes sem arranhar o esmalte.



agrada mais

Kolynos encanta, refresca a boca, perfuma o hálito... É que Kolynos não é um simples dentífrico: é um creme dental antisséptico, agradável a adultos e crianças.



rende mais

Claro que rende mais! Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

este creme dental antisséptico...

Todos estão de acordo: para um belo sorriso não há como Kolynos.



o creme dental antisséptico

basta um cm. na escova seca!

A TOSSE REBELDE ENFRAQUECE OS PULMÕES
Evite esse risco! Para bronquite, tosse e coqueluche, use
PEITORAL DE ANACAHUITA
Composto

Senhoras! Se a Natureza Falha
MENAGOL
REGULAR

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.º Lote

Fique sedutora! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO
VINHO CHICO MINEIRO

NÃO FAZ REGIME, NÃO FAZ MAL E É USADO HA MAIS DE MEIO SÉCULO
MULTIFARMA — Praça Patriarca, 26 — Sala 6 — São Paulo — Remessa pelo reembolso postal

S.S. Publicidade

DEPURE O SEU SANGUE

Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.

SALSAPARRILHA DE BRISTOL

(Medicação auxiliar no tratamento da Sífilis)

bém, Germain Torel que conseguiu uma marcação justa e equilibrada, muito diferente do atropelo do "Tannhauser" do ano passado com um "regisseur" do Metropolitan, dado como eficientíssimo.

Nem todos os cantores conseguiram atingir e manter aquela grandeza exigida do wagneriano. Svenholm foi, sob esse aspecto, quem mais se destacou, na dramatização impressionante do terceiro ato, em que surgiu, depois do evidente embaraço dos atos precedentes, delineando com vigor a angústia de Tristão. Herbert Janssen também nesse ato mostrou-se perfeitamente ambientado no clima wagneriano. Já Astrid Varnay dotada de tantas belas qualidades, pareceu-me irregular. A sua Isola faltavam sobretudo aquela se-

gurança, aquela voz repousada e trágica, que fez a glória de Kisten Flagstadt. Contudo, isso não significa que ela se saísse mal. Dotada de voz ductil e de belo timbre, conseguiu agradar. Ficou evidente, sobretudo, a extensão limitada de seus recursos, no final: a morte de Isolda carecendo, vigor e dramaticidade necessários. A melodia impetuosa foi traduzida, timidamente, em evidente contraste com a batuta de Szenkar que, ali, conseguiu levar a orquestra a um verdadeiro climax.

Alvary foi um rei Marcos discreto. Chinelli e Asdrubal Lima encarregaram-se de pequenos papeis. Margaret Harshaw, no papel de Brangane, também nos pareceu um pouco hesitante. Dona de uma voz poderosa, ela

mostrava-se demasiado preocupado com o maestro e com os próprios movimentos para tirar

maior rendimento das suas qualidades, que não são poucas.

Roberto Lyra Filho

TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 Sab. Mo
Home
Rua
Cidade Estado

R5



DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fatura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pilulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pilulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.



Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

A VENDA EM TODO O BRASIL

PaTerraZ

**Desprende, joga
ou cai a sua**

DENTADURA POSTIÇA?

FIXODENT, um pó aperfeiçoado para polvilhar as dentaduras postizas, conserva-as com maior firmeza na boca. Assim elas não desarticulam, não jogam e não caem. FIXODENT não deixa nenhuma sensação pegajosa. É a cárie (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODO TOLOGIA AMERICANA LTDA.
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

FEMININAS

(Conclusão da pág. 51)

Não faça caretas! Observe os vincos que elas deixam no seu rosto! E além disso, não julgue que fica mais graciosa fazendo caretas ao falar!

Depois de algum trabalho rude, passe limão nas mãos. Elas ficarão claras e macias.

Tenha sempre pelo menos duas tonalidades de "make-up",

incluindo base, pó de arroz, "rouge", "baton", cosmético para os olhos, etc. O mais claro você usará durante o dia e o mais escuro à noite.

Antes de passar o baton nos lábios, desenho e seu contorno com um lapis especial; depois encha a parte superior com o baton e comprima-a sobre a inferior, retocando-a sem seguida.

Um "make-up" perfeito só é obtido quando a pele está completamente limpa. Antes de aplicar um novo "make-up" remova o anterior, usando algodão humedecido em água, e embebido em tonico para a pele, juntamente com um bom creme de limpeza.

Tenha o cuidado de verificar se não existem "spbras" de creme nos seus cabelos. Isso lhe daria um aspecto desagradável, tão desagradável quando o do baton nos dentes.

Um trono por uma rosa

(Conclusão da pág. 47)

também pelo interior expedições para capturar indígenas.

Extintas as últimas pelo Marquês de Pombal, em 1759, restou a escravidão negra, introduzida no Brasil em 1549.

Em 1755, — apaga Portugal o estigma infame. Por trás dos bastidores, os portugueses continuaram, porém, no Brasil, o comércio dos "fôlegos vivos".

Os negros, máquinas dos senhores, — cujo lubrificante era o açoite — fizeram a obra da colonização e cooperaram na evolução da economia nacional.

Eram o ouro negro da época; os brasileiros cultos clamavam em favor deles.

José Bonifácio intentara o projeto de libertação.

Veio a proibição do tráfico, pacto celebrado com a Inglaterra. Trangrediu-se, no entanto.

A causa piorou até, pois que, surpreendidos em alto mar, os traficantes lançavam os escravos dos porões dos navios negreiros ao oceano.

No dobrar do século XIX, Euzébio de Queiroz fez lei proibição do tráfico.

Em 1864 emanciparam-se os africanos que entraram no Brasil após a execução do "bill" Aberdeen. Prosseguindo a marcha para a abolição, pouco depois os que combateram no Paraguai eram considerados livres.

Em 1871, D. Isabel liberta os filhos dos negros, certa de que esta lei, por ser injusta com os que nasceram na véspera, teria outra a seguir para corrigi-la. Veio, em 1885, a dos sexagenários. Mas, o Brasil intelectual e humano sente-se ainda humilhado ante a civilização; Joaquim Nabuco aparece e com ele o aticismo de uma nova nação. Sua atitude é qualquer cousa de singular, de grande, de extraordinário. E a heroica Isabel compreendeu.

No momento em que começava a ingressar no caminho da glória, tendo assinado a Lei-Aurea, disse a Cotegipe: "Ganhei uma vitória!" — E ele retrucou: — "Mas perdeu um trono". Que importava? Isabel nunca fôra mais brasileira do que nessa hora.

Isabel preferiu ver a grandeza da Pátria a ostentar o capricho de reinar.

Redentora é o termo que a define. Isabel merece assim ser cognominada em face da ex-



VINHO RECONSTITUINTE "GRANADO"

TÔNICO NUTRITIVO ESTIMULANTE FORTIFICANTE

pressão com que mais tarde, em exílio, ao lhe ser dito que aquele ato seu fôra a perda da coroa (motivada pela crise econômica), animando os liberais à proclamação da República, respondeu: "Não me arrependo do que fiz. Embora perdendo um trono, satisfizera a si mesma através da chama do seu amor ao Brasil".

Bem mulher: sensível humana e, sobretudo, patriota, despegada de ambições, de bom grado a Princesa sonhadora como nas lendas, trocava um trono pela ROSA DE OURO que lhe dera o Papa Leão XIII.

CORTE E COSTURA

Aproveite suas horas de folga para aprender por correspondência, SEM SAIR DE CASA, uma profissão que de muito lhe valerá para o futuro. Torne-se UMA PERF. ITA MODISTA graças ao nosso sistema exclusivo e nossa organização superior. Poderá exercer sua nova profissão logo depois de iniciar os estudos. Mensalidades suavisadas. Envie-nos hoje mesmo o coupon abaixo:

GRATIS
Cada aluna receberá: Figurinos moderníssimos - Carteira de Identidade - 100 Cartões de Visita - Serviço especial de consultas.

INSTITUTO POPULAR DE ENSINO 557
Caixa Postal 5317 - São Paulo
Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME:

RUA: N.º

CIDADE:

ESTADO:

VACINAS DE OVO NO COMBATE A GRIPE

(Conclusão da pág. 17)

no ar poderão causar agudos padecimentos físicos e os mais alarmantes sintomas.

Foi uma planta de uma espécie diferente que permitiu ao laboratório de pesquisas do Hospital St. Mary levar a efeito uma das mais sensacionais descobertas da medicina dos últimos tempos — a penicilina. Todos já

conhecem a história de como o Dr. Fleming, ocupado em outras experiências, olhou casualmente para uma cultura que havia abandonado por ter criado mofos; como verificou que o mofos destruía as bactérias nas proximidades e finalmente como cultivou o mofos dele extraíndo uma substância capaz de destruir os mais perigosos germens. Descobriu o que os médicos procuravam há muitas gerações, um antisséptico que atacando a infecção não prejudica os corpúsculos brancos do sangue.

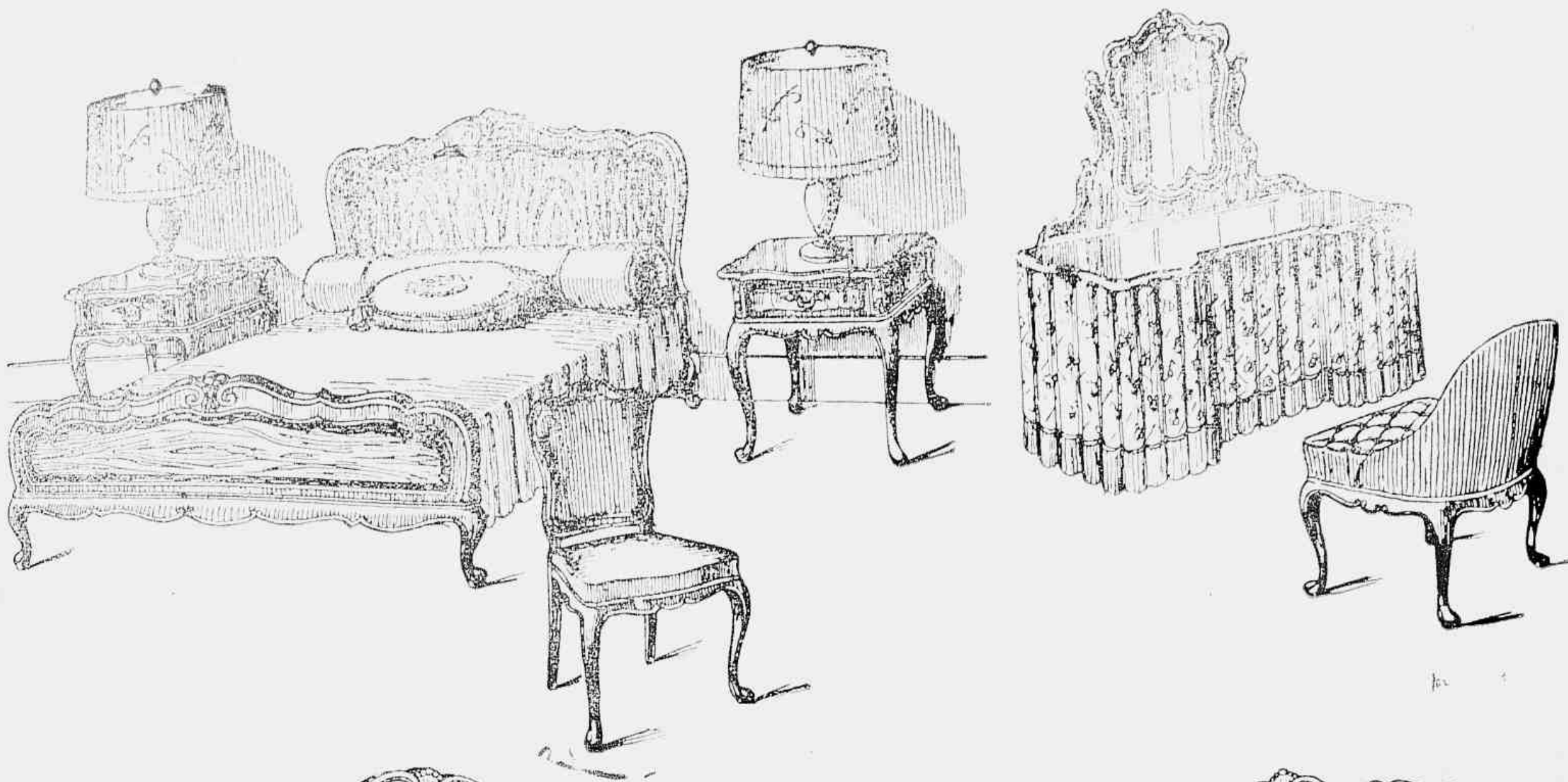
A penicilina é, como já tivemos ocasião de ver, apenas um de uma longa série de fatores que contribuem para preservar a vida, todos eles descobertos neste grande hospital. Quando o St. Mary construir o seu novo edifício — e espera poder fazê-lo em breve com os donativos dos milionários e os niqueis dos cidadãos humildes — a colaboração entre os laboratórios de pesquisas e o hospital poderá se fazer em bases mais amplas, contribuindo desta forma para o maior desenvolvimento da medicina mundial.



CABELLOS BRANCOS

CASPA Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE



Dormitorio de luxo

O dormitorio de que damos acima o modelo esquemático, constitui um notável mobiliário para um grande palacete residencial, podendo ser trabalhado em madeira clara, que mais condiz com as linhas curvas da cama e dos armários.

Entre as duas partes laterais do guarda-roupa estão postas as gavetas, que substituem perfeitamente o camiseiro. A cômoda deve ser posta em baixo de um espelho de bordas rendilhadas. O guarda-vestido é largo e simples. Os criados-mudos quadrados e altos. A penteadeira, com cobertura de espelho, deve ser forrada por uma seda pesada e com estampas de motivos florais. Uma cadeira lisa e uma poltrona estofada em cetim completam a peça.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIGARROS

ELMO

CIA DE CIGARROS SOUZACRUZ
RIO DE JANEIRO

ELMO

CIA DE CIGARROS

Souza Cruz